

ISSN 0101-7993 - PUBLICAÇÃO MENSAL • R\$ 4,00

# CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

188,

AMÉRICA CENTRAL:  
A REVOLUÇÃO CONSERVADORA

**LULA, BRIZOLA  
E BETINHO ANALISAM  
OS 10 ANOS DE  
REDEMOCRATIZAÇÃO**

**DENÚNCIA:  
CRIANÇAS ESCRAVAS  
NO BRASIL**

**CINEMA CUBANO:  
REFLEXO CRÍTICO  
DA REALIDADE**

**CIDADES: A CRISE DA MORADIA**

# VEM AÍ

## LANÇAMENTO NA BIENAL DO LIVRO

(Rio de Janeiro, Agosto-1995)

São 272 páginas de  
informação que não podem  
faltar na sua estante ou  
mesa de trabalho

**IMPORTANTE**  
Indicado para  
pesquisas  
escolares

**RESERVE O SEU**

Enviar correspondência para:  
Editora Terceiro Mundo Ltda.  
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória  
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - CEP 20241-180  
Tel.: (021) 221-7511 / Fax: (021) 252-8455



- HISTÓRIA
- GEOGRAFIA
- HISTÓRIA DOS ESTADOS
- AIDS
- AMAZÔNIA
- COMUNICAÇÃO
- EDUCAÇÃO
- EMPREGO
- HABITAÇÃO
- ÍNDIOS
- MEIO AMBIENTE
- MULHERES
- RELIGIÃO
- SAÚDE
- VIOLÊNCIA
- POPULAÇÃO
- POBREZA
- COMUNIDADES DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA
- MERCOSUL

# ////// POSTAL NORTE SUL /////

## O POVO BRASILEIRO

Darcy Ribeiro

O livro mais ambicioso de um dos nossos mais atuantes intelectuais e políticos. Reúne reflexões e estudos de mais de 30 anos para mostrar como os brasileiros se vieram fazendo a si mesmos para serem o que hoje somos. A busca da identidade nacional por um autor que confessa escrever com o propósito de influir sobre as pessoas e modificar a realidade.

470 pp **Cód. 443**  
R\$ 22,00



## O BRASIL COMO PROBLEMA

Darcy Ribeiro

As questões brasileiras vistas com os olhos "indignados" de Darcy. Uma análise apurada dos artifícios da "indoutrinação direitista" e dos "velhos discursos da esquerda". O antropólogo propõe um novo discurso, "socialmente responsável e suficientemente ambicioso para definir os desígnios mais altos para o Brasil".

326 pp **Cód. 444**  
R\$ 20,00



## LAMARCA, O CAPITÃO DA GUERRILHA

Emiliano José e Oldack de Miranda

Trajetória do militar que abandonou o Exército para aderir à luta armada contra a ditadura militar nos anos 70. O livro serviu de base para o filme sobre a vida de Carlos Lamarca.

169 pp **Cód. 445**  
R\$ 20,00

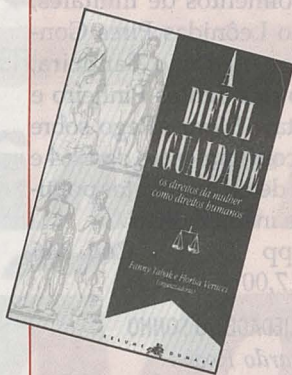


## PÓS-NEOLIBERALISMO

As políticas sociais e o Estado democrático Emir Sader e Pablo Gentil (organizadores)

Análise sobre o neoliberalismo, que prega a redução da presença estatal na economia. Francisco Oliveira, Goran Therborn, Perry Anderson, entre outros, criticam o sistema, chamado de inimigo da cidadania.

205 pp **Cód. 449**  
R\$ 16,20

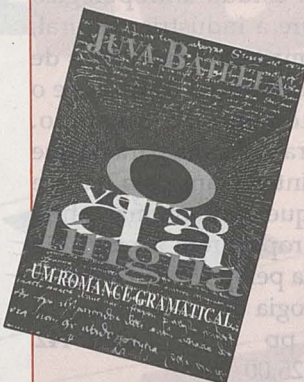


## A DIFÍCIL IGUALDADE

Fanny Tabak e Florisa Verucci (organização)

Presente nas constituições da maioria dos países civilizados, a igualdade entre homens e mulheres ainda está longe de ocorrer. O livro reúne textos de pesquisadores do Instituto Internacional de Sociologia Jurídica de Oñati, Espanha.

181 pp **Cód. 441**  
R\$ 16,00



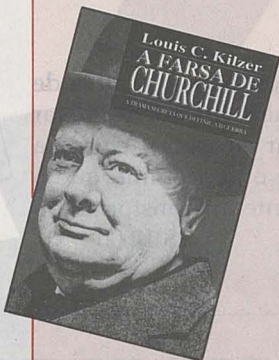
## O VERSO DA LÍNGUA

Um romance gramatical

Juva Batella

Os verbos, sujeitos e substantivos deixam de ser acessórios para a criatividade do autor e ocupam o lugar de personagens principais. Luis Fernando Veríssimo define o livro de Batella, de 24 anos, como um "romance hiper-realista".

186 pp **Cód. 453**  
R\$ 15,00



## A FARSA DE CHURCHILL

A trama secreta que definiu a II Guerra

Louis C. Kilzer

O jornalista revela, baseado em longa pesquisa, que o primeiro-ministro inglês poderia ter abreviado o maior conflito da História, e suas conseqüências, se tivesse apoiado generais alemães que queriam derrubar Hitler entre 1939 e 40.

357 pag **Cód. 446**  
R\$ 29,00



## A UNE EM TEMPOS DE AUTORITARISMO

Maria de Lourdes de A. Fávero

Histórico das lutas dos estudantes diante da ação do governo no ensino, que usava a educação para sustentar o "projeto de sociedade capitalista", e da repressão política imposta pela ditadura militar.

218 pp **Cód. 455**  
R\$ 20,50

**ATENÇÃO:** Se, por motivo de insuficiência de estoque, faltar algum livro de seu pedido, a entrega será feita parcialmente e completada posteriormente.

**O EXÉRCITO SOVIÉTICO  
NA II GUERRA MUNDIAL**

Leonid Ieremeev

A humanidade comemora os 50 anos da vitória da guerra contra o nazismo. A participação da União Soviética nessa vitória foi, sob todos os aspectos, decisiva. O livro é um relato dramático e fartamente documentado desse momento histórico.

127 pp                      **Cód. 440**  
R\$ 13,00

**ENSINANDO A ENSINAR**

Doli Reiner

Ganha cada vez mais força em empresas a reciclagem de profissionais, procurando atualizar seus conhecimentos. O livro, voltado para instrutores, procura responder três perguntas-chave: quem será o público-alvo, o que precisa aprender e como ensinar.

61 pp                      **Cód. E-452**  
R\$ 18,40

**DRAMATIZAÇÃO PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA**

Manoel Ricardo Simões

Professor de geografia apresenta proposta alternativa de ensino da matéria. Segundo ele, o mestre deve incentivar nos alunos a vontade de representar na escola temas da disciplina, aumentando o interesse e permitindo que o educador reforce seu papel de "agente da transformação social".

102 pp                      **Cód. 454**                      R\$ 12,00

**VISÕES DO GOLPE - 1964**

Maria Celina D'Araújo,  
Gláucio Ary D. Soares e Celso Castro (organização)

Depoimentos de militares, como Leônidas Pires Gonçalves, Antônio Bandeira, Enio dos Santos Pinheiro e Gustavo Moraes Rego, sobre os acontecimentos de 1964 e seus desdobramentos políticos e institucionais.

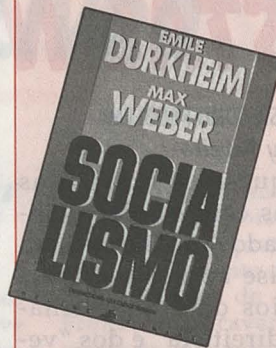
256 pp                      **Cód. 346**  
R\$ 17,00

**A SOCIEDADE DO SONHO**

Everardo Rocha

Um estudo antropológico sobre a indústria cultural, os mistérios dos meios de comunicação de massa e o fenômeno do consumo. Obra indicada para os que se interessam pelo tema e os que estudam marketing e propaganda a partir de uma perspectiva da Antropologia do Consumo.

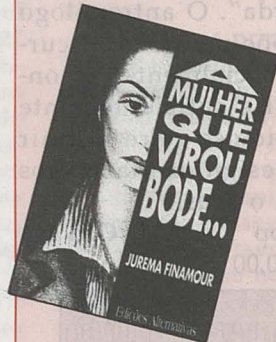
232 pp                      **Cód. 442**  
R\$ 25,00



**SOCIALISMO**

Luiz Carlos Fridman (organização)  
Em textos inéditos em português, Émile Durkheim e Max Weber (autores clássicos da Sociologia) discorrem sobre o socialismo, as possibilidades e as diferentes vias de construção de uma sociedade baseada na justiça social plena.

128 pp                      **Cód. 344**  
R\$ 13,00



**A MULHER QUE VIROU BODE**

Jurema Finamour

Livro de memórias da brasileira que participou ativamente da política, exilou-se, correu mundo, voltou a seu país e foi presa. Depoimento comovido.

328 pp                      **Cód. 407**  
R\$ 20,00



**CHATÔ, O REI DO BRASIL**

Fernando Moraes

A vida de um dos brasileiros mais poderosos e controvertidos deste século. Dono de um império de quase 100 jornais, revistas, rádios e TVs, Assis Chateaubriand atuou como um cidadão acima do bem e do mal entre as décadas de 1910 e 1960.

732 pp                      **Cód. 435**  
R\$ 31,00

Nome: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_  
 Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_  
 Profissão: \_\_\_\_\_

Assinale a forma de pagamento do(s) seu(s) pedido(s):

( ) Por telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)

( ) Cheque(s) nominal(ais) em anexo à Editora Terceiro Mundo Ltda.

( ) Vale Postal - Agência Lapa

( ) Pagarei por reembolso postal                      **VALIDADE 20/09/95**

( ) autorizo débito no meu cartão \_\_\_\_\_  
 que tem validade até \_\_\_\_ / \_\_\_\_ no valor de R\$ \_\_\_\_\_

Cartão nº: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Aceitamos todos os cartões de crédito

\_\_\_\_\_  
 /       /  
 \_\_\_\_\_  
 Data                      Assinatura do comprador

Código	Quantidade

Cadernos 188

Enviar para **Editora Terceiro Mundo Ltda.**  
 Depto. de Assinaturas - Rua da Glória, 122/1º andar  
 Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241-180  
 Peça também pelo tel. (021) 221-7511 ou fax: (021) 252-8455

# MONTE SUA BIBLIOTECA GRÁTIS

Apresente, todos os meses, pelo menos 4 pessoas para conhecerem nossas revistas. Podem ser seus amigos(as), alunos(as), professores(as), colegas de curso ou trabalho.



COMO FUNCIONA E COMO VOCÊ GANHA  
As pessoas indicadas receberão 1 exemplar (de arquivo) da revista. Para cada uma que se tornar assinante você ganha 1 livro de sua escolha, dentre os livros brinde do mês.

## INDICAÇÕES

**1** Nome: \_\_\_\_\_  
End.: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

**2** Nome: \_\_\_\_\_  
End.: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

**3** Nome: \_\_\_\_\_  
End.: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

**4** Nome: \_\_\_\_\_  
End.: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

## REMETENTE

Se dentro de até 6 meses algum indicado tornar-se assinante por intermédio de mala direta oriunda exclusivamente desta promoção, desejo como brinde, pela ordem:

**Código de brinde**

1º (.....) 2º (.....) 3º (.....)

Nome: \_\_\_\_\_  
End.: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Sou:  Leitor de banca  
 Assinante da revista:  CTM  ECO  
 Indicado por leitor de:  CTM  ECO

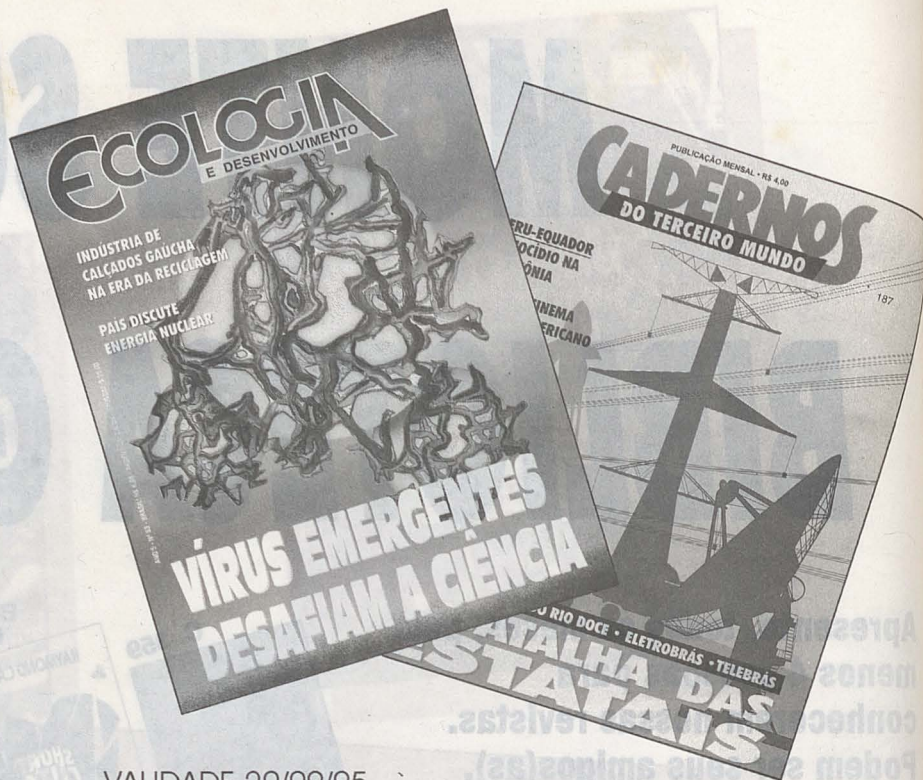
Assinatura do remetente \_\_\_\_\_

Enviar para editora Terceiro Mundo Ltda.  
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória  
CEP 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ  
Depto de assinaturas - FAX (021) 252-8455

### IMPORTANTE:

1 - No caso de duplicidade de indicados prevalece a primeira.  
Após o prazo, será considerada como indicação, a do 2º remetente.  
2 - Com a finalidade de aumentar as probabilidades de assinatura, o remetente pode mandar mais nomes em relação anexa.

# Assine as revistas que somam na sua informação.



VALIDADE 20/09/95

## PREÇOS E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

DESCRIÇÃO DAS OPÇÕES	À VISTA	A PRAZO
Assinatura anual de "cadernos" ou "Ecologia"	<b>A</b> R\$ 41,00	<b>B</b> 2 X de R\$ 23,00 p/ 30/60 dias
Assinatura de 2 anos de "cadernos" ou "Ecologia"	<b>C</b> R\$ 82,00	<b>D</b> 3 X de R\$ 30,00 p/ 30/60/90 dias
Assinatura anual de "cadernos" + "Ecologia"	<b>E</b> R\$ 82,00	<b>F</b> 3 X de R\$ 30,00 p/ 30/60/90 dias
Assinatura de 2 anos de "cadernos" + "Ecologia"	<b>G</b> R\$ 163,00	<b>H</b> 4 X de R\$ 45,00 p/ 30/60/90/120 dias

## CUPOM DE PEDIDO PARA UM AMIGO

cadernos  Ecologia

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

**Editora Terceiro Mundo Ltda. - Deptº de Assinaturas**  
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - CEP 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ  
PEÇA TAMBÉM PELOS TELS (021) 221-7511  
OU PELO FAX (021) 252-8455

## MEU PEDIDO DE:

Assinatura "cadernos"  Assinatura "Ecologia"

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Minha opção de pagamento é: (A) (B) (C) (D)

(E) (F) (G) (H)

A opção do meu amigo é: (A) (B) (C) (D)

(E) (F) (G) (H)

Estou efetuando meu pagamento por:

Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.

Reembolso Postal

Por Telefone (fornecer o nº do cartão de crédito).

Vale Postal Ag. Lapa

De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão

de crédito: \_\_\_\_\_, que tem validade até \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

(nome do cartão)

Nome do titular do Cartão

\_\_\_\_\_

Nº do Cartão

\_\_\_\_\_

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Comprador

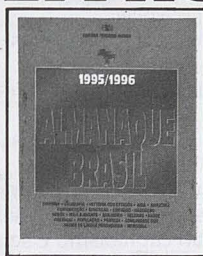
# VENHA PARA A Rede da leitura e ganhe bons livros todos os meses

A cada novo  
assinante  
que apresentar  
você ganha:

1 livro brinde, dentre os  
quatro livros brinde deste  
mês, para 1 assinatura  
anual das revistas, com  
pagamento à vista, ou  
para cada assinatura por  
2 anos, à vista ou a prazo;  
e mais;

- 10% de desconto na compra de 1 a 3 livros desta Mala Direta ou
- 15% de desconto na compra de 4 livros ou mais.
- Lembramos que você pode apenas apresentar novo(s) assinante(s) como também somente comprar livros, só que, os descontos no preço dos livros só serão válidos mediante a apresentação de, pelo menos, 1 assinatura, mesmo que seja a do próprio remetente.

## LIVROS BRINDE DO MÊS



### ALMANAQUE BRASIL 95/96 (2ª EDIÇÃO)

Obra apresenta dados geográficos, históricos e sociais do país, se constituindo numa fonte de consulta para estudantes e profissionais. Reúne textos de jornalistas e estudiosos sobre a situação brasileira em áreas como educação, saúde, comunicação, emprego e habitação, entre outras.

261pp Cod. 318 R\$ 30,00



### O MITO MODERNO DA NATUREZA INTOCADA

Antonio Carlos Diegues

Relações simbólicas entre o ser humano e a natureza nas áreas de proteção ambiental. Reservas e parques são habitados por povos que detêm uma sabedoria de conservação e uso de recursos que têm muito a ensinar ao civilizado.

163pp Cod. E-475 R\$ 13,00



### POR TRÁS DA SAÚDE

Krishnamurty Sarmiento

Mais do que colocar o dedo na ferida, o livro usa o bisturi da consciência profissional e política para estabelecer um verdadeiro resgate da indignação. Mas como indignar-se só não basta, o autor apresenta em vários dos seus capítulos propostas concretas, muitas até bem simples, desde que haja vontade política, para superar graves problemas de saúde no Brasil. É indicado para médicos, professores e estudantes de medicina, vestibulandos da área biomédica e leitores interessados na questão da saúde.

220pp Cod. 494 R\$ 15,00



### EMAGREÇA COM SAÚDE SEM FAZER DIETA INSANA

Julio Diogo

O livro é um guia de alimentação saudável indicado para gordos e magros. Segundo o autor, a melhor maneira de emagrecer, ou de manter a saúde em dia, é através da mudança dos hábitos alimentares. São 192 páginas com sugestões de dietas, tabelas de calorias e vitaminas encontradas nos alimentos e outras informações importantes para quem deseja alimentar-se bem. Não se trata de mais um livro de dieta:

ao contrário, é até uma correta crítica às dietas da moda.

192pp Cod. 495 R\$ 10,00

#### ATENÇÃO!

Promoção válida somente para assinaturas feitas diretamente com a editora por intermédio desta mala direta ou pelo telefone mencionando o código desta promoção, que é "ANB21".

**ECOLOGIA**  
E DESENVOLVIMENTO

**CADERNOS**  
DO TERCEIRO MUNDO

REVISTA DO  
**Mercosul**

**Quanto mais assinantes você apresentar, mais livros vai ganhar, além de descontos na compra de livros. Comece ainda hoje e descubra as vantagens de participar da Rede da Leitura**

**Ligue grátis 0800-257511 ou peça pelos cupons a seguir  
Ao ligar mencione o código desta promoção: "ANB-2"**

# 10% de desconto na compra de 1 a 3 livros.

# 15% na compra de 4 ou mais

## Descontos válidos mediante a apresentação de pelo menos 1 assinatura

### OS LIVROS BRINDES DA PÁGINA ANTERIOR TAMBÉM ESTÃO À VENDA

#### DRAMATIZAÇÃO PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

*Manoel Ricardo Simões*  
Professor de geografia apresenta proposta alternativa de ensino da matéria. Segundo ele, o mestre deve incentivar nos alunos a vontade de representar na escola temas da disciplina, aumentando o interesse e permitindo que o educador reforce seu papel de "agente da transformação social"  
102pp **Cod. 454**  
R\$ 12,00

#### PÓS-NEOLIBERALISMO

As políticas sociais e o Estado democrático

*Emir Sader e Pablo Gentil (organizadores)*

Análise sobre o neoliberalismo, que prega a redução da presença estatal a economia. Francisco Oliveira, Goran Therborn, Perry Anderson, entre outros, criticam o sistema, chamado de inimigo da cidadania.  
R\$ 19,30  
205pp **Cod. 449**

#### MANUAL LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

*Moema L. Viezzer e Osmar Ovalles*  
História, pesquisa, eventos, tecnologia, políticas educacionais, prevenção da degradação da natureza e várias propostas de atividades práticas. O objetivo é possibilitar a participação consciente dos diversos atores sociais que interferem no meio ambiente.  
192pp **Cod. 462**  
R\$ 19,80

#### O XANGÔ DE BAKER STREET

*Jô Soares*  
O primeiro romance do humorista tem trama policial, passa-se no Rio de Janeiro de 1886 e envolve, entre outros personagens, a célebre atriz francesa Sarah Bernhardt, o detetive Sherlock Holmes, o imperador Pedro II, prostitutas cariocas e a intelectualidade brasileira da época.  
352pp **Cod. 467**  
R\$ 24,00

#### A ERA DOS EXTREMOS

*Eric Hobsbawm*  
O historiador descreve as transformações cruciais ocorridas no mundo entre 1914 e 1991. Com visão crítica, Hobsbawm analisa, entre outros, as consequências das duas guerras mundiais, a consolidação do capitalismo e seus efeitos sobre o Terceiro Mundo e a queda do comunismo na Europa Central.  
560pp **Cod. 497**  
R\$ 34,50

#### O PRÓXIMO PASSO

*Ciro Gomes e Roberto Mangabeira Unger*  
Uma alternativa prática ao neoliberalismo  
Ciro Gomes e Roberto Mangabeira Unger  
O neoliberalismo compungido, misturado com o discurso mentiroso do "tudo pelo social", virou a língua franca da política brasileira. Giro Gomes e Roberto Mangabeira Unger rompem com este ideário em nome de um desenvolvimento democratizante. Traçam as grandes linhas de uma alternativa  
160pp **Cod. 493**  
R\$ 15,00

#### EM BUSCA DA ESCOLA IDEAL

*Neda Lian Branco Martins*  
Na busca da escola ideal estão todos, professores, pais e alunos. Depois de publicar 17 outros livros, Neda Lian procura passar, de uma forma simples e coloquial, porém com suficiente consistência, toda uma experiência de vida criativa e bem sucedida como educadora. Ela criou uma escola e um método que não passam ao do sistema, mas ao mesmo tempo, negam a escola arcaica embolorada propondo uma revolução na metodologia, sem fugir ao programa comum a todas as instituições. É um livro para quem quer continuar na busca de uma escola ideal.  
340pp **Cod. 496**  
R\$ 30,00

#### ECOLOGIA – GRITO DA TERRA, GRITO DOS POBRES

*Leonardo Boff*  
A lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos é a mesma depreda o Planeta e expolia suas riquezas.  
341pp **Cod. 461**  
R\$ 28,00

### PEDIDO DE LIVRO

PEDIDO DE LIVRO																																		
Nome:										Código		Quantidade																						
Endereço:																																		
Bairro:						Cidade:																												
Estado:				CEP:				Tel.:																										
Profissão:																																		
Assinale a forma de pagamento do(s) seu(s) pedido(s):																																		
<input type="checkbox"/> Por telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)																																		
<input type="checkbox"/> Cheque(s) nominal(ais) em anexo à Editora Terceiro Mundo Ltda.																																		
<input type="checkbox"/> Vale Postal - Agência Lapa						<input type="checkbox"/> Assinante <input type="checkbox"/> não-assinante																												
<input type="checkbox"/> Pagarei por reembolso postal																																		
<input type="checkbox"/> Autorizo débito no meu cartão																																		
que tem validade até						no valor de R\$																												
Nº do Cartão:																																		
<table border="1" style="width: 100%; height: 15px;"> <tr> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> </table>																																		
Aceitamos todos os cartões de crédito																																		
Data						Assinatura do comprador																												
Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda. Depto. de Assinaturas - Rua da Glória, 122/1º andar Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241-160 Peça também pelo tel. 0800-257511 ou fax: (021) 252-8455																																		



# LIGUE GRÁTIS 0800-257511 OU PEÇA PELO CUPOM ABAIXO.

AO LIGAR, MENCIONE O CÓDIGO DESTA PROMOÇÃO: "ANB-2"

## PREÇOS E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

DESCRIÇÃO DAS OPÇÕES	À VISTA	A PRAZO
Assinatura anual de nossas revistas	<b>A</b> * <b>R\$ 48,00</b>	<b>B</b> 2 x de R\$ 24,00 p/ 30/60 dias
Assinatura por 2 anos de uma das nossas revistas	<b>C</b> * <b>R\$ 88,00</b> 8% 8%	<b>D</b> * 3 x de R\$ 32,00 p/ 30/60/90 dias
Assinatura anual das 2 revistas	<b>E</b> * <b>R\$ 88,00</b> 8% 8%	<b>F</b> * 3 x de R\$ 32,00 p/ 30/60/90 dias

\* Importante! livro de brinde nas opções: **A C D E F**

### ATENÇÃO!

Promoção válida somente para assinaturas feitas diretamente com a editora por intermédio desta mala direta.

ou pelo fax: (021) 252-8455

Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda.

Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - cep:20241-180 - Rio de Janeiro, RJ

### REDE DE LEITURA Cupom do remetente

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_  
Livro(s) brinde escolhido(s) código(s): \_\_\_\_\_  
Data: / / \_\_\_\_\_

### 1 - PEDIDO DE:

Assinatura "Cadernos"      Assinatura "Mercosul"      Assinatura "Ecologia"

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

Minha opção de pagamento é:  
(A) (B) (C) (D) (E) (F)

Estou efetuando o pagamento por:

- Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.  
 Reembolso Postal  
 Por telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)  
 Vale Postal Ag. Lapa  
 De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão de crédito: \_\_\_\_\_, que tem validade até \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
(nome do cartão)  
Nome do titular do Cartão \_\_\_\_\_

Nº do Cartão

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Comprador

### 2 - PEDIDO DE:

Assinatura "Cadernos"      Assinatura "Mercosul"      Assinatura "Ecologia"

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

Minha opção de pagamento é:  
(A) (B) (C) (D) (E) (F)

Estou efetuando o pagamento por:

- Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.  
 Reembolso Postal  
 Por telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)  
 Vale Postal Ag. Lapa  
 De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão de crédito: \_\_\_\_\_, que tem validade até \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
(nome do cartão)  
Nome do titular do Cartão \_\_\_\_\_

Nº do Cartão

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Comprador

**Leia esta mala direta com atenção para aproveitar  
ao máximo as vantagens que ela oferece.**

Remetente:  
Editora Terceiro Mundo Ltda.  
Rua da Glória, 122 - 1º andar, Glória,  
Rio de Janeiro - RJ  
CEP: 20241-180

**AQUI VOCÊ ESCOLHE O BRINDE  
E AINDA TEM DESCONTO E PRAZO.  
ABRA E CONFIRA.**

**IMPRESSO**

# SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS

## LUZ, CÂMERA, AÇÃO!

CULTURA/CINEMA

### O CINEMA CUBANO

Página 2

### ÓTICA FEMININA NOS 100 ANOS DA SÉTIMA ARTE

Página 6

EDUCAÇÃO

### MAGIA E CIÊNCIA: UM CONFLITO ACADÊMICO

Página 10

2

# O MORANGO SE IMPÕE AO CHOCOLATE



'A morte de um burocrata' (1966), de Tomás Gutiérrez Alea: através do humor, uma crítica contundente à burocracia estatal

*O sucesso internacional de filmes cubanos leva o público a descobrir um cinema crítico, que não teme refletir os problemas e contradições do seu país*

*Claudia Guimarães*

**E**nvolto num curto robe, Diego suspira. Homossexual assumido, é um crítico mordaz do regime cubano, embora não se considere um contra-revolucionário. No meio de uma conversa sobre suas cantoras líricas preferidas, ele crava um olhar irônico no amigo David, jovem militante comunista, e exclama em alto e bom som: "Que falta faz uma outra voz na ilha..."

O diálogo, carregado de duplo sentido, é apenas um dos muitos que garantiram ao filme *Morango e Chocolate*, do diretor Tomás Gutiérrez Alea, um êxito estrondoso, tanto dentro quanto fora do país. Através de um permanente embate ideológico entre os dois

personagens – que começa na simbólica escolha do sorvete de morango por Diego, em oposição ao sabor chocolate, preferido por David –, o filme vai fundo nas contradições da sociedade cubana.

Hoje, a trilha aberta por *Morango* está sendo seguida por outros filmes, como *Rey y reina*, de Julio García Espinosa, e *Madagascar*, de Fernando Pérez, que já estão angariando prêmios em festivais internacionais.

Reconhecido como uma das mais bem-sucedidas manifestações artísticas de Cuba na fase pós-revolucionária, o cinema não ficou imune ao furacão que atingiu a ilha a partir de 90, com o fim das privilegiadas relações

econômicas com a União Soviética. O resultado está à vista de todos: de uma média de seis longa-metragens de ficção por ano, o Icaic (Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica), órgão estatal responsável por toda a produção de filmes no país, tem se limitado às vezes a apenas dois; o número de documentários, outra forma de expressão muito desenvolvida na ilha, também foi drasticamente reduzido.

O dinheiro minguou e novos critérios se impuseram. Hoje, para se aprovar o financiamento de um filme em Cuba, um dos principais fatores avaliados é a sua viabilidade econômica. Em outras palavras, é fundamental que ele tenha chances de conquistar o mercado não só nacional como também internacional.

**Criatividade à prova** – “Cinema não é somente arte, mas também indústria e, como tal, depende de uma infra-estrutura econômica. Com o contexto internacional surgido nos anos 90, nossa infra-estrutura se viu muito afetada. Não há mais recursos para continuar mantendo o anterior ritmo de produção cinematográfica”, admite a cubana Lourdes Pérez Villarreal, doutora em História, com especialização em História do Cinema, que esteve recentemente no Brasil para participar de uma mesa-redonda sobre o cinema cubano (ver quadro).

Se o Estado já não pode arcar sozinho com os altíssimos gastos da indústria cinematográfica, o jeito é partir para outras alternativas. E a primeira delas, seguindo uma tendência internacional, é a co-produção: há quatro anos não se faz um filme apenas com recursos locais. Os principais parceiros de Cuba nessa área têm sido a Espanha, o México e a França. “Essas co-produções estão avalizadas pelo alto nível do nosso cinema. Se não houvesse uma produção de comprovada qualidade, ninguém estaria arriscando seu capital para fazer filmes conosco”, enfatiza a pesquisadora. Mas deixa claro que essa solução não implica a



perda de identidade. “Não estamos ‘importando’ talentos criativos ou roteiros de fora, e sim buscando apoio técnico e material em outras cinematografias.”

Além das co-produções, Cuba está desenvolvendo outro tipo de parceria nesse setor. Para não deixar ocioso o seu pessoal, o Icaic tem colocado à disposição de outras cinematografias a capacidade técnica acumulada ao longo de mais de 30 anos. “Muitas produtoras estrangeiras estão realizando filmes em Cuba aproveitando não só os cenários naturais, como também nossos atores e pessoal técnico, o que lhes garante um trabalho de qualidade.”

Apesar das dificuldades, nem tudo são perdas. As limitações impostas pela crise econômica abriram também novas perspectivas para o cinema cubano. “Como já disse Alfredo Cuevara, presidente do Icaic, se a crise nos afeta por um lado, nos beneficia do outro, porque muitas das técnicas que utilizávamos eram superadas. Agora estamos sendo obrigados a introduzir técnicas mais avançadas e buscar soluções mais criativas.”



*‘Amor sem preconceito’ (1984): pela primeira vez, é abordada a discriminação contra o amor na terceira idade*

*“O país está mudando e o cinema não pode deixar de nutrir-se dessa realidade. Ele é obrigado a adotar uma posição crítica”*

**Hino à tolerância** – Mesmo ostentando uma produção respeitada entre os cinéfilos do mundo inteiro, foi só a partir da indicação de *Morango e Chocolate* para o Oscar de melhor filme estrangeiro de 1994, que o cinema cubano se tornou conhecido pelo público de língua não-espanhola.

O filme chegou à festa do Oscar precedido de um estrondoso êxito de bilheteria em seu próprio país, fenômeno que Lourdes Villarreal atribui a vários fatores. Primeiro, à expectativa que criou por ser o primeiro filme, após anos sem filmar, de Tomás Cutiérriz Alea, considerado o mais importante diretor cubano. Depois, pelo momento em que foi feito e pelo tema abordado, o homossexualismo, ainda hoje um tabu no país.

“Alea sempre se caracterizou por ser um diretor de análise da realidade, e isso está registrado em filmes antológicos, como ‘Memórias do subdesenvolvimento’ e ‘A morte de um burocrata’. Nunca se furtou a tocar em temas considerados delicados.”

Outro fator responsável pelo sucesso, assinala, é o nível dos atores e da dramaturgia. “Os personagens são verossímeis, apesar do filme concentrar em apenas dois rapazes demasiados problemas da sociedade cubana. O

## IDENTIFICAÇÃO DO PÚBLICO BRASILEIRO

Enormes filas marcaram a mostra de cinema cubano promovida em maio pela Casa Cuba-Brasil no Estação Museu da República, no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da morte do herói da independência cubana, José Martí, e do surgimento do cinema. Também não era para menos: apesar da qualidade do cinema cubano, raramente os filmes desse país são exibidos nas telas brasileiras, com a honrosa exceção de *Morango e chocolate*.

A mostra abrangeu filmes dos anos 60, 70 e 80: *A morte de um burocrata*, de Tomás Gutiérrez Alea (1966); *Retrato de Teresa*, de Pastor Vega (1979); *Se permute*, de Juan Carlos Tabío (1983); *Um amor sem preconceito (Los pájaros tirándole a la escopeta)*, de Rolando Díaz (1984); *Plaf*, de Juan Carlos Tabío (1987) e *Clandestinos*, de Fernando Pérez (1987), além de oito curta-metragens cedidos pela Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM).

O evento foi aberto com uma mesa-redonda da qual participaram os cineastas Silvio Tendler e Orlando Senna, ex-diretor da Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antonio de Los Baños, em Cuba, a pesquisadora cubana Lourdes Villarreal, Cosme Alves Netto, diretor da Cinemateca do MAM, e o jornalista e escritor Artur Poerner, presidente da Casa Cuba-Brasil.

Apesar de estar visitando o Brasil pela primeira vez, para a pesquisadora a boa acolhida do público não chegou a ser uma surpresa. "De uma forma ou de outra, os brasileiros têm interesse pelo que acontece em Cuba. Esperava que o evento fosse concorrido, mas confesso que em alguns momentos superou minhas expectativas."

Essa reação se deve, na sua avaliação, à identificação cultural entre os dois povos. "Durante a exibição dos filmes, observava a reação do público brasileiro e, em muitos momentos, era exatamente igual à do cubano. As pessoas viam as situações mostradas na tela como algo próximo à sua realidade, embora o contexto fosse outro. Isso ficou evidente na reação do público ao assistir 'Retrato de Teresa', o mais aplaudido da mostra. O sucesso do filme mostra que em ambas as sociedades subsiste o problema do machismo", alfineta.

que importa é que o público não identificou personagens, e sim problemas que vão surgindo através do diálogo constante entre Diego e David."

Na sua avaliação, a forma como o filme abordou esses problemas gerou diferentes expectativas. "Dentro de Cuba, algumas pessoas foram em busca apenas de uma história engraçada, um filme leve. Muitos foram ver um tema mostrado pela primeira vez na tela, o homossexualismo, assunto tabu na sociedade

cubana por uma série de razões culturais. E outros foram assistir, mais do que os problemas de um homossexual, a discussão em torno da tolerância, da necessidade de se reconhecer e aceitar a diferença."

**Hora de reflexão** – Num momento em que Cuba está mergulhada numa grave crise, não faltou quem visse, na forma aberta e corajosa com que *Morango e chocolate* mostrou vários problemas da sociedade, um indí-



A mostra de cinema cubano foi aberta com um debate do qual participaram (da esq. para direita) Silvio Tendler, Orlando Senna, Artur Poerner, Lourdes Villarreal e Cosme Alves Netto

cio de debilidade por parte do governo. Fora do país, muitos se perguntavam como havia sido possível que o próprio Estado tivesse financiado um filme tão próximo em críticas veladas e abertas ao regime.

Essa análise desconhece, segundo a pesquisadora, que em seu país o cinema tem tradição de refletir os problemas da sociedade. "A burocracia, a dupla moral, os preconceitos sociais, o machismo e outros problemas éticos sempre foram alvos de crítica na tela. Para os cubanos, está claro que cabe a nós mesmos fazer esse tipo de análise e não esperar que outros o façam." Por isso, ela encara o filme não como uma crítica ao sistema, e sim como uma necessidade do sistema de se auto-analisar.

"É bom deixar claro que *Morango e chocolate* não representa uma ruptura com o que vinha se fazendo no cinema nos anos 90, pois esta etapa está baseada, fundamentalmente, numa leitura crítica da sociedade cubana."

Isso não tira, na sua opinião, seu principal mérito: ter levado os cubanos a uma análise que era necessária naquele momento. "Para muitos de nós, *Morango* representou um momento de reflexão. É como se, após uma longa caminhada, tivéssemos feito uma parada, olhado para trás e nos perguntado: o que fizemos de bom? Onde erramos? O que falta ainda resolver? Como enfrentar os problemas não solucionados?"

# REFLEXO CRÍTICO DA REALIDADE

N uma tarde de domingo, no longínquo 24 de janeiro de 1897, um representante da Casa Lumière fazia em Havana a primeira demonstração de uma das mais fantásticas invenções da humanidade: o cinema. Desde então, a chamada sétima arte percorreu naquele país um longo caminho, marcado por avanços e retrocessos. Mas o que ninguém discute é que o alto nível alcançado hoje é fruto de uma política que começou a ser desenhada após a vitória da revolução, em 1959.

“Antes havia filmes feitos por cubanos, mas não se conseguia criar um cinema verdadeiramente nacional, que conquistasse, antes de tudo, os próprios cubanos, seu público natural. Com a revolução, se passa a priorizar o cinema não só como meio de comunicação, mas também como veículo de transformação cultural. Por isso se criaram leis que viabilizassem o desenvolvimento de uma indústria nacional. Nos outros países, ocorreu o contrário: primeiro surgiu uma indústria cinematográfica e depois vieram as leis que a ampararam”, explica Lourdes Villarreal.

Esta primeira etapa, qualificada pelos teóricos de “gestação” do cinema cubano, vai do início dos anos 60 até 1968. Está marcada pela criação de uma linguagem cinematográfica própria e pela busca da identidade cubana no cinema.

“Para entender esse momento, dois filmes são chave: *Memórias do subdesenvolvimento*, de Tomás Gutiérrez Alea, e *Lucía*, de Humberto Solás. São verdadeiros paradigmas, pois encerram praticamente toda a estética do que será depois o cinema cubano.”

Nessa época, assinala, também ocorre um grande desenvolvimento dos documentários. “Eles foram decisivos para formar novos cineastas e importantíssimos como registro da realidade, servindo hoje como memória daquele período.”

Entre as influências recebidas nesse período, a pesquisadora cita as correntes de vanguarda da época – a *nouvelle vague* francesa, o neo-realismo italiano, o cinema novo brasileiro –, além de fenômenos como o *boom* da literatura latino-americana e “o retorno aos problemas sociais do continente, como resultado da efervescência revolucionária que se vivia no continente”.



**Anos 70: temas históricos** – Entre fins dos anos 60 até os final da década de 70, o cinema passa por uma segunda etapa, onde predominam os temas históricos e a análise da vida cotidiana.

No primeiro caso, existe uma preocupação com o resgate das raízes históricas, sendo um dos temas mais frequentes a escravidão, levado às telas de forma magistral em *A última ceia*, de Tomás Gutiérrez Alea. “Este filme é considerado um marco, pelo tema que trata (a situação em Cuba no século XVIII) e pela sua proposta estética. Até hoje, é estudado como modelo de utilização da fotografia no cinema.”

Outra linha marcante desse período são os filmes que fazem uma análise da vida cotidiana, como *Retrato de Teresa*, considerado o filme mais polêmico da história do cinema cubano. “Embora não tenha sido o único a abordar o tema do machismo, o filme teve uma enorme repercussão na sociedade, principalmente nos setores populares, pela forma sincera como enfrentou o problema e como revelou as contradições da nossa sociedade.”

**Anos 80: visão crítica** – A partir dos anos 80, começa o que os especialistas identificam o terceiro período do cinema cubano, onde predomina a análise crítica da sociedade.

Lourdes Villarreal recorda que foi nessa etapa que se começou a falar em crise no



*Clandestinos* (1987): um marco pelo enfoque mais humano e real da luta pré-revolucionária

cinema cubano. “Uma das críticas que se fazia nos meios culturais era que muitos filmes da década anterior não refletiam a realidade. Ou seja, as pessoas não se sentiam identificadas com as situações e personagens mostrados na tela, pois eram pouco verossímeis. Essa situação foi mudando e isso pode ser visto em filmes como *Plaf* e *Clandestinos*, onde as pessoas voltaram a se sentir retratadas na tela.”

Nos anos 90, com o fim da União Soviética, Cuba mergulha numa profunda crise econômica. E o cinema, junto com o teatro, se torna um veículo de expressão das contradições aguçadas a partir de então na sociedade cubana.

“Antes de *Morango e chocolate*, se fizeram outros filmes críticos, com diferentes resultados artísticos, como *Maria Antonia*, *Alice no país das maravilhas*, que chegou a ser censurado, e *Adoráveis mentiras*. Mais recentemente, tivemos *Rey y reina* e *Madagascar*. Enfim, o país está mudando e o cinema não pode deixar de nutrir-se dessa realidade. Por força e por necessidade, tem que adotar uma posição crítica diante do que está acontecendo e ser, por sua vez, objeto de crítica”, sintetiza a pesquisadora. (C.G.) ■

# UM OLHAR FEMININO

*Depoimento resgata a importância do surgimento do cinema, sobretudo como agente que impulsionou a mulher a lutar pelos seus direitos*

Moema Toscano

**1**995 – Cem Anos de Cinema – uma data e uma idade respeitáveis que nos convidam a uma avaliação do significado desta conquista, tanto para a sociedade como um todo, quanto para cada um de nós, como biografia.

Vejo-me desembarcando do trem que fazia a ligação Porto Alegre-Caxias, em Montenegro, uma cidadezinha do interior gaúcho, onde as "fitas" chegavam com um atraso de três a quatro anos, em relação a seu lançamento, lá pelas terras do Tio Sam e pelas grandes capitais.

O cinema falado ainda não atingira sua maioria mas já se impunha como um meio de difusão de modos alternativos de vida e de disseminação de valores até então estranhos a nós, que vivíamos acomodados ao ritmo lento das mudanças, no interior brasileiro. A igreja e o clube eram os espaços onde as famílias se reuniam, trocavam opiniões, reforçavam a tradição e o costume e, com aulas ao vivo, nos ensinavam as regras básicas do controle social necessário à convivência do dia-a-dia. Fora deste binômio, o jornal era, praticamente, a única agência externa formadora de opinião, pois a televisão não passava de uma miragem, e o rádio, sob o formato de pequenas capelas cor de mogno, ainda era privilégio de poucos e dividia sua audiência entre o noticiário do *Repórter Esso* sobre a guerra e as novelas da Rádio Nacional, repetidas pela Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, no horário da tarde.

Para nós, adolescentes dos anos 40, o cinema era visto como uma verdadeira fábrica de sonhos. A forma escolhida para cultuarmos nossos ídolos era o álbum de artistas e nenhuma jovem que se prezasse deixava de organizar, com o maior carinho, seu próprio álbum. Este, na verdade, não passava de um caderno escolar, de desenho, dos grandes, aonde íamos colando as fotos das estrelas da época. As fontes onde colhíamos este material eram a *Cena muda*, o *Malho*, a *Noite ilustrada*, o *Eu sei tudo* e a preciosa prata da casa, a *Revista do globo*, de saudosa memória.

Nestes álbuns, as figuras masculinas eram, com raras exceções, ostensivamente secundárias: apareciam, em geral, acompanhando estrelas famosas e raramente como personagens centrais ou mesmo com algum relevo. As vezes, a estrela que era nossa musa aparecia com a cabeça reclinada no ombro do galã; outras vezes, eles se beijavam na boca mas, neste caso, não se chegava a ver o toque dos lábios, já que ape-

nas a insinuação do beijo era permitida pela rígida censura de Hollywood.

É fácil avaliar a função catalisadora do cinema sobre nosso imaginário adolescente. Ainda mais se considerarmos que as novelas de rádio mal ensaiavam seus primeiros passos e o romance de folhetim que fizera a alegria de nossas mães, àquela altura, estava em plena decadência.

Ali pelos meus 11/12 anos comecei a frequentar o Cinema Pathé, que ficava na rua principal de Montenegro e nos brindava com uma seção aos sábados e duas aos domingos. Desde o início, meu deslumbramento diante da tela foi total. Através dos filmes da época, em particular os americanos (filmes nacionais, argentinos e mexicanos, apesar de muito apreciados, eram raros), comecei a inteirar-me de que os padrões de comportamento aprovados e reproduzidos entre nós, como se fossem universais, não eram os únicos, nem, muito menos, eram intocáveis. Foi assim que o cinema me ensinou, por exemplo, que havia sociedades onde as mulheres descasadas não es-



Os beijos, como este de Greta Garbo, eram apenas insinuados por causa da censura



# TRABALHADORAS MARANHENSES

tavam obrigadas a se resignarem com a discriminação do grupo nem, muito menos, com a solidão definitiva. Na minha família eu convivia com o exemplo de duas tias que foram forçadas pela pressão social: uma, a sair da cidade para nunca mais voltar, e a outra, a recolher-se a sua casa, sem nunca mais pôr os pés na rua, pelo fato de que ambas, depois de separadas de meus tios, voltaram a "contratar" (como então se dizia) novas uniões, para vergonha da família, até a terceira geração.

Foi também através do cinema que me chegou a noção de que a mulher que trabalhava fora de casa podia ser tão livre e independente quanto o homem. Minha mãe era funcionária pública mas trabalhava sob a guarda de meu pai, que era seu chefe hierárquico na repartição e não a deixava esquecer disso um só momento.

Foi ainda o cinema que me permitiu conhecer mulheres que corriam livres pelo mundo, viajando sozinhas por terras distantes, sem marido, sem pai, sem tutor, para lhes dizer, a cada minuto, o que podiam e o que não podiam fazer.

E o papel do automóvel no namoro? Quem diria que havia um país no qual a moça podia sair sozinha com o namorado, ainda por cima de automóvel, sem irmã ou amiga para "segurar a vela"? E que, ao voltar para casa, não havia pai ou mãe à sua espera, na porta, de cara amarrada, reclamando do atraso?

A visão de uma sociedade tão diferente daquela em que eu vivia teria um papel decisivo na construção de minha própria visão do mundo e nas minhas opções futuras, quanto ao trabalho, ao casamento e ao quadro de valores que tem norteado, ao longo da história, a relação homem e mulher.

Não foi por acaso que tais influências me marcaram tão fortemente: elas coincidiram com um perfil psicológico e um contexto cultural mais que favoráveis. De um lado, eu estava longe de ser a mocinha bem comportada, dentro dos padrões patriarcais e machistas, então predominantes e, de outro lado, os anos 40/50 foram no Brasil marcados por grandes mudanças sociais, decorrentes da Segunda Guerra, da explosão atômica e dos avanços da ciência, nos países do Primeiro Mundo. Neste quadro, o cinema como agente de transformação social teve um papel que não pode

ser desdenhado. Foi o principal veículo de difusão das novas idéias que se alastravam na corrente do relativismo cultural e que sinalizavam o fim de todo o dogmatismo, no plano das ideologias, da moral e da religião.

Hoje, ao recordar aqueles anos tão distantes e ao reviver as emoções passadas pela tela do Cinema Pathé, ao lembrar das fotos em preto e branco de Greta Garbo, Olívia de Havilland e de Verônica Lake, coladas em meu álbum de artistas, percebo como tudo isto foi parte importante da cartilha em que me iniciei no feminismo e do contexto em que se definiu minha postura crítica e contestadora diante da vida. E mais, não se contituiu em fato isolado, em um episódio meramente biográfico. Na prática, estávamos vivenciando o conceito teórico de efeito-demonstração, criado nos anos 60 pela Sociologia do Desenvolvimento para explicar a tendência dos países do Terceiro Mundo a reproduzir, através de sua classe média, os padrões de comportamento e de consumo importados dos países industrializados. Neste processo, mimético, de que eu, inconscientemente, participava, reconheço hoje uma das chaves, junto a outras variá-

veis conjunturais que nos permitem entender como se gestaram as grandes transformações sociais de que éramos protagonistas. Dentre estas, preparava-se o terreno e acumulavam-se os conhecimentos que produziram nos anos seguintes a profunda e irreversível revolução das mulheres, mais tarde batizada com o nome de feminismo moderno. Nesta revolução, o cinema teve, sem dúvida, um papel importante, seja no terreno da denúncia, seja como exemplo de modelos alternativos nas relações de gênero, seja como recurso didático, no campo da militância feminista. No balanço dos cem anos de cinema é justo e oportuno que nos ocupemos com o resgate do papel do cinema no avanço do movimento e da luta pela igualdade plena entre homens e mulheres no mundo.

*Nos álbuns de artistas, o romantismo adolescente e a mudança de costumes. Alida Valli e Joseph Cotten em 'The Third Man', de Orson Welles de 1949*





## Ensino ruim

De cada 100 estudantes brasileiros de Primeiro Grau, apenas 33 terminam a oitava série. A relação é a terceira pior do mundo, abaixo apenas de Bangladesh (Ásia) e Guiné-Bissau (África). O dado consta de pesquisa do Ministério da Educação, que avaliou 133.144 alunos de 26 estados.

Na Bolívia, a relação é de 64%; no Peru, 70%, e no Uruguai, 86%.

A pesquisa do MEC constatou que a situação poderia melhorar com o aumento do tempo de contato entre professor e aluno, redução dos horários de recreio, cursos de reciclagem aos mestres e ampliação do uso de livros didáticos.

A Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá (MT) conseguiu reduzir a repetência e a evasão no Primeiro Grau. Em 1992, quando o projeto começou, 27% dos alunos de primeira à quarta série eram reprovados. Em 1994, baixou para 11%. No ano passado, 6% dos alunos do ensino básico deixaram as salas de aula. O programa tem eleição direta de diretores das escolas, administração dos recursos financeiros pela própria unidade e formação de um conselho de liberativo entre pais, professores e funcionários. Os salários também foram aumentados. Um professor em início de carreira recebe hoje três salários mínimos por 20 horas semanais, o dobro de 1992.

## Pólo tecnológico

Uma equipe de seis cientistas da Universidade de Brasília (UnB) tornou a capital brasileira o único local da América Latina onde são desenvolvidas pesquisas com fluidos magnéticos – líquidos imantáveis com aplicações na medicina e na área militar.

Os cientistas, liderados pelo químico Francisco Augusto Tourinho, pesquisam as propriedades dos fluidos, que podem substituir a quimioterapia no tratamento do câncer, reduzindo os efeitos colaterais. Podem ser usados também na produção da pintura anti-radar, aplicada sobre navios e aviões, permitindo que não sejam detectadas pelo sistema de monitoramento. A Marinha brasileira já se interessou pela técnica, que será testada no futuro submarino nuclear do país. Francisco Tourinho afirma que falta maior disposição dos empresários e do governo para investir em pesquisas com retorno a médio e longo prazos.

## Novo partido

Brevemente, os eleitores brasileiros poderão passar a contar com uma nova opção política. Representantes das entidades de defesa dos negros de São Paulo planejam solicitar ao Tribunal Superior Eleitoral a obtenção do registro do Partido Nacional Palmares (PNP). O objetivo é dar mais espaço para os negros na política e para a discussão dos temas de interesse do grupo, o que não estaria ocorrendo em outros partidos, segundo os fundadores. Dos 11 membros da comissão provisória, três são brancos.

O empresário Eduardo de Oliveira, um dos fundadores do partido, define o PNP como uma agremiação “de centro-esquerda”. Oliveira foi militante da Arena, legenda de sustentação dos governos militares, do MDB e do PMDB.

O PNP pode ser abortado no nascedouro, caso o Congresso Nacional aprove o projeto de reforma partidária do deputado federal João Almeida (PMDB-BA). Segundo ele, somente teriam vida partidária legal os partidos que obtivessem pelo menos 5% dos votos nas eleições proporcionais. Pelo critério desapareceriam partidos como o PPS (ex-PCB), PCdoB, PSB, PL, PMN e PV.



## Aumento populacional

A Terra poderá abrigar mais de 12 bilhões de pessoas em 2050 se não forem cumpridas as metas definidas na Conferência Internacional sobre População, realizada em setembro de 1994 no Cairo (Egito). O alerta é feito no relatório 1995 do Fundo das Nações Unidas para a População.

Durante a reunião, 180 países se comprometeram com o projeto que procura controlar o aumento demográfico nos próximos 20 anos. A educação das mulheres e oferecimento aos casais da possibilidade de usarem contraceptivos são tópicos básicos.

O estudo afirma também que ocorreram progressos no mundo em relação à saúde e educação nos últimos 25 anos. Mas isso não serviu para alterar as diferenças de qualidade de vida entre os países do Primeiro e Terceiro Mundo. Na África Subsaariana (que reúne países como Sudão, Etiópia e Somália) a expectativa de vida é extremamente baixa (50 anos para os homens e 55 para as mulheres).

# TRABALHADORAS MARANHENSES

*Tendo seus filhos graças à ajuda das parteiras ou vivendo as dificuldades das regiões de conflitos de terra, elas estão em busca da sua identidade*

No fim da década de 70, um grupo de mulheres começou a se organizar na Universidade Federal do Maranhão.

No início dos anos 80, Marina Cesar Canto foi morta brutalmente pelo marido e o coletivo de mulheres, pela primeira vez, se posicionou publicamente. Ao mesmo tempo, começou um trabalho na Praia da Raposa e de outros pontos da periferia da capital maranhense.

Por volta de 1985, o Grupo de Mulheres da Ilha de São Luís se institucionalizou e começou a atuar preparando mulheres que trabalham com mulheres; estimulando as parteiras, trabalhando nas áreas de conflitos de terra.

No Maranhão, o sistema de saúde é precário, as distâncias são longas e o transporte deficiente. Por isso, as parteiras desempenham papel importante. Inicialmente, o grupo começou a levantar o perfil das "curiosas" na Ilha de São Luís. Depois, contactou a sua associação e já organizou dois encontros: um de parteiras da ilha (com 80 pessoas) e outro de todo o estado (com cerca de 200).

Nesses encontros, vêm à tona a vida de mulheres que lidam com realidades tão delicadas como a saúde e o parto. Antigamente, o estado dava a elas cursos, material e qualificação profissional, mas deixou de fazê-lo. A parteira maranhense é discriminada na rede de saúde oficial, que não a reconhece enquanto tal. "Mas nós achamos que, por estar mais perto das mulheres do povo, pode ser um elo importante entre elas e a rede oficial de saúde", argumenta a assistente social Ieda Cutrim Batista, do Grupo de Mulheres da Ilha de São Luís.

Em 1986, Ieda visitou áreas de conflitos de terra no Maranhão, e olhou com atenção a presença feminina. Começou a tentar refletir com estas mulheres sobre a luta pela terra e

ver como conseguia modificar a situação delas. Entre 1985 e 1990, acompanhou e estudou jornais, ofícios, telex e cartas de lavradores, analisando seu conteúdo. Neste período havia 238 conflitos de terra em 68 municípios maranhenses, ou seja, em mais da metade do estado o problema se fazia presente. Ieda verificou que as mulheres só apareciam 36 vezes em conflitos de dez municípios. "Esse ocultamento, a retirada da fala delas e o desconhecimento de sua presença nos conflitos faz parte de uma estratégia de subordinação. É um modo de mantê-las afastadas de cena", conclui.

Havia mulheres espancadas, assassinadas, que perderam filhos, roças e utensílios domésticos, cujas casas foram queimadas e derrubadas por trator. Eram situações de perda, dor, violência.

Mas segundo Ieda, elas aparecem sofrendo e, ao mesmo tempo, atuando. Elas articulam os abaixo-assinados de porta em porta para protestar e reivindicar os direitos dos posseiros. E quando chega a notícia de uma provável represália daqueles que se consideram donos da terra (muitas vezes possuindo apenas uma documentação falsa), os homens se escondem no mato e elas ficam em casa, esperando os pistoleiros.

Ieda analisou cinco eixos da vida feminina no local: o trabalho dentro e fora de casa; a educação dos filhos; a saúde e a sexualidade (que caminham juntas); a violência (tanto no conflito de terras como familiar) e por fim a participação política, desde a frequência aos clubes de mães até a filiação a um partido.

O trabalho se deu basicamente em três regiões. A primeira foi em Terra Bela,



FOTO: BEATRIZ BISSO

*Mulher: presença nos conflitos de terra e no cotidiano*

Burititucu, município de Santa Luzia. Fica na fronteira com a Amazônia, área de grandes latifúndios e conflitos terríveis. No início estavam mobilizadas 32 mulheres. Elas pediram um curso sobre sindicalismo. Depois, levantaram os problemas de saúde, fizeram bingos e outras iniciativas para conseguir dinheiro e construíram um minimposto de saúde e uma escola. Hoje, elas possuem uma plantação de banana, têm uma conta no banco (algo raro no interior) e estão administrando seus negócios e suas vidas.

O segundo local foi Santa Filomena, município de Santa Rita. As mulheres optaram por fazer uma horta coletiva, pois a alimentação é precária.

O terceiro foi em São José dos Mores, município de Lima Campo. Lá foram feitos um levantamento da situação local, várias oficinas e se repassou às mulheres locais um material de discussão.

O Grupo da Ilha ajudou ainda a organizar o Coletivo Mulheres Trabalhadoras Rurais, que reúne sindicalistas, quebradoras de coco, agentes pastorais. (Elias Fajardo)

# MAGIA X CIÊNCIA

## O CONFLITO DOS ACADÊMICOS



FOTOS: A.C. JÚNIOR



Orixás dançam na Uerj

*Professores e pesquisadores discutem as relações entre o saber universitário e as formas alternativas e místicas de sabedoria*

*Sandra Almada*

**C**resce cada vez mais o interesse sobre as relações entre o saber institucional e um outro tipo de conhecimento, dito "marginal", produzido e difundido entre adeptos de religiões ancestrais, de práticas esotéricas seculares, entre místicos, paranormais, magos e bruxos.

Dentro da universidade, um número cada vez maior de professores se dedica a estudar tais temas. Que conflitos podem surgir a partir do confronto dessas duas formas de saber? E será que os intelectuais que se dedicam a eles são vítimas de discriminação por parte de seus colegas por se aventurarem pelos mares nunca dantes navegados das relações entre a ciência e a religião?

*cadernos do terceiro mundo* ouviu alguns acadêmicos sobre este assunto. De áreas dife-

rentes – geografia da religião, psicologia da cultura, psicanálise e comunicação – eles pontuaram suas análises com o mesmo elemento: a prudência.

Em seus depoimentos, mostraram dois lados. Deixam por vezes escapar a emoção comum aos seres humanos diante do sagrado e do mistério que pode fazer avançar outras formas de entendimento da vida e da ciência. Em seguida, acionam as funções do intelecto e a lógica cartesiana que tudo explica, classifica e desmistifica.

Um caso famoso nesta área é o da antropóloga Juana Elbein dos Santos, que, segundo um de seus colegas, foi discriminada pela universidade depois que lançou o livro *Os nagô e a morte*, focalizando um sistema religioso numa perspectiva diferente da autorizada pela

antropologia tradicional. Durante a pesquisa para o livro, Juana casou-se com Mestre Didi, um babalorixá (chefe litúrgico do candomblé) e tornou-se seguidora da religião.

Viver a experiência religiosa integralmente, dentro do espaço sagrado do terreiro, parece ter sido, aos olhos da ciência, seu maior pecado. E, apesar disso, o livro tornou-se um clássico para estudos sobre a cultura afro. Vai-se entender os entendidos...

Mas por outro lado é preciso também questionar o envolvimento do estudioso com o tema, que vem sendo apregoado por correntes mais modernas da Antropologia. Se levarmos esta tendência às últimas consequências, amanhã teremos antropólogos que estudam tribos canibais comendo carne de gente...



O professor André Lázaro é diretor do Departamento Cultural da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), leciona na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é membro da seita religiosa Santo Daime e um intelectual há muito interessado em fenômenos de natureza místico-religiosa, sobretudo nos processos de alteração dos estados de consciência

### *A universidade monopoliza o saber oficial e não elabora o conhecimento "marginal"*

produzidos pelo uso de substâncias psicoativas em rituais religiosos, incluindo-se o próprio Santo Daime (bebida feita com um cipó amazônico que, macerado e misturado com as folhas de um arbusto, produz efeitos surpreendentes em quem o toma). André critica duramente a onipotência acadêmica.

"Existem saberes inacessíveis à academia, uma instituição que tem, na verdade, o monopólio de um único conhecimento e não tem de outros, como, por exemplo, o do saber religioso e o saber das artes. Na universidade não se elabora o saber dos saberes porque esta seria uma tentativa muito totalitária. Há conhecimentos que não podem ser controlados pela academia", reitera.

As convicções pessoais e intelectuais de André Lázaro parecem conviver harmoniosamente, mas ele avisa que são questões distintas. "Evito misturar as duas coisas. O Daime para mim não está sujeito à discussão, é uma questão de foro íntimo. Discuti-lo dentro da universidade me parece proselitismo. A própria doutrina proíbe que se convidem pessoas para os rituais; vai quem se interessa.

André Lázaro entrou para a seita no início da década de 80, quando, no Norte do país, conheceu o que chama de "uma comunidade absolutamente coletivizada em torno de uma bebida e de um ritual". O encontro permitiu ao professor viver uma experiência inédita: "Eu me reconhecí pela primeira vez num ritual no meio da floresta como parte integrante do universo. O trabalho com o Daime permite esta percepção e faz com que se encontre uma clareza de consciência que cha-

mamos 'o divino', porque é possível a todos os seres humanos." Segundo Lázaro, a partir deste estado de consciência, a pessoa é capaz de se olhar, se compreender, se amar e, ao mesmo tempo, transformar-se. "Todas as 'práticas de si' permitem isto, a psicanálise inclusive. O Santo Daime é uma forma de mística que permite o mesmo, por outros caminhos."

**Teoria da magia** – No Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), a professora Monique Augras, doutora em Psicologia pela Sorbonne e professora-titular dos cursos de graduação e pós-graduação, ensaia mais uma investida para tentar ampliar a ótica da psicologia tradicional num país como o nosso, onde a grande parcela da população tem forte ligação com práticas mágicas, fenômenos mediúnicos e respira misticismo por todos os poros.

"Há anos venho trabalhando numa linha de reflexão e pesquisa que chamo de Psicologia da Cultura, uma área de confluência da Psicologia com a Antropologia que vem conquistando autonomia." Monique procura construir o que chama de "uma teoria da magia, uma proposta teórica que trate o tema sem encerrá-lo em abordagens clássicas. Não é simples e não conseguimos encontrar ainda um caminho para isto", reconhece, pois "magia implica uma encruzilhada de saberes, práticas e fenômenos", explica Augras.

O psicanalista Marco Antônio Guimarães trabalha na linha da Psicologia da Cultura. Tem um currículo atípico – é babalorixá (embora ainda não tenha aberto sua própria casa de santo), fez mestrado em Psicologia na PUC-RJ, defendeu tese sobre a construção de identidade nos terreiros de candomblé, tem formação psicanalítica e um consultório onde clínica diariamente. Marco Antonio se equilibra entre dois saberes diferentes.

"A psicologia que se aprende na universidade foi criada pelo pensamento euro-ameri-

cano. Assim, está vinculada a um saber científico muitas vezes unilateral e discriminador em relação a outros saberes." Ele acha que "as culturas africana, japonesa, chinesa, indígena, indiana têm formas próprias e válidas de lidar com o real". Marco Antônio defende a idéia de que é preciso "relativizar o pensamento psicológico para não considerar um estado de transe numa comunidade de terreiro como crise histórica ou de cisão de personalidade. Tendo como base os conceitos do próprio grupo, devemos perceber suas idiossincrasias, patologias, assim como suas eficácias", pondera o psicanalista.

Marco Antônio discute a validade de iniciativas como a promoção de cursos abertos à comunidade voltados para o ensino da culinária, gestualidade e cantigas de orixás no Departamento de Ciências Sociais da Uerj (ver **cadernos do terceiro mundo nº 182**). "Uma coisa é abrir espaço dentro do saber constituído para que, democraticamente, outros saberes tenham lugar. Outra é a prática destes

*André Lázaro e os estados alterados da mente*





saberes fora do seu habitat. Nos terreiros de candomblé existem os awô, os mistérios que envolvem rituais particulares, trocas, convivência, interação que precisam de contato com a terra, as folhas, o tempo. Num dos cursos de culinária dos orixás ensinou-se que o *amalá* – oferenda ritual de Xangô – seria eficaz para este ou aquele problema de vida. Acho isso arriscado. As oferendas são sempre individuais, informadas por Exu através do oráculo – o jogo de búzios; não são como uma receita de bolo.” O axé é uma energia vital transmitida no preparo das oferendas. Não se passa axé em livro, apostila ou curso, adverte o psicanalista/babalorixá, para quem o candomblé na sala de aula pode fazer com que se perca a dimensão da “lei do pai”, transmitida nos terreiros através dos limites, da interdição e da própria vivência ritual.

**Caça às bruxas** – No ano passado, André Lázaro participou do II Congresso Internacional sobre Estados Alterados de Consciência, realizado em Lerida, província da Catalunha, Espanha.

Muniz Sodré:  
relações entre os  
cientistas e o  
irracional



O evento reuniu farmacólogos, etnobotânicos, químicos, etnólogos, antropólogos e líderes religiosos de diversas tradições. Entre os antropólogos, há uma geração em torno dos 40 anos que experimentou a droga nos anos 60 e teve com ela não uma relação leviana nem viciada, mas uma relação de conhecimento, comenta André Lázaro. Essa geração tem hoje interesse

crescente nos processos neuropsíquicos e na natureza das alterações que uma determinada substância provoca no cérebro, e troca resultados sobre seus estudos através da rede de informações Internet. Embora entre os congressistas estivesse um grande número de doutores com PhD e pesquisas publicadas, a imprensa conservadora local publicou charges e textos mostrando o congresso como um encontro de malucos fumando maconha. O episódio terminou com a retratação dos jornalistas e de autoridades da província e deixou uma mostra sobre a atitude mental da sociedade espanhola em torno do tema.

André Lázaro explica que estudos antropológicos constataam a utilização, em todas as culturas, de substâncias para alterar os estados da consciência, sempre num contexto religioso. “Os gregos, por exemplo, inventaram o vinho e na Grécia antiga fazia-se uso de uma substância psicoativa semelhante ao ácido lisérgico, o LSD.”

Atualmente, a maconha, um certo tipo de cogumelo que viceja em torno do estrume de bois, o Daimé e muitas outras substâncias são consideradas alucinógenos, pelo seu poder de mudar os estados da mente. Mas há uma corrente de cientistas e religiosos que defende a idéia de que todas estas substâncias, quando usadas em situações rituais, não seriam alucinógenos. Ou seja, o dado religioso impediria, nas pessoas, a ocorrência do comportamento anti-social e agressivo que o uso de drogas às vezes ocasiona.

“A palavra droga define um tipo de uso que supõe uma relação do usuário de dependência, de ansiedade, de autodestruição

**Substâncias consideradas alucinógenas não o são quando usadas num contexto religioso**

e rompimento de laços sociais. No uso ritualizado, mediante certas condições, as substâncias não são agentes de um processo de destruição e sim de agregação”, diferencia André Lázaro.

Além disso, é preciso saber diferenciar os verdadeiros dos falsos profetas. Ou seja, existem líderes religiosos cujo interesse principal é enriquecer

às custas dos fiéis, e não conseguir a elevação espiritual deles. Por tudo isto, o estudo da religiosidade é algo extremamente complicado, é preciso separar o joio do trigo durante todo o tempo e, por lidar com as finezas do espírito e com o ceticismo de muita gente, os pesquisadores às vezes sofrem um tipo de caça às bruxas. Foi o que aconteceu com Monique Augras quando lançou o livro *O duplo e a metamorfose*.

## ECOLOGIA

**S**e a universidade se adequa como pode aos desafios do final do milênio, por outro lado há outras instituições de pequeno porte mais ágeis e capazes de conseguir uma interação com a sociedade mais intensa que a universidade. A opinião é do antropólogo Rubem César Fernandes, do movimento Viva Rio e do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser), uma ONG que reúne pesquisadores e religiosos. “As pequenas instituições têm a agilidade necessária para responder às provocações do nosso tempo”, afirma Rubem.

Em 79, depois do final da ditadura e com o início do processo de democratização no Brasil, o momento era de grande vitalidade so-



Curso de culinária dos orixás na Uerj

menos. Ela presta homenagens a figuras de cultos populares, como Pomba-Gira, Maria Molambo e seu Zé Pelintra, e ao mesmo tempo acredita no rigor científico e na metodologia da Psicologia da Cultura.

"Trabalho conscientemente para combater o preconceito em torno do candomblé", afirma ela. "Em cursos, seminários e conferências sempre me refiro aos orixás como deuses e acentuo que se trata de um politeísmo tão belo quanto o da Grécia antiga."

Mas ao mesmo tempo ela revela que tem os pés em cada lado: "Quando estou no terreiro falo com os orixás, acredito neles. Mas quando estou na universidade, 'baixa o caboclo' Descartes e volto a acreditar na academia. É complicado mudar uma ótica tão sedimentada. Agora sei que neste universo que estudo, coisas realmente acontecem, mas não acredito nas entidades espirituais e acho que Oxum, Xangô, Iemanjá são nomes bonitos para meus con-

"Embora esta obra esteja esgotada na França e no Brasil e de ter sido bem recebida aqui por antropólogos e pelo povo de santo, alguns psicólogos passaram a me chamar de macumbeira e disseram que eu tinha virado antropóloga", conta ela. Monique Augras não faz por

teúdos internos. Na verdade, meu santo de cabeça é Descartes", sorri ela. Pois é, vai-se entender os entendidos...

**Conflitos seculares** – No seu livro *Jogos extremos do espírito*, o professor Muniz Sodré, da Faculdade de Comunicação da UFRJ (ver **cadernos do terceiro mundo** nº 174) estuda o paranormal mineiro Thomas Merton à luz da comunicação e do simbolismo que os feitos que ele realiza representam. Muniz Sodré chama a atenção para o fato de que, na galeria de celebridades da filosofia e da ciência, os fenômenos ditos sobrenaturais sempre interessaram aos grandes pensadores. Empédocles, um dos fundadores da filosofia grega, referia-se às suas reencarnações. Pitágoras, o matemático, e outras figuras notáveis representam, segundo o professor, "o lado obscuro do pensamento ocidental".

Muniz Sodré lembra ainda que embora Freud, o pai da Psicanálise, nunca tenha chegado a se convencer sobre a realidade de fenômenos com efeitos físicos e levantasse a hipótese de fraude e mistificação, Jung, por sua vez, nunca pôs em dúvida a veracidade das demonstrações que observou.

"Contemporaneamente, na medida em que aumenta o público leitor e a clientela para práticas esotéricas (da astrologia às pirâmides bioenergéticas) coloca-se cada vez mais a relação dos cientistas com o irracional", diz o professor.

Para Monique Augras, "a ciência contemporânea se tornou distante do senso comum. Não temos mais ferramentas para interpretar o mundo. Existe um consenso que trata da ciência contemporânea como se fosse algo mágico, e os computadores e o mito da inteligência artificial são um exemplo disso".

Hoje, manipula-se uma massa tão grande e tão sofisticada de informações que o resultado é uma tendência a mergulhar no irracionalismo. Audras acrescenta: "Conseguimos irracionalizar as ciências mais positivas, como a física, a química, a matemática. É fundamental, dentro da academia, o diálogo entre os estudiosos de diferentes áreas para que o isolamento deixe de impedir que as informações científicas possam ser difundidas."

## A E RELIGIOSIDADE

cial e o Iser foi solicitado por grupos religiosos a aliar-se a eles em projetos de ação social.

A princípio foram os católicos ligados aos movimentos pastorais, depois os adeptos do candomblé, os umbandistas e até evangélicos. Hoje o Iser, através do Fundo Inter-Religioso, reúne pelo menos uma vez por mês representantes de mais de duas dezenas de diferentes tradições religiosas. Eles discutem questões ligadas a conflitos entre as religiões, estratégias e projetos na área social.

Em junho passado, o Fundo realizou uma semana do meio ambiente e reproduziu a vigília ecumênica que marcou a Rio-92, a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Representan-

tes do Santo Daime, Associação dos Católicos Leigos Luteranos, Hari Krishnas, messiânicos, uma liderança tixucarramãe da Reserva Billings, em São Paulo, entre outros, celebraram os princípios da ecologia interior.

O coordenador do Fundo Inter-Religioso, André Porto, explica como ecologia e religião se interligam. "É importante resgatar o valor da vida como dádiva divina. A vida tornou-se vulgar e a violência aumenta assustadoramente. Fica difícil portanto pensar apenas no mico-leão, se todos os dias se vêem assassinatos e chacinas. Se as pessoas não conseguem ter contato com a sua natureza interior, não terão também com a exterior", explica.



EM

# O MUNDO

# IMAGENS



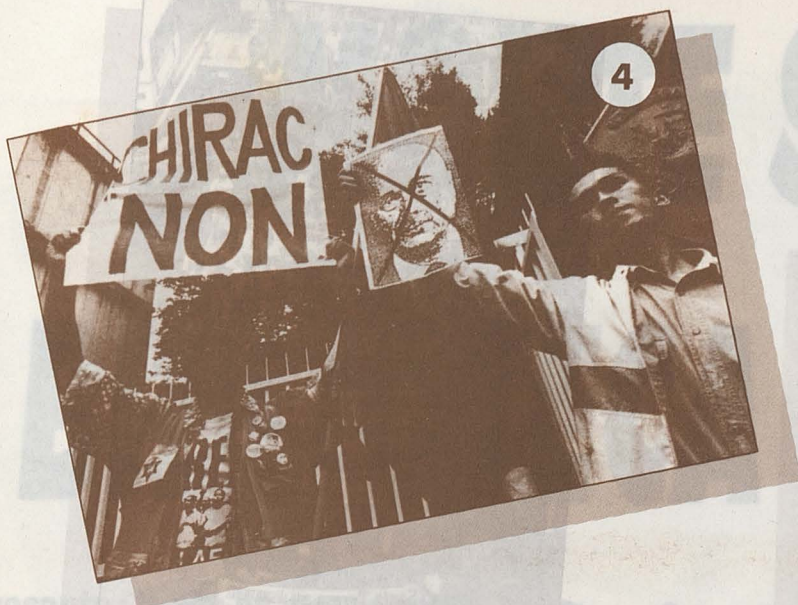
1) O Tribunal da ONU para Crimes de Guerra na ex-Iugoslávia acusou formalmente 24 dirigentes sérvios da Bósnia, entre eles o líder político, Radovan Karadzic (foto), e o chefe militar, Ratko Mladic, de genocídio e crimes contra a humanidade. No último mês, os sérvios realizaram nova ofensiva, atacando as chamadas "zonas de segurança" decretadas pela ONU, onde vivem majoritariamente muçulmanos.

2) Depois de quase seis anos sob prisão domiciliar, a Prêmio Nobel e líder da oposição da Birmânia, Aung Suu Kyi, pôde sair de casa e depositar uma coroa de flores no túmulo de seu pai, o herói da independência Aung San.

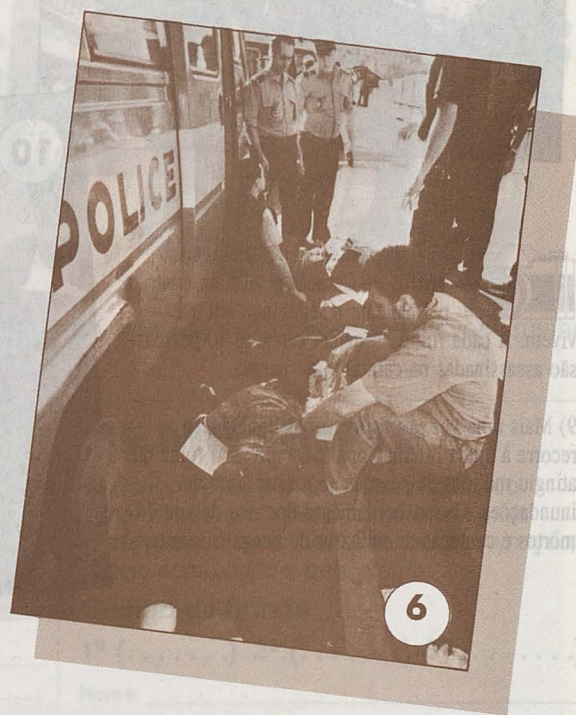
3) No primeiro teste nas urnas desde sua posse, ano passado, o governo socialista de Tomiichi Murayama viu seu partido sofrer um grande retrocesso nas eleições para o Senado japonês. O pleito foi marcado por um índice recorde de abstenção.







7) A morte de mais de 700 pessoas nos Estados Unidos, principalmente de idosos em Chicago (foto), e a desidratação de dezenas de outras na Europa deixou exposta a vulnerabilidade de países desenvolvidos diante da inusitada onda de calor.



4) Membros de organizações pacifistas fazem protesto em Tóquio contra a decisão da França de retomar os testes nucleares no atol de Mururoa, no Pacífico Sul.

A iniciativa do governo de Jacques Chirac recebeu duras críticas dos países da região, principalmente do Japão.

5) Um ataque suicida reivindicado pelo grupo islâmico Hamas matou 6 pessoas e feriu quase 50 em um ônibus na capital israelense, Tel-Aviv. O atentado ocorreu às vésperas do fim do prazo para a OLP e o governo assinarem a segunda etapa do acordo de expansão da autonomia palestina.

6) Em Paris, equipes de resgate atendem às vítimas de um atentado no metrô, que matou quatro pessoas e deixou 62 feridos, 14 dos quais em estado grave. Após o atentado, a polícia prendeu um grande número de pessoas (mais de 150), em sua maioria de origem árabe, já que o principal suspeito pelo atentado era o GIA (Grupo Armado Islâmico), da Argélia, além dos sérvios.





9



8) Representantes de diferentes bairros de Caracas protestam contra a permanente insegurança em que vivem. A cada fim de semana, cerca de 30 pessoas são assassinadas na capital venezuelana.

9) Mais uma vez, a população de Bangladesh recorre à ajuda internacional para aliviar a fome que atingiu milhões de pessoas após uma série de inundações. O transbordamento dos rios deixou 74 mortos e centenas de milhares de bengalis sem teto.

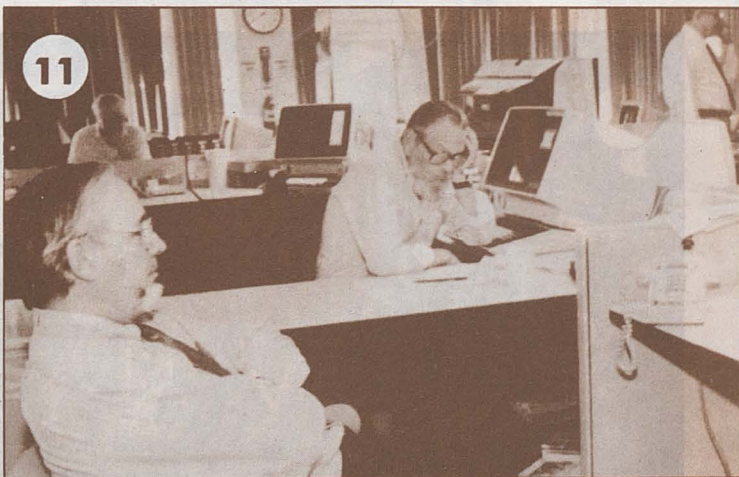


8

10



10) Num esforço para criar um clima de confiança no processo de paz, o secretário-geral da ONU, Boutros Ghali, visitou Angola, onde se entrevistou com o presidente José Eduardo dos Santos e o líder da Unita, Jonas Savimbi (foto). Nos últimos tempos, têm aumentado os rumores de que Savimbi poderia retomar as armas, rompendo o acordo de paz assinado em Lusaka, em novembro passado.



11

11) Em uma decisão que abre uma brecha no embargo econômico decretado contra Cuba pelos Estados Unidos há mais de 30 anos, o Senado daquele país aprovou um projeto que revoga a proibição de sucursais da mídia norte-americana (foto) se instalarem em Havana, em vigor desde 1969.

## CAPA

As graves conseqüências da falta de moradia nos grandes centros urbanos desperta a atenção dos governos locais. Autoridades discutem propostas para o problema em reuniões preparatórias para a Conferência da ONU para os Assentamentos Humanos, a ser realizada em junho de 1996 em Istambul

Agosto 1995 • Nº 188 • ANO XXI

### CAPA

- 4 Cidades sucumbem ao desafio da moradia
- 7 Programas esquecem a maioria pobre
- 8 Exclusão social tornará cidades ingovernáveis

### POLÍTICA

- 11 Crises e expectativas da reconstrução democrática

### DENÚNCIA

- 16 Escravos infantis do final do século

### HISTÓRIA

- 20 Cooperativismo popular a serviço da transformação

### ESPAÇO DO LIVRO

- 21 Viagem no texto: Crimes empresariais
- 22 Com a palavra, o autor - Anita Leocádia Prestes: "Aos jovens de hoje"

### AMÉRICA LATINA

- 23 **América Central:** A revolução conservadora
- 26 **Uruguai:** Solidariedade ou liberalismo?

### AMÉRICA DO NORTE

- 28 **EUA:** Havaí, o 'paraíso' quer a independência

### ÁFRICA

- 30 Os desafios das missões de paz
- 31 **Nigéria:** Ditadura monta nova farsa

### ÁSIA

- 32 Autoritarismo à moda da casa

### MULHER

- 34 A igualdade distante

### ESPECIAL

- 36 II Guerra: Outro mergulho na história
- 37 O cogumelo da morte
- 38 A Grande Guerra Patriótica
- 40 Um adversário especial
- 41 Os líderes do conflito

### PÁGINA ABERTA

- 44 Crime e perdão

### □ SUPLEMENTO

#### CAPA

- 2 Cinema cubano: o morango se impõe ao chocolate
- 6 Um olhar feminino
- 8 PINGUEPONGUE

#### MULHER

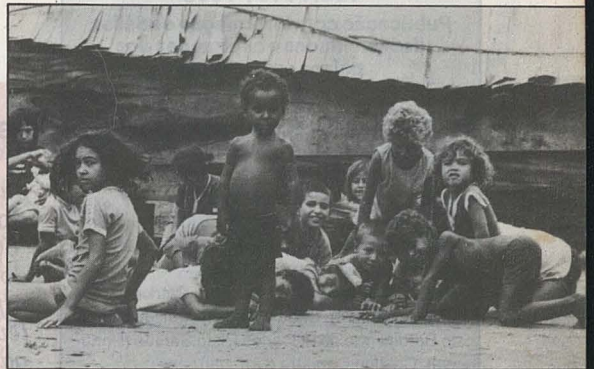
- 9 Trabalhadoras maranhenses

#### CULTURA

- 10 Magia X Ciência - o conflito dos acadêmicos
- 14 O MUNDO EM IMAGENS

## SUMÁRIO

➤ Pesquisa do IBGE revela que 47,4% dos brasileiros entre 10 e 14 anos que trabalham não recebem qualquer remuneração



16

➤ As forças políticas conservadoras do continente asiático lançam uma ofensiva na tentativa de minar a credibilidade dos jovens governos democráticos



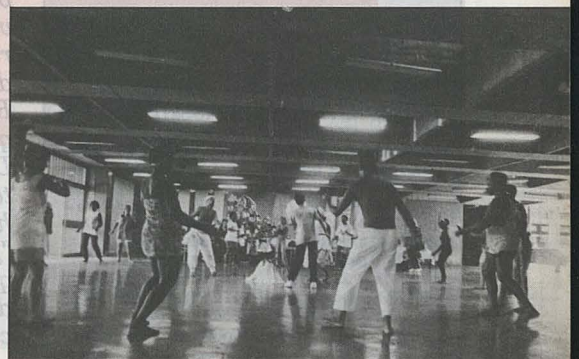
32

➤ O sucesso internacional de filmes cubanos leva o público a descobrir um cinema crítico, que não teme refletir os problemas e contradições do seu país



S.2

➤ Professores e pesquisadores discutem as relações entre o saber universitário e as formas alternativas e místicas de sabedoria. A Uerj, por exemplo, abriu suas portas para a dança dos orixás



S.10

**DIRETOR:** Neiva Moreira  
**DIRETOR ADJUNTO:** Pablo Piacentini  
**EDITORA:** Beatriz Bissio  
**SUBEDITORES:** Claudia Guimarães,  
Elias Fajardo, Procópio Mineiro.  
**CONSULTORES ESPECIAIS:** Darcy Ribeiro (Bra-  
sil), Henry Pease García (Peru), Eduardo Galeano  
(Uruguai) e Juan Somavia (Chile)  
**REDAÇÃO:** Marcelo Monteiro e Patrícia Costa  
(Rio de Janeiro), Carlos Lopes (Brasília), Rober-  
to Bardini (México), Carlos Pinto Santos (Portu-  
gal), Cristina Canoura (Uruguai)  
**REVISÃO:** Cléa M. Soares e Valdenir Peixoto  
**DEPTO. DE ARTE:** Nazareno N. de Souza (editor  
e capa) e Roberto S. Lourenço  
**FOTOS:** A. C. Júnior  
**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO:** Jessie Jane V.  
de Sousa (diretora), Juliana Iooty, Marcelo Cabral  
Emerenciano, Marco André Balloussier, Mônica  
Pérez, Luciane Reis e Rosângela Vicente Ferrei-  
ra, Sílvia Aruda  
**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** Macário Costa  
(chefia), Paulo Henrique Rodrigues e Sheila  
Cristina Massapust  
**ADMINISTRAÇÃO:** Henrique Menezes  
**CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:**  
Mauro Mendes - Rua da Glória, 122 - 1º andar  
☎ (021)221-7511

**CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO**  
utiliza os serviços das seguintes agências:  
ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Ira-  
que), IPS (Inter Press Service), SALPRESS (El  
Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAPA (Pales-  
tina), e o pool de agências dos Países Não-Alli-  
nhados. Intercâmbio com as revistas: *Africa News*  
(EUA), *Altercom* (Ilet-México-Chile), *Third World*  
*Network* (Malásia), *Israel and Palestine Political*  
*Report* (Paris) e *Against the Current* (EUA)  
**Fotos:** Agence France Press (AFP)

**Uma publicação da Editora Terceiro Mundo:**  
Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106  
20241-180 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Tel. PABX: (021)221-7511  
Fax: 55 21 252-8455 - Telex: (021) 33054 CTMB-BR  
Correio Eletrônico - Geonet: Terceiro-Mundo  
Alternex: caderno@ax.ibase.org.br

**Sucursal em São Paulo:**  
Representante: Deborah Cordeiro  
Rua das Palmeiras, 230/51 - Santa Cecília  
CEP 01226-010 - São Paulo  
Tel/Fax: (011) 826-5442

**SUCURSAL DE LISBOA:**  
Diretor: Artur Baptista  
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro  
10/1º andar. Lisboa, 1.200  
Tel.: 32-0650.  
Telex: 42720 CTM-TE-P

**REPRESENTANTES DE ASSINATURAS ☎**  
Maringá - (0442) 224182, Recife - (081) 224-9609  
224-0936, BH - (031) 226-7992, Juiz de Fora (MG) -  
(032) 234-2029, Brasília - (061) 226-7093/226-7949,  
Aracaju - (079) 211-1912, Rio - (021) 221-7511, SP  
- (011) 573-8562/571-9871/826-5442, Porto Alegre -  
(051)228-8636/228-5826, Fortaleza - (085)226-3799/  
231-3743, Curitiba - (041)264-9969/252-7900/  
224-3319, Belém - (091) 224-7968/224-9113,  
Uberaba - (034) 333-1635, Campina Grande - (083)  
322-7536, Macapá - (096) 222-0855, Maceló - (082)  
221-4322, Salvador - (071) 358-7416, Campo  
Grande - (067) 725-7451, Teresina - (089) 223-3542

## Segunda Guerra

É uma honra e um privilégio para mim aparecer nos cadernos do terceiro mundo. A reportagem "50 anos de paz - a guerra que mudou o mundo" é História pura. Magnífico trabalho, na forma e no conteúdo. Saber fazer jornalismo não é para qualquer um. Não é comum a gente cruzar com gente como Neiva Moreira. Tudo que foi publicado está muito bom: fotos, caricaturas e desenhos. Tudo é ensinamento. Comentou-se com rara clareza cada fato importante vivido entre 1º de setembro de 1939 e 8 de maio de 1945.

**Brigadeiro Rui Moreira Lima**  
Rio de Janeiro - RJ

## Racismo

Esquartejamento em praça pública. Esta seria a pena para os autores da ação contra a Rede Globo, estivessemos sob a escravatura legal. Todavia, não podendo condená-los à morte física, o Judiciário condenou os autores de uma ação contra a TV Globo por conceitos racistas veiculados pela novela *Pátria Minha* a pagar US\$ 170 milhões, o que, na verdade, é pena de morte social. Com isso, o Judiciário assume a defesa de Roberto Marinho e nega os direitos de cidadania àqueles que ousaram litigar contra a poderosa rede que pratica o racismo explícito, sem, contudo, sofrer qualquer punição. Enquanto cidadãos negros litigavam contra a Rede Globo, na tentativa de reaver prejuízos morais devido ao incitamento ao racismo promovido por sua imprestável novela "*Pátria Deles*", deputados federais e senadores usavam o dinheiro do povo brasileiro para homenagear Roberto Marinho, o maior criminoso que este país conhece. Assembléias Legislativas de todo o Brasil usaram, também, o dinheiro do Estado para homenagear tal figura, como o "grande empresário nacional", esquecendo-se de que sua fortuna e poder jamais beneficiaram o povo. Ao contrário, a mídia comprovada-

mente destrói o que a população deveria possuir de melhor: seu senso crítico e sua dignidade. Na audiência de conciliação promovida pelo juiz da 15ª Vara Cível da capital paulista, o representante da Rede Globo teve o disparate de propor como acordo a desistência da ação sob o argumento de que agora existia uma família de negros representada na televisão e que, por outro lado, os autores não teriam dinheiro para pagar as custas do processo. Ora, isso seria um atentado à inteligência e um desafio aos sobreviventes do genocídio organizado. Como reaver os danos sofridos por milhares de crianças negras chamadas de "negros safados" por seus amiguinhos de escola, repetindo palavras da personagem da novela?

**Vera Lucia C. Vassouras**  
(advogada e uma das autoras  
condenadas)  
São Paulo - SP

## Juventude de vanguarda

A juventude brasileira, no decorrer da história, tem se mostrado como a vanguarda nacional. Mas para que rumo estamos encaminhando esta vanguarda? Quais interesses e valores estão sendo levados em conta ao defendermos nossas bandeiras de luta? Raramente essa juventude, que tão bem representa os anseios da sociedade perante a pátria, se dispõe a erguer o maior e mais legítimo baluarte que possui: a bandeira do Brasil. Onde estão os jovens nacionalistas de nosso país?

Não podemos mais continuar a espelhar o nosso futuro e desenvolvimento em concepções vindas do exterior. Será que nós, brasileiros, não temos opiniões próprias sobre o rumo que devemos seguir? É claro que sim. O que está faltando é voltarmos os olhos para o que temos de melhor: nosso povo e nossa terra.

Se mesmo assim ainda acharmos que precisamos de lições de soberania de outros países, vejamos primeiramente casos como o do Mé-

xico, que, tendo direcionado seu caminho através de coordenadas estrangeiras, acabou perdendo sua soberania econômica. É preciso fortalecer os ideais patrióticos entre a nossa juventude, para que as outras nações tenham consciência do que somos, do que podemos, e, principalmente, por que nos denominam uma juventude de vanguarda.

#### Alessandro Rocha Fonseca

Vice-Zonal Ilha do Governador da Associação Municipal de Estudantes Secundaristas  
Rio de Janeiro - RJ

#### Abaixo-Assinado

É em homenagem à democracia que o Movimento em Defesa da Economia Nacional (Modecon), presidido por Barbosa Lima Sobrinho, o homem de três séculos de lutas democráticas e patrióticas, está conclamando todos os brasileiros a subscreverem um abaixo-assinado, exigindo que todas as reformas de emenda à Constituição (Cidadã) Brasileira, propostas pelo governo do PFL, sejam submetidas a um plebiscito, precedido de amplo debate pelos meios de comunicação, para que o povo decida, pelo voto, se devem ou não serem postas em vigor.

O governo FHC propôs ao Congresso reformas de profunda mudança na estrutura social e econômica do país. Por coincidência, as mesmas reformas neoliberais, recitadas pelos banqueiros internacionais, implantadas no México e na Argentina, aniquilaram com a economia e a independência daqueles países.

#### Francisco Soriano de S. Nunes

Diretor do Movimento de Defesa da Economia Nacional  
Tel.: (021) 262-5734  
Rio de Janeiro - RJ

#### Terceiro Mundo

É com prazer que me respondo com esta maravilhosa editora que consegue como nenhuma outra

passar um panorama geral sobre o Terceiro Mundo. Estou começando a estudar os problemas desta região, principalmente da América Latina. Gostaria de saber se estão editando a revista **cadernos do terceiro mundo** e o Guia do Terceiro Mundo. Como proceder para adquiri-los? Parabéns, também, pela revista Ecologia e Desenvolvimento, a melhor do gênero.

#### Marcelo Gomes

São Paulo - SP

A Editora Terceiro Mundo publica as revistas mensais **cadernos do terceiro mundo**, *Cadernos del Tercer Mundo* (dirigida aos países do Cone Sul), *Ecologia e Desenvolvimento* e *Mercosul* (em espanhol e português). Este ano está editando o *Almanaque Brasil*, lançado em agosto na Bienal do Livro do Rio. Para assinar estas publicações, escreva para Rua da Glória, 122/105, Rio, fone (021) 221-7511 ou fax (021) 252-8455, através do Departamento de Circulação.

#### Sugestão

Gostaria de sugerir a reedição do livro *Querida ilha, de Hélio Dutra sobre Cuba*. Quanto ao *Almanaque Brasil* seria bem mais proveitoso a supressão da relação nominal de deputados federais e senadores. Estas páginas seriam melhor aproveitadas com temas de maior relevância, como saúde, educação, economia, entre outros.

#### Roberto Cordeiro da Costa

São José dos Campos - SP

O *Almanaque Brasil* deste ano está saindo sem a relação nominal de deputados e senadores. E nele 16 especialistas escreveram artigos abrangentes sobre temas como violência, saúde, economia, comunicação etc.

## Intercâmbio

#### ✓ Nelo Meirelles

Caixa Postal 14709  
Luanda - Angola

#### ✓ Iisson Pinheiro de Araújo

Av. da Paz, 2076, Centro  
CEP: 57020-440  
Maceió - AL

#### ✓ Pedro Araújo Chaves

QSC 19, nº 18  
Taguatinga - Brasília  
CEP: 72016-190

#### ✓ Juan González Alonso

Apdo. de Correios 1100  
39005 - Santander  
Espanha

#### ✓ Marisol León Dominguez

Calle 24 # 2501  
c/c 25 y 27  
Jaruco - Habana - Cuba

#### ✓ Fernando Hilário

Rua 16-A nº 536, apto. 309  
Setor Aeroporto, CEP: 74075-150  
Goiânia - GO

#### ✓ Eliana Rodrigues de Souza

Rua Pedro Moacir nº 31, bloco C,  
apto. 402  
CEP: 96020 550, Três Vendas  
Pelotas - RS

#### ✓ Eduardo Rodriguez Morales

Calle Segunda del Oeste # 44  
Encrucijada, C.P. 52 400  
Villa Clara - Cuba

#### ✓ Neide Kobielski

Barra Grande, CEP: 85580.000  
Itapejara d'Oeste - PR

#### ✓ Benedito Almir Faria

Rua José Forte, 106  
CEP: 18701-155  
Avaré - SP

#### ✓ Alicia Martinez Piñero

Calle 13 # 8% A y Paseo Martí  
Cumanayagua - Cienfuegas  
Cuba

# CIDADES SUCUMBEM AO DESAFIO DA MORADIA

*O grave problema habitacional em centros urbanos de todo o mundo desperta o interesse dos governos locais, que pretendem participar ativamente da Conferência da ONU para os Assentamentos Humanos, em junho do ano que vem*

**Patrícia Costa**

**U**m dos problemas mais graves do Brasil, atualmente, diz respeito à moradia. Tal questão está intimamente relacionada com o processo de urbanização que sofremos desde o fim do século passado. Cerca de 70% da população brasileira vivem nas cidades, deixando imensos vazios nas áreas rurais. Essa alta concentração cria o problema da falta de moradia para todos: mais da metade dessa população vive hoje em cortiços, favelas e loteamentos ilegais.

A situação se repete em vários países, particularmente nos do Terceiro Mundo e até em alguns do Primeiro. Pesquisas revelaram que no Japão, por exemplo, cresceu a população de rua, devido ao aumento do custo de vida: a moradia ficou tão cara que muitos não podem mais pagar.

**Conferência** - Para responder a essa e outras questões é que está sendo preparada a Conferência Mundial das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (Habitat II), que ocorrerá em Istambul, na Turquia, em junho de 1996. Segundo o arquiteto brasileiro Jorge Wilhelm, secretário-geral-adjunto do encontro, não se pode pensar no futuro do país sem pensar no futuro das cidades. E exemplifica: "As taxas de crescimento urbano são dramáticas na Ásia e África. Na América Latina, é mais reduzida, mas ainda é grande. Esta aceleração de processo é também significativa na grande concentração de renda que se agravou nos últimos



**Prefeitos latino-americanos (César Maia, do Rio, ao centro) e urbanistas pedem maior participação das municipalidades na Habitat II**

anos. Em 1962, 20% da população mundial mais rica concentravam 30 vezes mais renda do que 20% da população mais pobre. Em 1994, 20% dos ricos concentravam 60 vezes mais do que os 20% mais pobres."

Ele afirma que a conferência está sendo estruturada sob dois enfoques: a dramaticidade de curto prazo e a esperança a longo prazo.

"Passamos por um momento de transição, no qual estão ocorrendo guerras em defesa dos Estados nacionais, com egoísmo e rompimento da solidariedade humana. Nos últimos quatro anos, tivemos 84 conflitos armados no mundo, e nem estamos em guerra!

Em contrapartida, nas cidades, têm surgido as simulações para o futuro do modelo social mundial, que levará algumas décadas para uniformizar-se", declara Wilhelm.

**Maior responsabilidade** - Pela primeira vez, está sendo destacada a importância das contribuições das cidades de todo o mundo: "A posição daqueles que lidam, no dia a dia, com o problema das cidades é muito válida, já que ficam próximos das necessidades, das perspectivas e sabem qual o potencial dos centros urbanos para resolver os seus problemas sociais." O objetivo é dar espaço, voz e autonomia para elas.

# 20 anos de preocupações e crises

A questão da moradia chamou a atenção das Nações Unidas nos anos 70, quando se vivia uma fase de expansão econômica nos países em desenvolvimento, com urbanização acelerada. A favelização e outros tipos de habitações improvisadas, a falta de saneamento e de outros serviços para centenas de milhões de pessoas levaram a ONU a convocar uma conferência mundial, que tomou o nome de Habitat e reuniu delegações de 132 países em Vancouver, Canadá, em 1976.

O congresso elaborou a Declaração de Vancouver sobre Assentamentos Humanos, com 64 recomendações e um compromisso dos governos em investir em políticas habitacionais, infra-estrutura e demais serviços, uso e posse da terra. A própria ONU se estruturou para acompanhar melhor o problema, criando a Comissão Intergovernamental de Assentamentos Humanos e seu Centro de Assentamentos Humanos (Habitat), com sede em Nairóbi, no Quênia, em 1977.

Tudo parecia bem enquadrado para uma arrancada mundial a favor dos cidadãos mais pobres do planeta, em grande parte vítimas dos deslocamentos para centros urbanos, provocados pela onda de desenvolvimento e de mudanças no campo. Mas, houve logo uma segunda crise do petróleo, a que se seguiram os anos 80, a chamada "Década Perdida" para os países em desenvolvimento. A crise lançou no esquecimento os bons propósitos de Vancouver e a pobreza cresceu, ampliando sua imagem mais visível, a falta de moradia digna – aumentaram as favelas e as populações de rua.

No Brasil, por exemplo, faliu o dinâmico plano habitacional dos anos 70, paralisando-se a construção de conjuntos populares, entre outras conseqüências.

Para isso, está sendo elaborada uma Assembléia Mundial das Cidades, também em Istambul, a ser realizada dois dias antes da conferência oficial, da qual poderão participar prefeituras, o setor privado, organizações não-governamentais (ONGs), fundações, organizações sindicais e parlamentares de todo o mundo como parceiros. "A idéia é que eles elaborem um relatório final para ser apresentado na conferên-

Uma primeira avaliação de Vancouver aconteceu em 1987, que a ONU proclamou Ano Internacional da Habitação para os Desabrigados. Pouco se fizera ante um problema que só crescera.

Agora, o final dos anos 90 receberá o estímulo dos debates da Habitat II, na Turquia, no próximo ano, um segundo chamado mundial ao exame e à administração desse agudo desafio ao bem-estar humano, que envolve não só o lar, mas ainda a saúde, produtividade econômica, convivência social, educação e cidadania.

Será possível mobilizar os governos? A situação econômica permitirá reverter o quadro, que se descreve dramático desde os anos 70 e que a reunião de Vancouver não pôde modificar? Os dados da ONU indicam que a maior área metropolitana do planeta será, no ano 2000, a Cidade do México, com mais de 26 milhões de pessoas. Lá, o panorama é de crise. A Grande Buenos Aires (13 milhões de habitantes) será metade da Cidade do México, mas a crise não é menor. O Brasil terá não apenas uma, mas duas megalópoles (São Paulo, com 24 milhões, a segunda maior aglomeração metropolitana do mundo; e o Rio de Janeiro, com 13,3 milhões, a décima). A economia conseguirá ser relançada? Como e quando será possível recuperar o atraso habitacional?

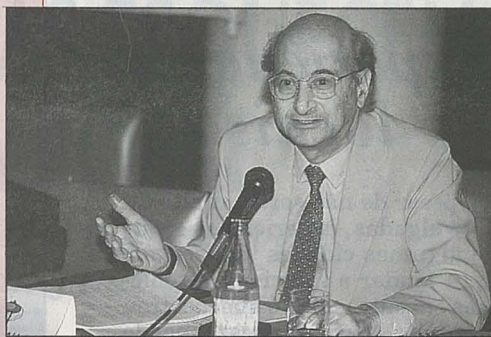
As interrogações custam bilhões de dólares. A Habitat II, na Turquia, pretende encontrar algumas respostas e fazer, pelo menos, a resenha mais recente desse drama social que dá a volta ao planeta e que, em muitos lugares, transmutou-se num impasse de complicadas conseqüências políticas.

(Procópio Mineiro)

cia, e que poderá fazer parte das decisões finais. É um fórum externo, mas com um entrosamento grande entre as duas reuniões. Isso é muito importante e faz uma diferença radical", explica Wilhelm.

No entanto, tal participação ainda terá de ser confirmada e oficializada na Assembléia Geral da ONU, em novembro, em Nova Iorque. O coordenador afirma que se pode voltar atrás: "Essas

## HABITAÇÃO



Jorge Wilhelm: cidades apresentam maior agilidade para resolver problemas locais

regras foram adotadas pelos grupos preparatórios dos países, mas a ONU tem que aprovar. Eu temo um retrocesso porque certos países se ressentiram muito dessa proposta, por uma questão de poder. Afinal, reconhecer a importância das cidades pode tirar a força do poder central, e eles têm medo que se subverta a hierarquia do poder. Num certo sentido, eles têm razão, pois subverte mesmo."

Outra questão é o fato de que essa descentralização pode aumentar o problema da corrupção governamental em pequena escala. Num país como o Brasil, onde já existem tantos problemas de desonestidade, a ampliação da autonomia local poderia facilitar, por exemplo, a execução de obra que agredisse o meio ambiente. Afinal, é mais fácil dobrar uma prefeitura do que enfrentar o governo federal.

**Mobilização das cidades** – Apesar dessas ameaças, tal participação vem sendo muito discutida em diversos encontros paralelos e conferências preparatórias. A última, ocorrida no Rio de Janeiro, serviu para traçar mais claramente os rumos com vistas a Istambul. Foi uma semana de intensos trabalhos e muitas trocas de informações. A Rio-95 – Habitat, de 30 de maio a 2 de junho, reuniu autoridades do governo brasileiro, ONGs, lideranças comunitárias, representantes de universidades e prefeitos brasileiros e de países latino-americanos interessados em discutir as questões urbana, fundiária e habitacional das grandes cidades.

Nos dois primeiros dias, ocorreu o Seminário Nacional sobre Habitação e Questão Fundiária Urbana, onde foram expostas teses e contribuições de especialistas de todo o Brasil que estudam e trabalham com essas questões (*ver quadro*).

## HABITAÇÃO

### Experiências locais

Apesar de não serem muito divulgadas, experiências locais de algumas cidades têm servido para ajudar a solucionar problemas em outras. Foi o que mostrou o projeto Megacidades, lançado depois da Rio-92, com o objetivo de viabilizar a troca de informações entre as 20 maiores cidades do mundo. Foi através dele que o relógio de poluição de São Paulo e o ônibus Ligeirinho de Curitiba foram parar em Nova Iorque (*ler em cadernos do terceiro mundo n° 152 a matéria "Viva o favelado brasileiro"*).

Seguindo essa linha, as municipalidades latino-americanas pretendem intercambiar idéias criativas e de baixo custo para melhorar a qualidade de vida dos habitantes de suas cidades.

Florida, subprefeitura de Santiago, está realizando um programa de desenvolvimento urbano que privilegia a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes. Maria Ignacia Jiménez Suárez, secretária de Planejamento do município, explica que, durante a ditadura chilena, as políticas públicas de habitação visavam somente a construção de moradias, não levando em conta toda a infra-estrutura de que necessita uma população, como escola, hospital, transporte, supermercado, lazer: "Agora, fazemos esforços para reequipar essas zonas, o que permitirá que elas resolvam seus problemas próximo de onde vivem." Para ela, o Estado tem que ser responsável por esse setor e atuar subsidiando, para recuperar esse espaço público e equipá-lo. Nessa linha, o projeto de renovação de edifícios de dois e três andares, que não possuem nenhuma infra-estrutura por perto, contam com a ajuda dos próprios habitantes. "Pelo sistema de mutirão, eles se organizam e recuperam essas zonas. Milhares de famílias estão fazendo isso. Mas ainda há muito o que ser feito. Estamos querendo que o setor privado apóie esse trabalho", afirma.



Arana, de Montevideu: comprometer setores sociais para ação compartilhada

No terceiro dia, o Encontro Latino-Americano de Prefeitos reuniu representantes de cidades brasileiras e da América Latina, como o prefeito do Rio, César Maia; o de San José, capital da Costa Rica, Johnny Araya; o de Santiago do Chile, Jaime Ravinet; o de Montevideu, Mariano Arana, e o de Caracas, Aristóbulo Isturiz. O objetivo era definir estratégias, para tentar frear o processo desordenado de crescimento urbano, através da troca de experiências locais bem-sucedidas. Foram criados quatro grupos de trabalho, que trataram de Pobreza Urbana e Políticas, Papel Econômico e Produtivo das Cidades, Meio Ambiente Urbano, e Governabilidade das Cidades e Participação.

**Parcerias sociais** – O prefeito de Montevideu, Mariano Arana, aposta no sucesso da participação das cidades na Assembleia Mundial. Para ele, os governos municipais merecem reconhecimento por sua importância como "governo democrático que está mais próximo da própria população e dos problemas que as cidades enfrentam".

No caso do Uruguai, a importância de Montevideu, segundo ele, é dada pelo seu alto índice populacional – quase a metade da população total do país – e de concentração industrial, financeira e cultural na capital. E enumera algumas contribuições que levará à Assembleia Mundial de Cidades: "Temos plano-piloto em andamento sobre casas populares, inclusive os que se desenvolveram sob o sistema de mutirão. Temos políticas sociais bem-sucedidas

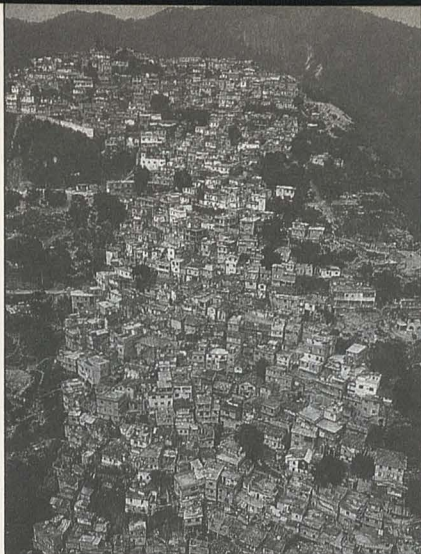
na área da educação pré-escolar, na prevenção e assistência médica, e de apoio a crianças, jovens, idosos e incapacitados."

Destaca ainda o incentivo à produção cultural e à criatividade para 1996 como um grande desafio, pois Montevideu foi declarada para o próximo ano como a capital cultural da Ibero-América. "Mas, creio que nossa maior contribuição será a experiência, surgida de 1993, da descentralização participativa, como forma de atender às demandas sociais e comprometer os setores sociais para uma ação compartilhada", conta Arana.

**Problemas nacionais** – No Fórum Latino-Americano de Indicadores Urbanos, que contou com palestras do coordenador internacional do Programa de Indicadores Urbanos e de Habitação da Habitat II, Joe Flood, e do coordenador do Programa de Indicadores de Habitação do Banco Mundial, Scholomo Angel, que apresentaram um quadro amplo sobre como funcionam os indicadores urbanos e como eles podem ajudar na identificação e solução dos problemas das grandes cidades em todo o mundo.

No encontro, foi lançado o Programa de Indicadores Urbanos no Brasil. Este programa foi iniciado pelo Banco Mundial e o Habitat em 1990, para fornecer indicadores sobre onde estão localizados os mais graves problemas das cidades e despertar a atenção da sociedade para as condições habitacionais e urbanas. O Rio de Janeiro foi uma das





A modernização deixou de contemplar o bem-estar da maioria da população

52 cidades do mundo selecionadas pelo Banco Mundial para experimentar o programa.

Informações como o tempo médio que um trabalhador leva para se deslocar de sua casa até o trabalho, os anos que uma família média leva para conseguir comprar uma casa, o poder aquisitivo do salário mínimo e o preço da casa própria servem como indicadores para analisar os problemas e ajudam a criar políticas de habitação mais eficazes, segundo os especialistas.

Em termos de Brasil, o que se identifica é que não existe uma política habitacional há muito tempo, e há oito anos não há sequer uma instituição governamental que cuide dessa questão. Mas há uma razão para isso, segundo o coordenador-geral da Habitat II, Jorge Wilhelm, razão essa que é um "defeito": "É essa visão muito setorializada que temos das cidades. O governo central acha que cuida das cidades, porque tem Ministério dos Transportes, da Educação, da Saúde, e é claro que são três coisas que interessam às cidades. Mas é uma visão setorializada, corporativista, e não é assim que nós vivemos, não é assim que as cidades se organizam." Isso do ponto de vista histórico. "Agora, é claro que esse defeito tem que ser corrigido. Em primeiro lugar, é necessário descentralizar as decisões", afirma Wilhelm, para quem o desenvolvimento das cidades é fundamental para o avanço do país, tanto do ponto de vista econômico como do social. A diversidade de organizações urbanas – megacidades, regiões metropolitanas, redes de cidades importantes em alguns estados, fronteiras agrícolas e o nascimento de cidades novas – exige um pensamento político e estratégias de desenvolvimento nacional que levem em conta esta realidade, para que se determinem políticas públicas eficazes. ■

## HABITAÇÃO

# PROGRAMAS ESQUECEM A MAIORIA POBRE

*Urbanização brasileira mantém visão colonial em seus planejamentos*

**U**ma das palestras mais aplaudidas de todo o encontro ocorreu no Seminário Nacional sobre Habitação e Questão Fundiária Urbana, da consultora Ermínia Maricatto, professora da Universidade de São Paulo (USP).

Traçando um perfil do processo de urbanização brasileiro, a professora Ermínia mostrou como e por que a crise de habitação é tão aguda hoje no Brasil. Segundo ela, o processo de modernização do final do século passado e início desse teve forte marca excludente. O mercado imobiliário atendia cada vez menos a população.

O fim da escravidão levou uma enorme massa de trabalhadores livres para as cidades, o que provocou uma crise de moradia. Foram os tempos dos cortiços, moradias de aluguel nas quais várias famílias dividiam o espaço. Com o fracasso do setor privado, que não deu conta desta demanda por moradias, na década de 40, o Estado começou a interferir, mas de maneira pouco eficaz.

**Política habitacional** – A casa própria passou a ser o objetivo da massa trabalhadora, que perdia fins de semana por anos e anos construindo sua moradia nas periferias das cidades. Com isso, surge o crédito imobiliário (Caixas Econômicas, Institutos de Previdência Social, bancos privados): Nos anos 60, a criação do Sistema Financeiro da Habitação (SFH) e do Banco Nacional de Habitação (BNH) marcou o auge da intervenção governamental nesse processo. Com a extinção do BNH, em 1986, a política habitacional no Brasil deixou de existir.

Ao longo de todo esse tempo, porém, famílias de baixa renda acabaram construindo suas casas em loteamentos ilegais. A falta de uma fiscalização eficiente e, até certo ponto, a tolerância do Estado contribuíram para o avanço dessa prática. "Hoje, há um grande quadro de ilegalidade: mais de 50% da população urbana mora ilegalmente em loteamentos, favelas e cortiços", revela a consultora.

idade: mais de 50% da população urbana mora ilegalmente em loteamentos, favelas e cortiços", revela a consultora.

**Descentralizar** – Diante de todo esse quadro, e na ausência de uma política nacional, governos municipais e estaduais tentaram, na década de 80, resolver seus problemas locais de habitação. Muitas iniciativas deram certo, o que indica que este também pode ser resolvido de maneira descentralizada. Foi a falta de continuidade nas gestões, todavia, que atrapalhou os programas em diversos municípios.

Ermínia destaca a necessidade da institucionalização das políticas municipais de habitação. "Os governos ainda resistem em destinar verbas para a habitação. Essa mentalidade tem de mudar."

Hoje, há uma pequena queda demográfica no Brasil. As grandes cidades estão crescendo menos, mas ocorre o contrário com as periferias. As cidades com mais de 100 mil habitantes estão crescendo sem infra-estrutura. Em cidades como o Rio de Janeiro, o IBGE constatou melhorias na infra-estrutura de água, luz e saneamento básico.

Um dado preocupante, porém, segundo a professora Ermínia, é que hoje, nas favelas, as casas estão sendo construídas em alvenaria, mas em áreas de risco. Outro dado é que o IBGE constatou que a porcentagem da casa própria, em 1961, era de 62%; já em 1990, passou para 67%, e em 1991, para 70%, só que 12% delas apenas a construção é própria, não a terra.

Ermínia ressalta que, até agora, o caráter das políticas públicas foi privatista e que a complexidade da legislação favorece o monopólio fundiário: "É preciso rever isso, e promover uma normatividade para que todos tenham acesso à terra e à moradia. Habitação e política fundiária e urbana não podem se desligar."

(Patrícia Costa)

# EXCLUSÃO SOCIAL TORNDARÁ CIDADES INGOVERNÁVEIS

*Políticas nacionais esquecem os grandes centros urbanos e geram no continente 115 milhões de marginalizados*

## Oswaldo Manesch

**O** documento técnico preparado pelo escritório regional para a América Latina e Caribe do Programa de Gestão Urbana (PGU), organismo das Nações Unidas ligado ao Banco Mundial, analisa as cidades latino-americanas. Apresentado por Pablo Trivelli, da coordenação do PGU, o estudo destaca a importância dos centros urbanos na dinâmica das sociedades do continente e o acúmulo de problemas que enfrentam, ante as migrações, falta de recursos, execução de políticas nacionais que abalam a eco-

nomia e se refletem em desemprego e marginalização social.

Segundo o Programa de Gestão Urbana, "as cidades são a matriz da civilização moderna" e criam "um ambiente mais propício para a vida". As perspectivas, porém, indicam desafios crescentes:

"A atual concentração de população e de atividade econômica geraram sérios desafios em termos ambientais e de aproveitamento do espaço urbano. Mas, os problemas mais graves, sem dúvida alguma, são as grandes concentrações de pobreza e a falta de serviços básicos – como água limpa e saneamento – para grandes contingentes populacionais."

"As cidades são parte integral da vida das nações a que pertencem, portanto não faz sentido tratá-las como fatores isolados das regiões e dos países onde existem. A maioria dos seus problemas se originam nas políticas nacionais de seus países e também em macrofatores, como ajustes econômicos estruturais, a redução do tamanho do Estado, as privatizações (especialmente a dos serviços urbanos), a abertura comercial e a globalização da economia. Estatísticas demográficas projetam que, no ano 2000, cerca de 80% da população da América Latina e do Caribe viverão nas cidades, especialmente nas grandes áreas metropolitanas, fato que



Ravinet, de Santiago, e Isturiz, de Caracas, que têm intensificar troca de informações entre cidades

## Prefeitos pedem

**O**s prefeitos assinaram um documento final, ao lado dos representantes das associações nacionais de municipalidades da América Latina e de outros órgãos internacionais envolvidos com a questão urbana. No documento, pedem maior autonomia para as cidades, de modo que possam dar solução mais ágil a problemas urbanos que hoje dependem de outras esferas administrativas.

Segundo os prefeitos, "os processos de globalização aceleram a integração das sociedades latino-americanas, entre si e com o resto do mundo, desatando rápidas, profundas e irreversíveis mudanças econômicas e sociais, que se dão principalmente

nas cidades e que incrementaram a marginalização na maioria de nossos países".

Entendem, ainda, que "a modernização do Estado, a aceleração do desenvolvimento, a superação da pobreza e a consolidação da democracia exigem dos governos municipais o fortalecimento de seus recursos e atribuições, assim como uma efetiva autonomia", mesmo porque as administrações locais vêm assumindo, progressivamente, responsabilidades nas áreas do desenvolvimento, da luta contra a pobreza, da criação de empregos e defesa do meio ambiente. Consideram também que a Habitat II será uma reunião de importância especial para os centros urbanos.

## HABITAÇÃO

### IMÓVEIS

participação na vida política". O estudo chama ainda a atenção para as pequenas cidades, vítimas do esvaziamento econômico e populacional e um dos problemas que os governos, em geral, esquecem.

"Os últimos estudos mostram que há muito mais pobres urbanos do que pobres rurais, e que é permanente o crescimento da pobreza dos centros urbanos. Entre 1970 e 1990, o percentual de habitantes pobres das cidades aumentou de 29% para 39% do total da população urbana, o que em termos absolutos significa um aumento de 44 milhões para 115 milhões de pessoas. Na maioria das vezes, pessoas expulsas do campo ou atraídas por expectativas ilusórias ou reais de melhoria de vida. O fato concreto é que continuam chegando aos centros urbanos e, hoje, já constituem praticamente 40% da população urbana, gerando pressões fortíssimas sobre os serviços, a infra-estrutura e o sistema urbano em geral."

De acordo com o estudo, o afluxo humano para as cidades acaba por gerar favelas e outros assentamentos improvisados, em geral nas regiões periféricas ou mesmo em áreas decadentes dos centros (no Rio de Janeiro, por exem-



O professor peruano Felipe Pacheco instala sua barraca de ambulante em Lima, pois o magistério não lhe permite sustentar a família

representa um formidável desafio em termos de gestão urbana. Isto, apesar das taxas de crescimento dessas cidades estarem diminuindo. Esta situação é irreversível."

**Pobreza está na cidade** – O documento do PGU recomenda uma reviravolta nas políticas de planejamento, para que as cidades se tornem locais de

integração social e não de exclusão, cujos efeitos já se mostram alarmantes na maioria dos centros urbanos. Assim, propõe "produzir mais e melhor nas cidades, antecipando o crescimento e planejando-o, já que a pressão demográfica implica forte demanda por espaço para viver e teto, serviços básicos, serviços sociais, cultura, emprego e

## ações concretas

Entre as missões a que os prefeitos e as entidades pretendem se dedicar, nos próximos meses, como forma de preparação para a conferência de Istambul, estão o trabalho de divulgação de suas teses e, sobretudo, "difundir os casos positivos de gestão urbana, que sirvam de exemplo para as cidades e para o resto do mundo".

No decorrer deste semestre, vão promover a realização de seminários em cada país participante e nas associações nacionais de municípios, como forma de organizar os pleitos municipais para a reunião mundial. Um pedido que eles levarão aos chefes de Estado ibero-americanos, em outubro, na capital argentina, é que

formem as delegações que irão a Istambul com 50% de nomes oriundos da área municipalista.

Os prefeitos sugeriram, por fim, que se trace uma Agenda de Ações Concretas para as Cidades, considerando aspectos importantes para as administrações locais, como "superar a pobreza e a marginalização, orientando a ação das cidades a serviço do ser humano; melhorar a qualidade de vida; promover o desenvolvimento sustentável, em harmonia com o meio ambiente; analisar os efeitos da globalização sobre a vida econômica das cidades; revisar os efeitos das políticas macroeconômicas sobre o desenvolvimento das cidades e o seu impacto na pobreza".



Cena carioca, mas comum às metrópoles, define o ciclo da exclusão: marginalização, criminalidade e repressão

# IMÓVEIS: Desequilíbrio entre preço e salários

O Rio de Janeiro é uma das 52 cidades selecionadas pela ONU – uma em cada país de diferentes regiões do mundo – para participar do Programa de Indicadores Urbanos e Habitacionais para o Monitoramento dos Assentamentos Humanos. O objetivo é o de fornecer aos governos, a partir de uma metodologia comum de coleta de dados, condições para análise integrada dos problemas urbanos e a escolha das melhores políticas para enfrentar a questão.

A curto prazo, esses indicadores servirão para que os governos elaborem propostas de ação a serem apresentadas na Habitat II e, a médio prazo, vai ajudá-los a criar e operar um sistema integrado de dados urbanos e habitacionais. Iniciado em 1991, o programa definiu 53 indicadores, abrangendo a questão habitacional do ponto de vista da demanda, da oferta e dos instrumentos normativos. Posteriormente, houve uma ampliação e foram incorporados índices que permitem que, além da questão habitacional, o programa atente para aspectos socioeconômicos, de transporte, de infraestrutura e meio ambiente.

A aplicação desses indicadores no Rio de Janeiro, por exemplo, entre outras constatações, aponta para uma elevação desproporcional no preço das unidades habitacionais de padrão médio, entre 1986 e 1990: 46% em termos reais, contra uma média, nas demais cidades incluídas no estudo, da ordem de 32%.

Ainda com base neles, constatou-se também desequilíbrio entre o preço da construção e o salário mínimo. Em maio de 1970, um salário mínimo pagava 3,6 m<sup>2</sup> de construção e, 20 anos depois, em 1990, o mesmo mínimo pagava apenas 0,28 m<sup>2</sup>. Outro índice carioca desproporcional entre as cidades estudadas foi o tempo médio de deslocamento das pessoas, de casa para o trabalho: no Rio, 1 hora e 50 minutos.



A crise dos anos 80 e as incertezas dos 90 destruíram a política habitacional. Agora, as grandes municipalidades querem condições para enfrentar o desafio

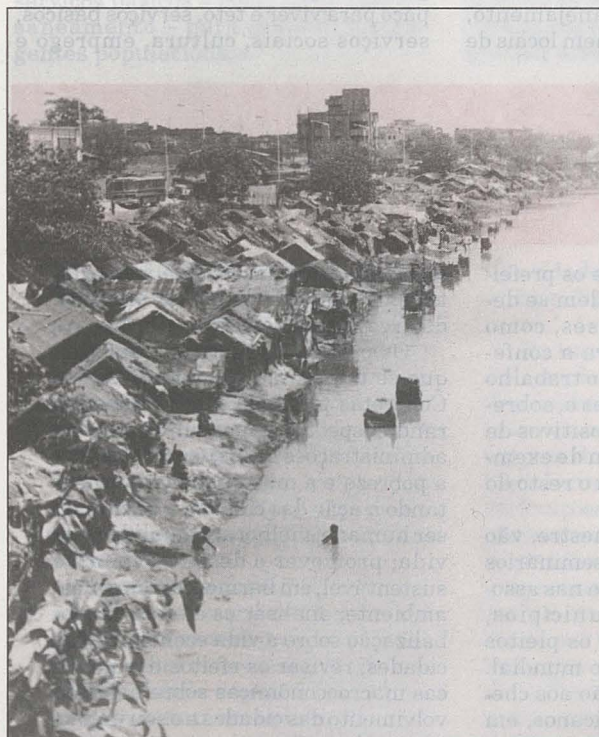
plo, os morros), formando comunidades segregadas (cidades dentro das cidades, define o estudo), desprovidas de infraestrutura urbana.

**Desafio do século XXI** – A cidadania em tais localidades ressentem-se de graves problemas, como a violência endêmica, a subsistência mais difícil, o transporte mais caro e mais demorado, carência de saneamento básico e de serviços de saúde, maior dificuldade de empregos.

O estudo da ONU faz um alerta dramático: “Há claro consenso, no sentido de que o crescimento da população urbana em situações de pobreza e indigência constitui um grande desafio moral, quando se fala em cidadania. Do ponto de vista político, talvez seja este o problema mais complexo e explosivo do próximo século, pois não haverá paz, democracia e exercício da cidadania enquanto subsistirem nas cidades latino-americanas as graves carências, contrastes e escandalosas diferenças da atualidade.”

Dados de 1992 indicaram taxas de desemprego médio no continente entre 5% e 8%, “uma evidência da grave incapacidade do sistema de absorver fração tão grande de pessoas, obrigadas a sobreviver no vasto universo denominado setor informal urbano”.

O alerta final do estudo é dirigido aos gestores das economias nacionais, que traçam seus planos e metas sem levar em consideração as realidades urbanas e regionais que sofrerão os efeitos de tais políticas. A mensagem final é de que cidades bem dotadas de infraestrutura e com maior autonomia são capazes de reduzir os sofrimentos sociais, mesmo numa época de transformações. ■



Em Calcutá, como em outros centros do Terceiro Mundo, a dura sobrevivência dos mais pobres

# Crises e expectativas da reconstrução democrática



A democracia voltou depois de colossais manifestações populares, como o Comício das Diretas-Já, na Candelária, no Rio

uma viagem de roteiro incerto, com indecisões e surpresas. São quatro presidentes, um deles – Fernando Collor – afastado por *impeachment*. A construção de um grande país, enfim, não tem fórmula escrita em qualquer manual.

A redemocratização apresenta uma folha eleitoral movimentada – pleitos em 1986, 1988, 1989, 1990, 1992, 1994 e, logo, em 1996 – mas poucos ganhos sociais. Os índices relativos aos níveis de bem-estar (saúde, emprego, salários, educação, moradia, segurança) indicam grande desconforto dos cidadãos, mesmo depois de meia dúzia de planos de estabilização econômica. O Plano Real é uma espécie de parada no movimento de ladeira abaixo e funciona como um respiradouro, apesar dos problemas que começa a apresentar, enquanto se aguarda que surjam as condições de reversão, que permitam galgar os degraus descidos.

Redemocratização hoje é, sobretudo, o desafio da economia.

E como se apresenta hoje este desafio? Apresenta-se como a necessidade urgente de incorporar ao trabalho 15 milhões de desempregados e outro tanto de subempregados, retomar o crescimento econômico, melhorar a máquina produtiva, estender seus mercados, dentro e fora do país. O desafio econômico entrelaça-se, assim, com o das necessidades sociais, sendo a principal delas alimentar e assistir, com serviços de educação e saneamento, mais de 30 milhões de excluídos. Em suma, trata-se de implantar reformas, como dizem o governo e a oposição, embora com enfoques diferentes.

Assim, passados 21 anos de ditadura militar e mais 10 de governos democráticos, continuam-se a discutir reformas. O golpe militar de 1964 deu-se contra as reformas de base pretendidas pelo governo João Goulart. Hoje, o confronto de opiniões ocorre igualmente em torno de reformas. Entre as duas, porém, mudou o sinal de direção. As de

*Em meio às tensões da economia e às dificuldades sociais, o país busca consolidar a vida democrática*

### Procópio Mineiro

**A**penas dez anos se passaram e para muitos já parece uma eternidade. A redemocratização é uma palavra já em desuso e não se consumaram as esperanças de que o fim do regime militar levasse junto inúmeras mazelas nacionais. Há quem considere que a redemocratização integral, com plenos efeitos sociais e econômicos, seja uma utopia, no país que somente teria espantado os militares do poder, sem se mobilizar para um projeto-nação.

O brasileiro está aprendendo que a construção da democracia tem sido

## Entre avanços e recuos

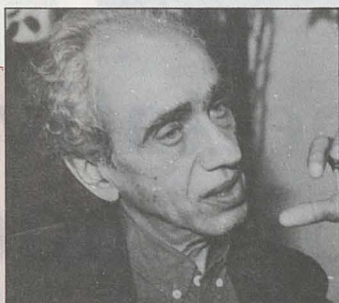
Herbert de Souza

**É** um fato que o processo de redemocratização avança empurrado pela sociedade. O Estado brasileiro por si só não mudaria. A elite dominante não avança nesta direção por sua própria vontade, só há democratização quando a sociedade empurra, transforma.

Neste sentido, a Ação da Cidadania é exemplo vivo desse processo como grande movimento, na medida em que centra sua luta na premissa de que miséria e democracia não coexistem.

No que diz respeito ao Estado, onde os limites e obstáculos se inscrevem, vemos uma história política de ziguezagues, crises, avanços e recuos. A eleição direta foi um avanço, a escolha de Collor, um recuo. O governo civil de Sarney foi um avanço, mas o próprio Sarney foi um atraso. Atualmente, a própria política do governo Fernando Henrique tem uma grande dose de confusão, que desorienta muito nossa política. As mudanças constantes não são bem explicadas, bem amarradas. É preciso ter cuidado com essa pressa de mudança, para que ela não atrapalhe as mudanças verdadeiras.

Há uma falta de tranquilidade democrática que não ajuda. Mas, uma coisa é fundamental lembrar. Enquanto tivermos liberdade pública, garantia de direitos e abertura para diálogo, estaremos, sem dúvida nenhuma, avançando.



Betinho: miséria e democracia não coexistem

danças e pressionado pelos desafios do crescimento.

Uma outra característica é que, atenuada a força do conflito ideológico, com a crise do mundo socialista, o confronto refluíu, em grande parte, para o embate entre nacionalistas e neoliberais. É a partir de tais posições que hoje se analisam os cenários do passado e os que surgem com as modificações constitucionais em curso, as quais abrem a economia à globalização controlada pelos países desenvolvidos.

Algumas personalidades opinaram sobre os rumos do país nesta longa fase de recomposição da democracia. Apesar das diferenças, todos coincidem nas preocupações em torno da legislação eleitoral e sobretudo das práticas viciadas que comprometem a reconstrução política nacional e, conseqüentemente, afetam a evolução social do país. Há perplexidades e temores, mas, como afirma o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, "enquanto tivermos liberdade pública, garantia dos direitos e abertura para o diálogo, estaremos, sem dúvida nenhuma, avançando".

**"O atual sistema eleitoral precisa de uma reforma urgente"**

Lula

**O país saiu do bipartidarismo para entrar num hiperpartidarismo, com dezenas e dezenas de siglas. Este sistema partidário ajuda ou atrapalha a reconstrução democrática?**

Lula - Não tenho nenhuma sauda-

de do bipartidarismo, um recurso abominável que a ditadura militar implantou para calar a voz da sociedade brasileira. Acho, porém, que o atual sistema eleitoral precisa de uma reforma urgente. Da maneira como está, há um inchaço de legendas de aluguel, que não atendem aos interesses da democracia. Na verdade, com exceção do PT, não existem partidos políticos propriamente ditos no Brasil. Ocorrem agrupamentos de conveniência eleitoral e de pouco valor programático.

de do bipartidarismo, um recurso abominável que a ditadura militar implantou para calar a voz da sociedade brasileira. Acho, porém, que o atual sistema eleitoral precisa de uma reforma urgente. Da maneira como está, há um inchaço de legendas de aluguel, que não atendem aos interesses da democracia. Na verdade, com exceção do PT, não existem partidos políticos propriamente ditos no Brasil. Ocorrem agrupamentos de conveniência eleitoral e de pouco valor programático.

**Newton Cruz** - Tanto o bipartidarismo como o hiperpartidarismo atrapalham o processo de aperfeiçoamento democrático (melhor do que processo de redemocratização). No campo político, talvez o mais grave pecado da Revolução de 1964 consista em não ter promovido a reformulação partidária como estava nas intenções do saudoso presidente Castello Branco. Nos seguintes movimentos de sístoles e diástoles que caracterizam o período revolucionário, insinuou-se o bipartidarismo entre os primeiros para que os segundos algumas vezes pudessem concretizar-se. Antes de 31 de março de 1964, havia partidos demais. Durou demasiadamente o que deveria ser transitório, da mesma forma que longo demais foi o período revolucionário. Convenhamos que 20 anos representaram muito tempo para uma "arrumação da casa", como originalmente se pretendia.

Temos, hoje, mais partidos do que antes da Revolução. Pior a emenda do que o soneto... Se eu tivesse, porém, que escolher entre duas soluções más - bi ou hiperpartidarismo - ficaria com o primeiro.

**Barbosa Lima Sobrinho** - Houve um alargamento de liberdade e o povo brasileiro teve possibilidade de se expandir melhor. O povo, quando se expande naturalmente, é para reivindicar democracia, liberdade, e é isso que estamos fazendo nesse momento. De certa maneira, há receio de que tudo isto possa ser uma batalha perdida. Nós queremos que o Brasil seja vencedor de todas as batalhas em que venha a se empenhar.

**Leonel Brizola** - O bipartidarismo imposto pela ditadura era uma ca-

misa-de-força insuportável para a vida democrática. Assim, foi natural o surgimento de agremiações que legitimassem a diversidade política da sociedade. Mas, a profusão das chamadas siglas de aluguel, que representam apenas interesses eleitorais e não correntes sociais, desservem a democracia.

### “Existe um consenso sobre a premente necessidade de uma reforma política e eleitoral”

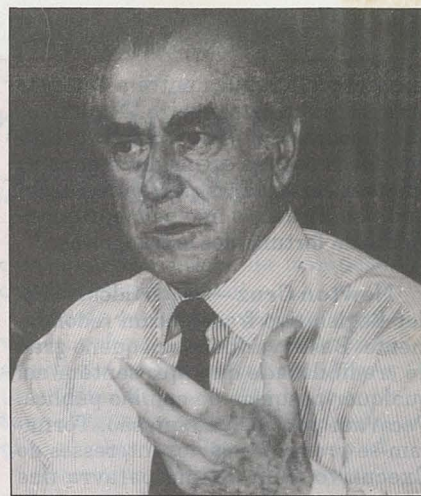
*General Newton Cruz*

**A legislação eleitoral, os costumes e alguns vícios eleitorais influíram nesta trajetória de dez anos?**

**Barbosa Lima Sobrinho** – De certa maneira, há defeito da legislação eleitoral, sobretudo porque não alcança toda a população do Brasil. Mas é menos um defeito da legislação eleitoral do que uma consequência dos desníveis de vida no Brasil. Mas, acho que o Brasil, dentro dessas condições, tem feito o possível para tentar resolver seus problemas, reagindo inclusive contra as forças opressoras que continuam existindo.

**Lula** – Avançamos muito, mas ainda temos uma legislação eleitoral que favorece o poder econômico e que não estimula a evolução política do povo brasileiro. Nas últimas disputas eleitorais, temos visto que o fisiologismo, os currais eleitorais e a parcialidade da mídia prejudicaram a consolidação democrática do país.

**Newton Cruz** – Evidentemente, e muito. O poder econômico continua a influir decisivamente, antes, durante e depois das eleições, seja na corrupção dos eleitores que, infelizmente, se deixam corromper com relativa facilidade, seja nas tentativas de falsear os resultados das urnas, com a omissão ou conivência da Justiça Eleitoral. Órgãos de imprensa freqüentemente curvam-



*Barbosa Lima e Brizola: reformas privilegiam setores das elites*

se ao poder econômico e criam o clima para eleições de determinados concorrentes. Muitos candidatos, majoritários ou proporcionais, parecem empenhar-se numa luta de vale tudo. Creio que uma boa reformulação deverá atender aos seguintes objetivos: existência de apenas cinco partidos políticos, pois todas as tendências mais importantes da opinião pública teriam onde buscar acolhida; acentuada redução do número de deputados e vereadores; exigência da fidelidade partidária; adoção do voto distrital e facultativo; votação e apuração das eleições por computador; eliminação do segundo turno nas eleições majoritárias.

**Brizola** – São conhecidos os problemas relacionados com a lisura das eleições. O processo é arcaico, há uma espécie de resistência contra a modernização da Justiça Eleitoral, de modo que a vontade do povo brasileiro nem sempre é devidamente refletida, o que, sem dúvida, influenciou muito negativamente nesta etapa da retomada democrática. Isto vicia o processo de reconstrução da democracia. Além disso, há interferências abusivas como a que se verifica com o monopólio da mídia, atuando de forma ditatorial sobre a opinião pública.

**Como o senhor analisa o procedimento dos partidos e do Poder Legislativo neste período de dez anos?**

**Brizola** – As elites continuam a impor suas prioridades, que não são as

prioridades do povo brasileiro. A grande massa da população vive a cada dia pior, sem que os setores políticos aliados às elites se comovam com a situação. O exemplo do que fizeram com o salário mínimo é gritante. Quando Getúlio Vargas o instituiu, nos anos 40, o mínimo correspondia a 413 dólares. No segundo governo de Getúlio, chegou a 430 dólares. Depois, no governo de JK, em aliança com João Goulart, que era vice, o mínimo subiu a 504 dólares. No fim do regime militar, já caíra a 213 dólares e, agora, não passa de 100 reais, pouco mais de 100 dólares. Nossas elites são reconhecidamente insensíveis. Os grupos políticos que as representam e lhes garantem os privilégios traem o povo.

### “O Legislativo está sujeito a influências que não são as melhores para o Brasil”

*Barbosa Lima Sobrinho*

**Barbosa Lima Sobrinho** – O Legislativo mostra-se sujeito a influências que não são as melhores para o Brasil. Eu não compreendo como os congressistas aprovaram essas emendas que põem em risco a economia nacional, afetando as estatais que ajudaram a modernizar o Brasil e, ainda, eli-

minando a diferença entre a empresa brasileira e a estrangeira. Nós temos que procurar dar cada vez mais prestígio, força e mais autoridade para as empresas brasileiras que realmente lutam pelo Brasil, e não pelo enriquecimento da fortuna dos estrangeiros.

**Newton Cruz** – Os partidos e o Poder Legislativo fracassaram redondamente. Basta verificar o pequeno grau de credibilidade que apresentam em qualquer pesquisa de opinião pública. Pecaram por ação e omissão. Tornaram-se presas fáceis dos interesses do Executivo, cuja última palavra nas questões mais controvertidas, apoiada na Constituição de 1988, manifesta-se por medida provisória. Ao Legislativo incumbe aprovar as leis, de iniciativa própria ou mediante proposta do Executivo, que ainda guarda o poder de veto. Por outro lado, mantém o Executivo a capacidade de liberar verbas e distribuir cargos, a constituir forte instrumento de pressão sobre os políticos. Os que não logram desfrutar do seu quinhão correm o risco de perder prestígio entre os eleitores e não cumprir promessa de campanha. Entretanto, pesado que seja o andor, não há como deixar de carregá-lo, pois é impossível conceber a democracia sem o funcionamento do Legislativo. Já dizia Winston Churchill que a “democracia é a pior de todas as formas imagináveis de governo, com exceção de todas as demais que já se experimentaram”. E não é sem razão que se confunde a ditadura com o fechamento do Congresso.

**Lula** – Os indicadores sociais do Brasil mostram que só houve piora na qualidade de vida do povo brasileiro. A concentração de renda aumentou e os problemas sociais se agravaram. Há uma parcela de culpa dos partidos políticos e do Poder Legislativo, que tiveram uma evolução inegável, mas ainda devem aos milhões de excluídos uma resposta que resgate a cidadania neste país.

**As reformas, como o governo pretende, são o caminho para a superação dos problemas do país?**

**Newton Cruz** – Não representa o caminho, mas podem significar o reinício de uma caminhada. Tem-se a im-

pressão de que, com dez anos de atraso, possa estar ocorrendo agora, sem traumas, a transição dos governos revolucionários para um governo civil. Vejo, pontificando nos governos federal e estaduais, também no Congresso, antigos esquerdistas aparentemente convertidos ao regime de mercado aberto. Evoluíram e merecem aplausos. Viriam a dar continuidade a propósitos que os revolucionários de 1964 não lograram alcançar. Algumas mudanças serão mais aparentes do que reais, em face das disposições (o famoso jeitinho brasileiro!) introduzidas pelo Congresso. O objetivo-síntese das reformas é o de caminhar para o Estado eficiente, que cuida bem daquilo que é de sua responsabilidade, e evitar o Estado onipresente, que cuida mal de quase tudo. Com as reformas, a demagógica Constituição-cidadã ficará mais próxima de uma Constituição-cidadania.

**“Nosso país está em grande parte sob a influência de tecnocratas que assimilaram a ideologia de nossos exploradores”**

*Brizola*

**Brizola** – O neoliberalismo é um estado de porre das classes dirigentes. Querem é manter os privilégios dessa minoria que se associou a negócios internacionais, por isso estas reformas não correspondem aos interesses do povo brasileiro. Nosso país está em grande parte sob a influência de tecnocratas que assimilaram a ideologia de nossos exploradores. Esta é, histórica-



Gen. Newton Cruz, ex-SNI, agora no PSD: reformas de FHC fazem, com atraso, transição do regime militar para o civil

mente, uma das situações mais tristes que podem ocorrer a um povo. Uma camada assimilar as idéias, a ideologia de seus colonizadores, de seus exploradores, de seus competidores. E adquirir poder para pôr em prática essas idéias. Precisamos assumir o nosso destino por nossa conta. Não vai ser o FMI, nem os bancos estrangeiros, nem as multinacionais ou grupos poderosos que irão nos tirar da crise. Defendemos a presença do Estado nos setores estratégicos. Estas privatizações são apenas grandes negócios, que servirão para o acúmulo de fortunas em poucas mãos, o que fatalmente prejudicará nosso desenvolvimento.

**Lula** – Não acredito. Defendo reformas estruturais que combatam a miséria e melhorem a distribuição de renda no Brasil. As reformas pretendidas pelo governo têm uma máscara supostamente modernizadora, mas só atendem ao poder econômico e aos compromissos conservadores assumidos na eleição de 1994. A reforma fiscal, apregoada como urgente pela equipe econômica na campanha de 94, ainda não saiu do campo das intenções. O atual presidente diz que essa seria a medida mais urgente para consolidar a estabilidade econômica. No campo social, existem iniciativas enganadoras e ineficientes. Onde está a reforma da Educação e da Saúde? O próprio ministro da Saúde, Adib Jatene, tem encontrado dificuldades dentro do governo para receber do Tesouro Nacional os recursos





**Cosenza:**  
despreparo em  
política de  
desenvolvimento  
leva os planos  
ao fracasso

### Monetarismo não tem resposta para o Brasil

Insuficiências teóricas e outros equívocos marcam a trajetória da economia brasileira nestes últimos dez anos, segundo análise do economista Carlos Alberto Cosenza, professor da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ). Nesta entrevista, o economista aponta as consequências danosas ao desenvolvimento e ao bem-estar da sociedade produzidas por sucessivos planos, que deixam em segundo plano aspectos vitais da realidade nacional.

**Quais foram os saldos dos diversos planos econômicos destes dez anos (Cruzado I, II, Bresser, Verão, Collor e Real)?**

**Cosenza** – Os resultados foram negativos: desemprego, ampliação dos desequilíbrios regionais e desestruturação da máquina administrativa. Agravados com a aceleração na transferência da renda do salário para o capital.

**Esses programas teriam sido, com exceção do Real, estrangulamentos temporários da inflação, que retornava feroz após cada fracasso?**

**Cosenza** – O Cruzado I e o Cruzado II foram elaborados de forma irrespon-

sável, por reconhecidos economistas que tentaram uma composição espúria do ortodoxo com o heterodoxo, sem considerar os princípios elementares propostos pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal). Já o Bresser e o Verão foram implementados de forma extraordinariamente incompetente, por economistas que se mostraram extremamente limitados e sem nenhuma capacidade criativa. O Real, por sua vez, tem um alto risco embutido (armadilha cambial, armadilha de liquidez e armadilha fiscal) e não tem privilegiado a sociedade.

**Há diferenças significativas (de orientação, de base) entre o Plano Real e os planos anteriores?**

**Cosenza** – O Plano Real está sustentado pela política cambial e pela manutenção de altas taxas de juros. Está condenado a pequenos movimentos (com pouco espaço para se movimentar).

**O que está errado em nossa economia que permitiu tantos fracassos, nestes dez anos?**

**Cosenza** – Verifica-se, nos gestores da nossa economia, despreparo em política regional e desenvolvimento econômico, ao lado de um elevado preparo em política fiscal e monetária, estas calçadas na teoria monetarista, que é inadequada para países em desenvolvimento

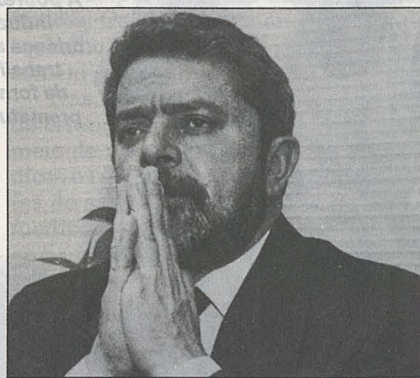
com elevados custos de produção, como é o caso do Brasil.

**Quais os efeitos desses equívocos sobre o desenvolvimento geral da economia brasileira (crescimento, aperfeiçoamento tecnológico, aumento de produção) e sobre os aspectos sociais?**

**Cosenza** – Verificam-se episódicos crescimentos sem desenvolvimento, queda dos investimentos, lento ou nenhum crescimento de tecnologia própria e desemprego em todas as classes sociais.

**Qual a perspectiva da economia brasileira e de que fatores ela depende para evoluir ou corrigir suas limitações?**

**Cosenza** – A perspectiva é de ocorrer aumento na concentração de renda, desemprego tecnológico e perda do controle das atividades estratégicas por parte do governo. Quanto aos fatores para a correção das distorções, posso enumerar: há necessidade de recomposição da estrutura de planejamento; aprimoramento da máquina de arrecadação; implantação de uma política regional de desenvolvimento; uso da ciência econômica como cultura, não como modelo, de forma inteligente e de acordo com as circunstâncias, e, enfim, a recuperação da infra-estrutura social básica.



**Lula:** partidos e Legislativo ainda estão em dívida com os excluídos

que lhe são devidos por direito. O programa Comunidade Solidária é uma cópia de um modelo que fracassou no México.

**Barbosa Lima Sobrinho** – As reformas que o governo está defendendo são reformas que afundam o nosso país. Eu não compreendo, a Petrobras é o coração do Brasil, representa de fato o que há de essencial e substancial na vida do povo brasileiro. A luta que se fez por esta empresa foi uma luta formidável, que durante muitos anos empolgou a nação. Entre os que defenderam o monopólio do petróleo estava o

próprio atual presidente da República do Brasil. Não compreendo como agora o presidente está lutando para anular a Petrobras. Esta é a situação em que nos encontramos e é a luta na qual estamos envolvidos. Eu, que defendia o monopólio do petróleo no momento em que se iniciou a campanha, continuo defendendo a mesma tese que me empolgou e ainda hoje me empolga, que é o monopólio total do petróleo através da Petrobras. ■

**Colaboraram os repórteres  
Patrícia Costa, Elizabeth von Zuben  
e Marcelo Monteiro**

# Escravos infantis do final do século

*Pesquisa do IBGE revela que 47,4% dos brasileiros entre 10 e 14 anos que trabalham não recebem qualquer remuneração*

**Maria Helena G. Pereira**

**S**ete milhões e meio de crianças e adolescentes na faixa de 10 a 17 anos. Este é o imenso contingente de menores brasileiros que deveriam estar na escola, mas são obrigados a trabalhar, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/1990). Eles representam cerca de 12% da população economicamente ativa (PEA) do país. Desse total, 1,28 milhão são explorados como mão-de-obra na agricultura – 40% da força de trabalho – a maioria sem ganhar salário. O Brasil tem, hoje, a terceira maior taxa de evasão escolar do mundo, atrás somente do Haiti e Guiné-Bissau, causada em grande parte pela necessidade de que os jovens reforcem no orçamento familiar. A Constituição brasileira proíbe o trabalho de crianças menores de 14 anos.

Os dados do IBGE mostram ainda que 72,1% dos adolescentes de 15 a 17 anos que trabalhavam em 1990 tinham vínculo empregatício, mas apenas 32% tinham a carteira assinada, portanto, sem direitos trabalhistas e previdenciários. O levantamento revela tam-

bém que no grupo etário de 10 a 14 anos, 8,6% tinham carteira assinada. O que se explica, em parte, pelo número de aprendizes (12 a 14 anos) ou pré-adolescentes com autorização para trabalhar concedida pelo juizado de menores. O mais grave, porém, é que 47,4% desses menores não recebem qualquer remuneração pelo trabalho, pois ajudam nas atividades econômicas executadas por seus familiares. São, portanto, explorados como mão-de-obra escrava por empresários, fazendeiros ou pela própria família. Este, aliás, é um dos mais sérios entraves para se pôr fim ao trabalho infantil.

Na tentativa de erradicar, ou pelo menos reduzir o trabalho infantil, uma realidade que deveria envergonhar governo e sociedade e que atinge cerca de 150 milhões de menores em todo o mundo, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) lançou uma ofensiva

em todos os países onde este tipo de exploração é rotina.

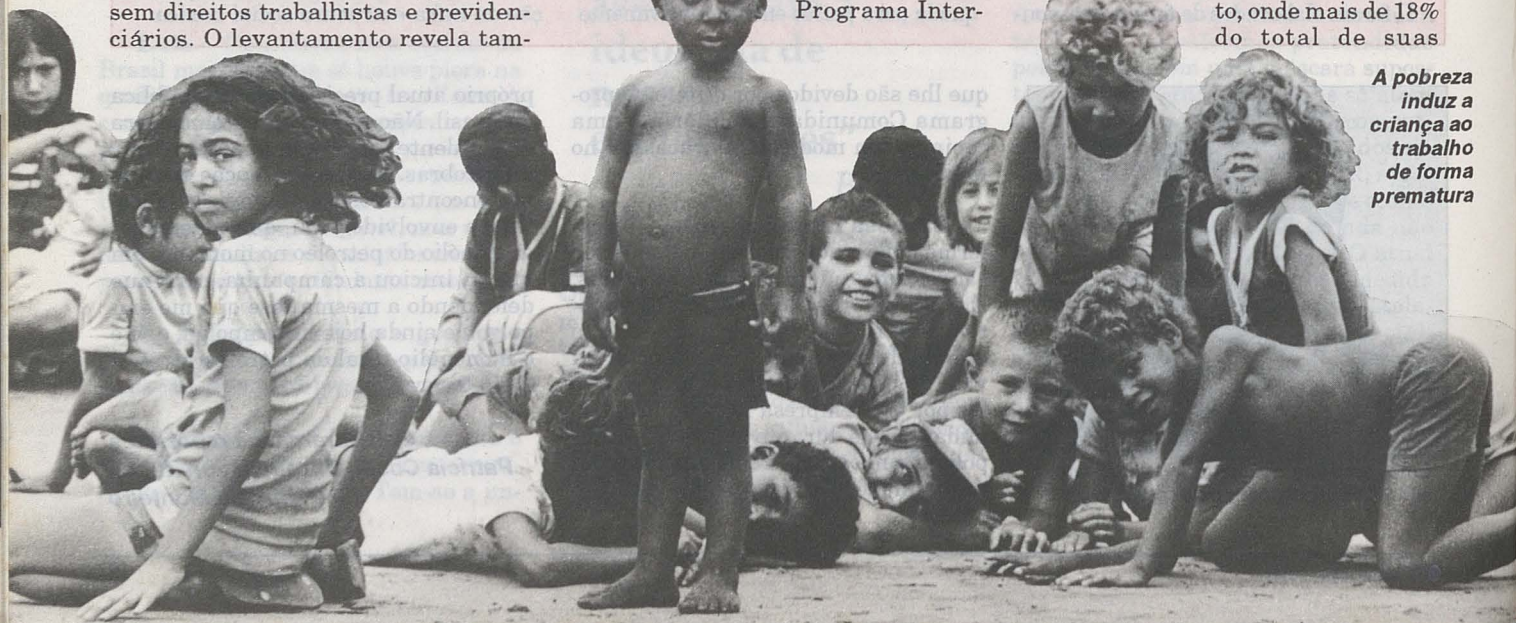
No Brasil, o Programa Inter-

nacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (Ipec) está a cargo de empresários ligados ao Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), que tem promovido *workshops* com integrantes de vários segmentos da sociedade para discutir o tema Criança, Educação e Trabalho – O Papel Social do Empresário na Sociedade Moderna. A segunda etapa é a realização de seminários para definir estratégias de combate ao trabalho infantil. Após isso, se iniciam as reuniões para elaboração de um programa de combate à exploração de crianças e como articular as ações da sociedade civil. A última etapa será a realização de encontros com as famílias das crianças, empregados e comunidades ligadas às empresas que apóiam o programa, a fim de discutir a forma de eliminar o trabalho infantil e as deficiências da educação dessas crianças.

**Prática de Primeiro Mundo** – A exploração da mão-de-obra infantil não se limita aos países em desenvolvimento, onde mais de 18% do total de suas

**A pobreza induz a criança ao trabalho de forma prematura**

FOTO: LUÍZ ALVES



## DENÚNCIA

crianças entre 10 e 14 anos trabalham. Em nações do Terceiro Mundo, o percentual chega até 30%. No chamado Primeiro Mundo a exploração do trabalho de crianças é uma prática comum. Em consequência, a incidência de acidentes de trabalho com menores em países industrializados é cada vez maior.

Nos últimos dez anos, o trabalho infantil vem assumindo proporções dramáticas e preocupantes. Os dados indicam que a cada ano crianças começam a trabalhar mais cedo e pior: agora expostas a riscos novos e mais graves, especialmente na economia informal. As crianças que trabalham levam prematuramente vida de adulto e sofrem prejuízos em seu desenvolvimento físico, emocional, moral e intelectual. Um outro aspecto muito grave do problema é que elas não têm a oportunidade de contar com uma educação que lhes proporcione um futuro melhor.

O trabalho infantil faz milhares de vítimas. São crianças que trabalham em minas, como escravas, que têm a vista prejudicada pelo exaustivo contato visual com filamentos eletrônicos, que manuseiam e inalam produtos químicos. No campo e nas fábricas, menores passam a infância executando tarefas mecânicas e braçais que em nada contribuem para o seu desenvolvimento mental.

Produtos químicos perigosos, usados como inseticidas e fertilizantes em plantações comerciais, vêm sendo cada vez mais usados na agricultura familiar. Analfabetas, em sua maioria, as crianças exploradas como mão-de-obra no campo ignoram os riscos desses produtos e trabalham desprotegidas em lavouras pulverizadas com elementos tóxicos. Os riscos permanecem fora do trabalho, pois elas saem da colheita e comem sem lavar as mãos.

Nas cidades brasileiras, milhares de crianças que remexem o lixo como meio de vida manuseiam detritos médicos e radioativos de hospitais, garrafas de solventes tóxicos descartadas e medicamentos. Estudo recente sobre garis infantis revelou alta concentração de metais pesados no sangue dessas crianças, principalmente de chumbo, em níveis tão elevados que põem em risco seu desenvolvimento físico e mental. Essas substâncias acumulam-se no organismo e, a longo prazo, transfor-

mam-se em doenças crônicas e, em alguns casos, provocam invalidez.

Uma pesquisa de saúde com crianças que trabalham em fábricas de vidros e em indústrias metalúrgicas demonstrou que seus pulmões estão seriamente comprometidos pela inalação de gases nocivos. Problema semelhante ocorre nas indústrias de calçados de Franca (SP) – maior produtora de calçados masculinos do país – onde centenas de menores entre sete e 13 anos trabalham inalando cola de 10 a 12 horas por dia. São pequenas fábricas de fundo de quintal, que proliferaram nos últimos anos em virtude da terceirização. Em fábricas de tapetes que exploram crianças, elas são obrigadas a passar toda a jornada de trabalho em posições penosas e acabam apresentando sérias deformações na coluna, que limitam sua capacidade de sobreviver e de se empregar, no futuro, caso sobrevivam.

**Constituição é letra morta** – “A exploração da mão-de-obra infantil em Franca é um problema grave, diretamente relacionado com o crescente processo de terceirização a partir do governo Collor, que na indústria de calçados atingiu 80% dos trabalhadores do setor em 1990. Ao buscar alternativas para baratear o produto, os empresários não hesitaram em aumentar a exploração de mulheres e crianças”, afirma Rubens Aparecido Faccirolli, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados e Vestuário de Franca e Região.

Na época, os operários foram incentivados a deixar a fábrica e se estabelecerem em suas próprias casas. Segundo Faccirolli, os empresários facilitavam a produção alugando, vendendo ou emprestando máquinas para que o trabalho fosse feito no domicílio. Para aumentar a produção e, conseqüentemente, seus rendimentos, os operários envolvem no trabalho a mulher e os filhos, que acabam não ganhando dinheiro ou apenas alguns trocados. Ou-



Em áreas rurais do Brasil, a força de trabalho de menores é utilizada freqüentemente para reforçar o orçamento familiar

tra forma de terceirização muito comum no município paulista é a entrega, por parte das indústrias, de várias etapas da produção às chamadas “bancas”, explica Faccirolli, sendo que muitas empregam crianças.

Para melhor avaliar esta vergonhosa realidade de Franca, o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) realizaram uma pesquisa nesta cidade industrial de 253.295 habitantes, concluída em julho de 1994 e que teve apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência (Unicef) e da OIT. Foram entrevistadas 1.561 crianças em 16 escolas públicas, das quais 1.140 (73%) trabalham na produção de calçados. Deste total, 56% são meninos. Em relação à remuneração, 12% nada recebiam e 11% não souberam dizer se ganhavam pelo trabalho que realizavam. Entre os entrevistados, 56% percebiam até meio salário mínimo. Nesse grupo, 303 recebiam até um décimo do mínimo – cerca de R\$ 6 na época da pesquisa, o que hoje equivaleria a uma remuneração mensal inferior ou igual a R\$ 10. Vale salientar que, quando o estudo foi feito, o piso da categoria de sapateiros era de R\$ 125,36.

Segundo Faccirolli, calcula-se que o total de crianças que trabalham em Franca tenha chegado a quatro mil, número que hoje deve ser inferior devido à atual crise na indústria de calçados.

## DENÚNCIA



Poucas empresas oferecem condições de trabalho dignas a menores de idade

O mercado de trabalho local absorve também crianças menores de sete anos, mas elas não foram incluídas na pesquisa porque não preenchiam o requisito de estar na escola.

Quanto menor a criança, maior sua presença nas "bancas". Como 60% dessas "bancas" são clandestinas, as condições de trabalho — locais improvisados, com pouca ventilação e iluminação precária — e de salários são muito inferiores às das sedes das indústrias. Além da periculosidade das atividades que exercem, as crianças trabalham num ambiente insalubre pelo cheiro de cola, de solventes e pelo barulho das máquinas. Faccirolli lembra que as substâncias tóxicas da cola provocam vômitos, dor de cabeça e podem até mesmo prejudicar o desenvolvimento mental.

Metade das crianças entrevistadas tem entre 12 e 13 anos, ou seja, já poderiam, por lei, iniciar um aprendizado para o trabalho, mas as condições em que fazem suas tarefas estão longe das de um aprendizado legal. O mais grave, porém, é que 25% têm menos de 10 anos, o que significa que estão fora da População em Idade Ativa.

O primeiro sinal das conseqüências nefastas do trabalho infantil é o fato de 42% dessas crianças serem alunas das três primeiras séries, quando pelas idades este número deveria estar em torno de 23%. Muitas que estão cursando as 4ª e 5ª séries estão atrasadas, metade das crianças entrevistadas já repetiu o ano pelo menos uma vez e apenas 16% conseguiram chegar às 6ª e 7ª séries.

A quase totalidade dos casos era de crianças que moram com as respectivas famílias e cujos pais e mães trabalham. Portanto, o motivo para o trabalho dessas crianças não é o desemprego dos

pais. Foi constatado pelos pesquisadores que à medida que crescem, elas abandonam as 'bancas' e procuram outros serviços. "O fato de mais de 65% trabalharem com a própria família em casa ou na 'banca' de vizinhos talvez explique, em parte, a realidade perversa de serem os pequenos os mais expostos às piores condições de trabalho. Isso leva a uma situação ambígua, em que condições de trabalho inaceitáveis são amenizadas pela relação pessoal entre o dono da 'banca' e a criança e pela familiaridade do local de trabalho", afirma o estudo.

Os pesquisadores ressaltam, porém, que a produção de calçados em Franca não é um trabalho familiar, embora grande parte das crianças trabalhe com a própria família. Isto porque o trabalho nas "bancas" é terceirizado e o produto pertence à empresa que o contratou. Não pode, portanto, ser vendido livremente a qualquer indústria de calçados. Isto significa, salienta a pesquisa, que "estas crianças não estão trabalhando para complementar de forma regular a renda familiar, e sim para que o dono da 'banca', seja ele da família ou não, possa aumentar a sua produção com o menor gasto possível". Com um agravante: sem direitos trabalhistas.

As jornadas de trabalho são longas — no mínimo de seis horas — e muitas vezes intercaladas com os estudos. Cerca de 200 crianças entrevistadas trabalham entre oito e 13 horas diárias. E, embora no questionário aplicado na

pesquisa não constasse pergunta sobre horas extras, 86 menores disseram espontaneamente que as fazem. Uma menina descreveu assim o seu dia: "Trabalho das 7h às 11h, vou para casa almoçar e volto para o trabalho, das 12h15min às 13h30min. Vou para a escola, estudo das 14h30min às 18h50min e volto a trabalhar, das 19h às 23h."

Os dados levantados em Franca e que, como salienta o presidente do sindicato dos trabalhadores do setor, não constituem uma exceção dentro da realidade de exploração do trabalho infantil no país, revelam que em 98% dos casos as crianças não possuem carteira assinada. E mais: 75% não tiram férias do trabalho; ao contrário, têm a jornada aumentada durante as férias escolares. Não se trata, porém, de trabalho informal, tão citado no Brasil para justificar a não-concessão de direitos trabalhistas. O que ocorre na cidade é crime. Poucos empregadores respeitam a Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

**No campo, uma rotina** — A situação é ainda mais grave no campo, devido às dificuldades de fiscalização. Segundo o sociólogo José de Souza Martins, 40 mil dos 85 mil casos de trabalho escravo registrados no Brasil nos últimos 20 anos envolviam meninos e meninas. E não é preciso ir às carvoarias do Mato Grosso do Sul, já tão denunciadas no país e no exterior. Basta ir à cidade de Rio Bonito, a apenas uma hora de distância da capital do Rio de Janeiro, para se encontrar crianças obrigadas a enfrentar jornadas de trabalho entre 14 e 18 horas diárias na fazenda de Joaquim Ferraz.

A denúncia, feita pela Comissão Pastoral da Terra (CPT-RJ) foi constatada pelo promotor Luís Roldão Filho e o delegado de polícia local, Fernando Oséas Vasconcelos.

Dois casos chamaram a atenção das autoridades pela extrema gravidade: o do menino Adriano da Silva Oliveira, 14 anos, que trabalha 17 horas por dia, controladas por cartão de ponto, como carregador de laranjas e ganha R\$ 34

**"Quarenta mil dos 85 mil casos de trabalho escravo registrados no Brasil nos últimos 20 anos envolviam meninos e meninas"**

## Um problema mundial

Na virada do século, o trabalho infantil nas fábricas dos países que se industrializavam chegou a um nível tão preocupante que estimulou a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1919. Por isso, a proteção de crianças, como elemento indispensável de justiça social, faz parte do preâmbulo da Constituição da OIT, que estabelece ainda como seus principais objetivos a melhoria das condições de trabalho e a proteção de trabalhadores menos assistidos.

Desde a sua fundação, a OIT – uma instituição que abriga representantes dos trabalhadores e dos empregadores, ambos com direitos iguais, juntamente com representantes de governos, e cujo objetivo é a formulação de políticas trabalhistas – tem dado atenção especial ao trabalho infantil. Em 1973, a Conferência Internacional do Trabalho adotou uma convenção geral sobre a idade mínima,

que foi além das conferências anteriores aplicáveis apenas a certos setores da economia. O dispositivo entrou em vigor em 19 de junho de 1976 e fixando a idade mínima de 15 anos para a admissão em emprego. A norma foi ratificada por mais de 40 países-membros, mas tem aplicação flexível, dependendo das características locais, em países em desenvolvimento.

Em 1990, o governo alemão ofereceu apoio à OIT para o lançamento de uma ofensiva global contra o trabalho infantil. Foi criado o Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (Ipec), para dar novo impulso às atividades da organização nesse campo. Desde então outros países têm manifestado interesse em colaborar, apoiando política e financeiramente o programa.

O Ipec concentra suas atenções nos mais graves abusos do trabalho infantil: trabalho perigoso, trabalho



Em Bangladesh, meninos de oito anos quebram pedra. Cerca de 12% da força de trabalho do país têm menos de 14 anos

escravo, emprego de crianças menores de 12 anos, meninos e meninas de rua. Entre suas atividades prioritárias estão a promoção de uma ação em âmbito mundial contra o trabalho infantil e a mobilização da opinião pública para pressionar por medidas de combate efetivo a esta exploração.

O Ipec ajuda os países a desenvolver políticas de trabalho infantil segundo as normas internacionais. Auxilia também governos, organizações de empregadores e trabalhadores e ONGs no desenvolvimento e implementação de programas de ação para proteger, afastar e reabilitar me-

noreos trabalhadores e prevenir o reaparecimento do trabalho de crianças em suas formas mais abusivas.

O Programa, quando solicitado, presta serviços de assistência técnica aos países-membros da OIT. Seis países já pediram ajuda: Brasil, Índia, Indonésia, Quênia, Tailândia e Turquia – e foram escolhidos como países prioritários para ação no campo do trabalho infantil. Está acertada a realização de um trabalho preparatório em outros seis países que também demonstraram interesse: Bangladesh, Camarões, Egito, Filipinas, Paquistão e Tanzânia.

por mês, e o de Juscelino José de Moura, hoje com 20 anos, mas que trabalha há dez para o fazendeiro com jornada de 15 horas e recebe R\$ 20 mensais. Sem contrato de trabalho, os dois não têm direito à assistência médica, aposentadoria e Fundo de Garantia.

No interior de São Paulo, a situação não é diferente. Em Tabatinga, os produtores de laranja justificam a exploração afirmando que as crianças são mais leves e podem subir nas árvores sem quebrar os galhos. Na região produtora de citrinos, 15% dos 70 mil catadores de frutas são crianças.

O trabalho infantil no campo é uma rotina, não só pela habitual exploração do homem, tão comum no meio rural, mas também por parte dos pais que, para cumprir as altas cotas de produção mínima exigida pelos fazendeiros, são obrigados a levar os filhos para a la-

voura. Mal alimentados e subnutridos, cerca de dois milhões de menores trabalham em condições subumanas (como nas carvoarias e nas salinas do Nordeste), expostas a graves acidentes e mutilações (como nas plantações de sisal da Bahia) e a intoxicações que podem levar à morte (como as “meninas formicidas” que trabalham em áreas de reflorestamento de Minas Gerais. Elas são chamadas dessa forma porque são as únicas que têm paciência para aplicar agrotóxicos nos formigueiros que prejudicam a plantação. Em consequência, as unhas caem e apresentam sérias doenças de pele.

**Empresários se mobilizam** – A Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança lançou recentemente em São Paulo o projeto Empresa Amiga da Criança, com o objetivo de desestimular

o emprego de menores de 14 anos e incentivar o apoio da iniciativa privada ao ensino básico. A proposta é dar às empresas que atenderem a esses requisitos um certificado, na forma de selo, para ser usado nas embalagens e campanhas publicitárias de seus produtos. A iniciativa conta com o apoio da OIT e do Unicef.

Também em São José dos Campos (SP), um grupo de empresários tem viabilizado projetos que beneficiam crianças carentes do município. Em abril de 1994, eles criaram o Grupo Empresarial de Assessoria, que um ano depois já tinha arrecadado R\$ 300 mil, provenientes de 1% do Imposto de Renda de empresas e pessoas físicas. O dinheiro é destinado a vários projetos, como reforma de abrigos para crianças, criação de bibliotecas escolares e de um banco de leite materno. ■

# Cooperativismo popular a serviço da transformação

*Depois do período negro do autoritarismo, o movimento de cooperativas populares ressurgiu como uma alternativa de organização*

**Dayse Valença, Cesar Calonio e Suzana Timóteo\***

O movimento cooperativista surgiu, de forma organizada, na cidade de Rochedale, Inglaterra, em contraposição às nefastas consequências da Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, logo se espalhando pela Europa e o Novo Mundo. Os pioneiros listaram os princípios básicos para a criação de uma cooperativa: adesão livre, um membro/um voto, neutralidade política, social, racial e religiosa, juros limitados de capital, educação permanente e intercooperação.

Durante esse processo, o movimento contou com o apoio teórico de filósofos humanistas: os utópicos. Alguns deles acreditavam no cooperativismo como uma terceira via entre o capitalismo e o socialismo. Nessa época foram criadas experiências organizadas de cooperação, desde aquelas que reuniam grupos de trabalhadores da mesma profissão para formar uma empresa cooperativa, até os Falanstérios, comunidades formadas por grupos de famílias que viviam e compartilhavam suas vidas de forma cooperativa.

Entretanto, esse movimento, que nasceu como uma reação legítima da população oprimida ao recém-nascido modelo de "desenvolvimento" – o capitalismo –, foi aos poucos sendo incorporado por ele, até tomar a forma oficial de hoje, que acabou sendo adotada pela maioria dos governos.

No período da ditadura militar, no Brasil, o cooperativismo popular foi quase esfacelado pelo governo, passando a ser utilizado como um instrumento de controle social. A formação de cooperativas era uma forma de cooptar e silenciar os trabalhadores e promover projetos sociais, fato que ocorre até hoje.

A apropriação do movimento cooperativista por parte do sistema político, além de descaracterizá-lo, transformou-o num movimento a serviço da manutenção do *status quo*. Esse atual movimento é chamado de cooperativismo tradicional.

Por outro lado, existe hoje uma corrente dentro do movimento cooperativista tradicional que tem se mostrado insatisfeita com os rumos do movimento ao longo de sua história: é o ressurgimento do cooperativismo popular.

**Visão holística** – O cooperativismo popular é uma das formas de organização da sociedade civil que se expressa através de uma visão holística do mundo, à medida que leva em conta as inter-relações entre o homem e seu meio ambiente como um todo integrado. Isto lhe possibilita tornar-se um instrumento a serviço da transformação da sociedade. Os seus princípios são: autodeterminação, cooperação, ecologia e escala humana – tudo aquilo que é feito tendo o homem como referência.

Ele se faz presente em um contin-

gente cada vez maior de grupos organizados da sociedade civil, tais como redes de informação, associações de trabalhadores rurais, cooperativas de lavadeiras, entre outros. Contribuindo para que as pessoas se tornem capazes de trabalhar em torno de objetivos comuns, com confiança, determinação, solidariedade e respeito mútuo, o cooperativismo popular permite, ainda, às pessoas planejarem suas ações de forma duradoura, tornando-as capazes de superar os desafios que encontram.

Outra contribuição aos grupos associados diz respeito à sua gestão, que se torna facilitada devido à participação de todos com autonomia. Portanto, ele está a serviço dos participantes de grupos com o objetivo de que se fortaleçam a partir da satisfação de suas necessidades, sejam elas de habitação, educação, trabalho, lazer, saúde, cultura, comunicação, circulação, meio ambiente ou bens de consumo.

O cooperativismo popular desmistifica, através de sua prática, a visão fragmentada de se ver o mundo e a forma hierarquizada de se organizar, adotada pelo atual modelo de "desenvolvimento". Também se apresenta como uma alternativa de geração de renda, através da organização de cooperativas populares e/ou serviços.

Mesmo coexistindo com o capitalismo, é um movimento que, ao instrumentalizar o processo de transformação da sociedade, está ao mesmo tempo questionando-o, propondo-lhe novos valores, percepções e práticas que permitem ao homem uma visão integrada de mundo, mesmo que o modelo vigente ainda seja o do velho paradigma.

*O movimento procura instrumentalizar o processo de transformação da sociedade, ao mesmo tempo em que o questiona, propondo-lhe novos valores e práticas*

\*Dayse Valença é técnica em cooperativismo e Suzana Timóteo é bibliotecarista, ambas da Cooperação, e Cesar Calonio é psicólogo e membro da Assessoria & Planejamento para o Desenvolvimento (Asplande). Este artigo foi retirado do primeiro volume da série *Cadernos de Cooperativismo Popular*.



## Crimes empresariais

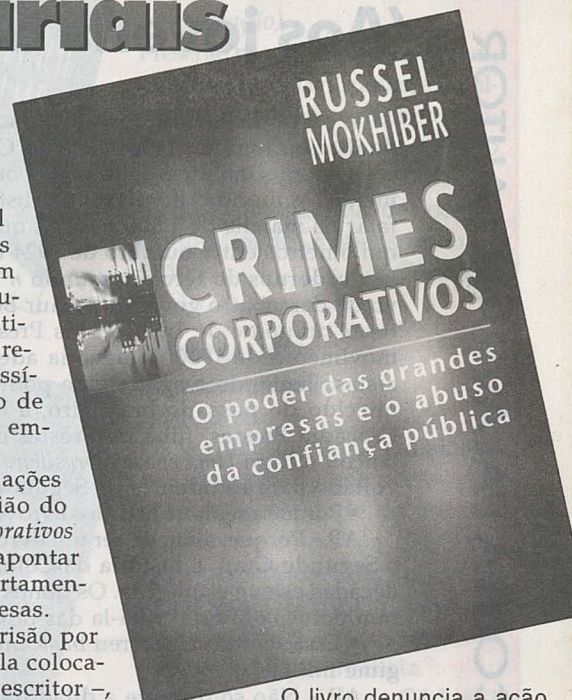
Marcelo Monteiro

Vários episódios que causaram danos ao meio ambiente e a um grande contingente de pessoas ficaram registrados para a História acompanhados da palavra "acidente". Casos do "acidente" de Bhopal, em 3 de dezembro de 1984 na Índia, que matou entre 2,5 mil e 5 mil pessoas, e o "acidente" na usina nuclear de Three Mile Island, nos Estados Unidos, que lançou substâncias radioativas na atmosfera em 28 de março de 1979. Entretanto, exemplos como esses, e muitos outros, em que milhares de pessoas tiveram suas vidas afetadas definitivamente, não foram fruto do acaso. Não foram "acidentes", e sim resultado da busca do maior lucro possível, apesar dos indícios de possíveis efeitos negativos em seres humanos e na natureza, ou mesmo de ações negligentes, com o objetivo de trazer alguma economia para empresas, mas que acabaram provocando prejuízos ainda maiores.

O advogado norte-americano Russel Mokhiber relata 36 casos de ações danosas de companhias em um livro cujo título deixa clara a opinião do autor sobre o comportamento das empresas envolvidas: *Crimes corporativos - o poder das grandes empresas e o abuso da confiança pública*. Além de apontar a busca do lucro acima de qualquer coisa, Mokhiber critica o comportamento da Justiça, particularmente a dos EUA, diante das grandes empresas.

O autor cita os casos de um homem condenado a dez anos de prisão por ter roubado um pedaço de pizza e da absolvição do responsável pela colocação apressada no mercado do Ford Pinto - Lee Iacocca, segundo o escritor -, carro que causou "centenas de mortes e ferimentos" por ter um tanque de gasolina pouco resistente a colisões. O veículo, segundo o cronograma da Ford, tinha que ser lançado em 25 meses - quando o normal são 45 -, pesando 900 quilos, no máximo, e com preço final de US\$ 2 mil. Pesquisas mais demoradas em relação à segurança foram desprezadas para atender à necessidade mercadológica. "Um homem de terno, gravata e colete, instalado no alto de um edifício em Manhattan, tem um potencial de violência contra a sociedade maior que todas as gangues de Nova Iorque reunidas", afirma Mokhiber.

No caso de Three Mile Island, a Comissão Reguladora de Energia Nuclear dos Estados Unidos concluiu que se a Metropolitan Edison, proprietária da central, tivesse seguido a lei durante a operação da usina, "o curso do acidente teria sido alterado, senão totalmente evitado". Não houve mortes, mas foram registrados prejuízos à fauna e flora local. A empresa foi multada em meros US\$ 155 mil. Em Bhopal, o vazamento de isocianato de metila, usado na fabricação de pesticidas, da fábrica da Union Carbide foi resultado do fechamento da unidade de refrigeração do tanque de armazenagem cinco meses antes do desastre. A unidade tinha como função prevenir reações químicas provocadas por altas temperaturas.



O livro denuncia a ação ilegal de companhias

VIAGEM NO TEXTO

## NOTAS

### Cada um com sua mania

Muita gente é capaz de jurar que não tem mania. Mas no fundo todo mundo tem um costume que para si próprio pode parecer comum, mas, pelo menos para os outros, é esquisito ou surpreendente. O economista e escritor Marcio Paschoal resolveu analisar esses casos no livro *Cada louco com sua mania*, da Record. São histórias descobertas através de leituras e da "convivência com um infundável número de pessoas beirando a insanidade, notadamente no mercado financeiro".

Paschoal associa a análise sociológica séria à debochada



descrição psicológica dos detentores de manias. São citados hábitos como conversar com objetos ou usar um desodorante diferente em cada braço.

### Nova editora

Mais uma presença no mercado literário brasileiro. Aproveitando a Sétima Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, em agosto, a Editora Domínio Público lançará durante o evento o seu primeiro livro, *O melhor de Larry King*. A obra mostra trechos de entrevistas feitas pelo jornalista durante o programa *Larry King Live*, talk-show transmitido para todo o mundo pela CNN internacional. Entre as personalidades entrevistadas estão a ex-primeira ministra britânica Margareth Thatcher, o cantor Frank Sinatra, o pugilista Mike Tyson, o ex-presidente norte-americano Richard Nixon e o atual, Bill Clinton.



COM A PALAVRA, O AUTOR

## 'Aos jovens de hoje'

A partir da Revolução de 30, passando pelos 21 anos de ditadura militar (1964-1985), a Coluna Prestes teve seus acontecimentos deturpados ou foi compulsoriamente "esquecida" dos livros de História no Brasil. Para falar na marcha de 1.500 pessoas que percorreu 25 mil quilômetros entre outubro de 1924 e fevereiro de 1927 (ver cadernos do terceiro mundo nº 180) com o objetivo de derrubar o governo Arthur Bernardes, é preciso tocar no nome de Luís Carlos Prestes, que, antes do movimento de 1930, já haveria aderido às teses marxistas. Tentando resgatar esse ponto ainda pouco conhecido do passado brasileiro, a historiadora Anita Leocádia Prestes, filha de Prestes e de Olga Benário, lançou o livro *Uma epopéia brasileira - a Coluna Prestes*, voltado para estudantes de Segundo Grau.

• Porque a senhora dedica o livro "aos jovens de hoje"?

AP - Porque, além de ser um livro paradigmático para o Segundo Grau, a história da Coluna Prestes durante décadas esteve esquecida. Os donos do poder procuraram deturpá-la ou ocultá-la das novas gerações.

• Essa tentativa ocorreu basicamente durante o regime militar?

AP - Não só durante a ditadura militar, mas já na Revolução de 30, que prefiro chamar de golpe. Muitos tenentes assumiram o poder e tentaram esconder a verdadeira história da Coluna. Seria impossível falar do movimento sem falar de Prestes, que nesse momento

já havia aderido ao comunismo. Depois de 1964, a Coluna praticamente era assunto proibido nas salas de aula. Professores ficavam temerosos de tocar no tema com medo da perseguição.

• Quais as principais lições da Coluna, o episódio de maior vigor do movimento tenentista?

AP - Os feitos da Coluna provaram que, quando o brasileiro se organiza e tem lideranças, consegue lutar com a mesma bravura do que qualquer outro povo. Soldados em menor número e com menos armamento conseguiram não ser derrotados por tropas comandadas por 18 generais do governo. A Coluna foi o único movimento de oposição que não foi vencido na História do Brasil.

• Há um interesse de professores e alunos em conhecer melhor o tema?

AP - Acredito que sim. Já recebi convites de escolas para falar sobre o movimento. Percebo uma demanda por parte dos professores de saber o que realmente foi a Coluna, uma história ainda mal contada. Procurei fazer um livro com linguagem acessível, para ampliar o conhecimento sobre esse fato importante da História do Brasil. (M.M.)



## NOTAS

### Os melhores dos últimos 100 anos

Elaborar uma lista com os melhores livros publicados nos últimos 100 anos é missão ingrata. Sempre haverá quem critique a inclusão de determinada obra ou o exclusão de outra. A Biblioteca Pública de Nova Iorque, inaugurada em 1895, está apresentando uma exposição com os 156 melhores segundo uma equipe que reuniu obras que desempenharam papel importante nesses cem anos, entre os 5 milhões de títulos existentes na biblioteca.

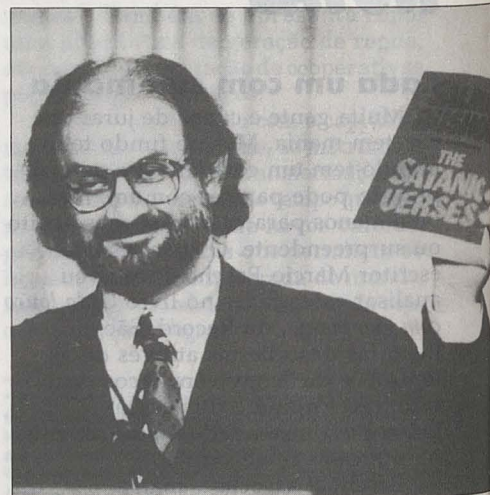
Foram criadas 11 categorias, com destaque para as Obras-Primas da Literatura Moderna. Neste quesito foram incluídas 20, dentre elas *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, *Ficções*, de Jorge Luis Borges, e *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. Também constam da lista T. S. Eliot (*A terra desolada*), Franz Kafka (*A metamorfose*) e James Joyce (*Ulisses*).

### Liberdade de pensamento

Desde a publicação dos primeiros livros, os escritores estão sujeitos a enfrentar reações de grupos ou pessoas que se sentem ofendidas ou prejudicadas com os textos. Conforme a época e o país, essas reações podem vir sob várias formas: processo judicial, censura, prisão e até ameaças ou agressões físicas. O caso atual mais famoso é o do escritor Salman Rushdie, que com *Versos satânicos* desagradou o governo do Irã, por ter supostamente ofendido o profeta Maomé. Com a morte encomendada por US\$ 3 milhões pelo aiatolá Khomeini, Rushdie está escondido desde 1989.

Em novembro, o escritor indiano fez um apelo para a defesa dos que, como ele, são perseguidos pelo que escreveram. Desde então, 400 prefeituras da União Européia assinaram documento em que se comprometem a oferecer moradia e

uma bolsa de US\$ 2 mil mensais aos escritores ameaçados. A prefeitura de Berlim acolheu recentemente Mohame Magani, da Argélia, e Taslima Nasreen, de Bangladesh.





# A revolução conservadora

*O fim da guerra civil e o processo de globalização da economia afetam a sociedade centro-americana, agravando a miséria e transferindo o poder para os grupos financeiros*



El Salvador: protesto contra medidas de arrocho anunciadas por Calderón Sol

**Edelberto Torres Rivas\***

**N**a América Central estão ocorrendo mudanças importantes. São lentas, mas estão inseridas no sentido histórico em que caminham as sociedades hoje em dia: a dinâmica da globalização, o reordenamento do mercado mundial, uma onda civilizatória movida pelo individualismo possessivo. Mas nestas mudanças também influem causas endógenas provocadas pelos longos anos de crise na região.

Estamos sofrendo os efeitos de uma revolução conservadora. O fim dos conflitos na América Central está levando a uma renovação da sociedade ainda difícil de qualificar. Não é a renovação pela qual dezenas de milhares de homens e mulheres, revolucionários, lutaram e morreram, mas tampouco tem um sentido reacionário. Não há uma volta ao passado.

Não estamos vivendo uma contra-revolução, porque o que ocorre hoje tem como referente a modernidade, assumida como uma renovação do ciclo econômico apoiada em um mercado totalmente aberto e na renovação das forças econômicas e políticas dominantes.

Há anos vem se dando um reordenamento social, que está permeado por

outra ideologia, a do desenvolvimento tecnológico em um espaço livre para a concorrência – com seus valores de produtividade, tecnologia de ponta, interdependência financeira e tecnológica – e onde intervêm novos fatores como a cultura cosmopolita, informática, Aids, xenofobia e religiosidade.

A economia se movimenta em um espaço contraditório, que oscila entre os efeitos de uma dinâmica globalizante, por um lado, e um movimento rumo à integração de grandes blocos comerciais, defensivo e em competição total, por outro.

Em qualquer caso, dos muitos efeitos visíveis, é preciso assinalar uma sensível *reforma* do Estado, que implica a redução da sua soberania para tomar decisões relativas a investimento e crédito, mas principalmente as referentes às políticas monetárias, de câmbio e de juros.

O Estado não tem alternativas diante de certas variáveis macroeconômicas. Alguns aspectos-chaves da política econômica são traçados por organismos financeiros internacionais, ou pelas oscilações da bolsa, e principalmente por decisões das grandes empresas transnacionais. O realismo do mercado se transfere para a política.

**O papel dos militares** – Os militares se recolheram aos quartéis, mas abandonaram o governo por sua própria decisão, condicionando assim os processos democráticos. E embora o contraditório clima da pacificação os atinja como “guerreiros”, não os afeta enquanto policiais, funções que querem preservar. A violência do narcotráfico e a generalizada insegurança dos cidadãos parecem ter-lhes dado razão.

Ainda no que se refere aos militares, um movimento – que também tem origem externa – defende a redução do tamanho da instituição e sobretudo dos seus gastos, sem propor, no momento, a atrofia do órgão por falta de função.

Esta é uma encruzilhada marcada pela dinâmica de uma evidente revolução conservadora. Outra maneira de constatar-la está nos resultados da democracia eleitoral, que aparece finalmente como o instrumento moderno e funcional para administrar as novas exigências do mercado, da sociedade e do poder político. A democracia eleitoral abriu caminho para que a direita desleal acertasse seu passo<sup>1</sup>.

Partidos, programas e líderes da direita governam a região. As forças de esquerda não têm nenhuma opção, nem mesmo aquelas que, animadas por uma saudável vontade de retificação, chegam a praticar o *travestismo* ideológico.

Existe uma errática tendência à diminuição da violência e do desrespeito aos direitos humanos, mas com características muito particulares. Os direitos continuam a ser violados, mas agora a denúncia é maior e aumentam as possibilidades de que a impunidade coletiva, predominante nas altas esferas do poder, termine através da punição de algum bode expiatório: um oficial de alta patente finalmente agora pode ser condenado.

Antes endêmica, a violência parece ter se tornado residual. A democracia política restitui o valor simbólico e prático dos direitos humanos – como os direitos sociais, políticos e culturais. A Guatemala é uma perversa exceção.

**Redistribuição do poder** – As medidas de estabilidade e ajuste econômico são de natureza política e originam uma profunda mudança na distribuição do poder no interior dos grupos sociais nacionais e regionais e no próprio Estado. A principal finalidade dos programas de ajuste é redefinir o caráter agroexportador da região, não substituí-lo: a política de substituição de exportações persegue a busca de velhos e novos mercados com velhos e novos produtos, especialmente os conhecidos como *não-tradicionais*<sup>2</sup>. Mas, no caso da América Central, o não-tradicional seriam os produtos industrializados.

Restituir ao mercado suas funções reguladoras junto a uma total abertura comercial, sem precedentes, constitui uma auto-reforma que um setor da burguesia impõe ao resto da classe economicamente dominante e ao conjunto da sociedade. O livre comércio promovido pelo Estado – hoje em dia governado diretamente por um setor do grande empresariado – divide, discrimina e prejudica uma camada de empresários médios e pequenos. Redistribui politicamente as condições da acumulação e o destino da receita nacional e internacional.

Trata-se também de uma metamor-

fose cultural e ideológica, pois os grandes proprietários renunciaram a seus privilégios e às proteções de outrora, aceitando as regras da livre concorrência. Finalmente, entraram no mercado. E o fazem porque, como nunca antes, têm o pleno controle do Estado e não só do governo, ao qual agora administram.

**Os donos do capital** – Já é evidente, em consequência das políticas econômicas dos governos de Violeta Chamorro na Nicarágua e do ex-presidente Alfredo Cristiani, em El Salvador, que os beneficiários diretos da revolução conservadora são os donos do capital financeiro, nacionais e estrangeiros. Eles formam há tempos o núcleo da burguesia empresarial e a auto-reforma que vêm realizando se dá em pro-

agüentam a concorrência do livre mercado. Como no passado, tampouco todos podem obter o apoio do Estado. Assim como a oligarquia se caracterizou politicamente pela natureza dos seus conflitos, a burguesia emergente também tem os seus. O controle do governo e o recurso à corrupção traçam uma linha divisória entre ganhadores e perdedores na livre concorrência que todos aplaudem.

**A morte da oligarquia** – Uma consequência importante do fato anterior é o fim da oligarquia, que, como seus congêneres sul-americanos, teve primeiro uma morte política.

Aqui se somam diversos fatores, como os efeitos da guerra civil e um movimento antioligárquico sob a forma de

uma mobilização violenta de camponeses. Outro fator são as políticas de modernização econômica e os efeitos diferenciadores que ela introduz nos grupos dominantes. Finalmente, embora *sui generis*, a democratização eleitoral também contribuiu para debilitar os mecanismos tradicionais de dominação dos *senhores da terra*.

Para a oligarquia centro-americana o prognóstico era melhor. Não o desapare-

cimento político, mas sua metempsicose, em virtude da qual a *alma* oligárquica transmigra para outros corpos, os financeiros/especuladores.

**Reordenamento social** – Nas novas condições de desenvolvimento, se produzem processos de reordenamento social em outras classes, que perfilam já novas modalidades de estratificação e mobilidade sociais. Assistimos à falência de inúmeros médios empresários, ao fim da retórica caritativa em relação à microempresa, que, por sinal, nunca converteu um trabalhador *informal* em um grande empresário.

Mais como resultado do conflito e da guerra do que da chamada *agricultura de mudança*, orientada no sentido de



**Um dos maiores problemas da região é a sua baixa industrialização**

veito direto, imediato e visível dos donos do capital de investimento e empréstimos – os banqueiros, os financistas – ou seja, os que controlam os mecanismos especulativos do dinheiro.

A força dos empresários do setor importador e dos grandes comerciantes intermediários está minada agora por uma demanda livre de barreiras protetoras, que faz as delícias da classe média. Enfraquecido está também o reduzido grupo de exportadores de produtos não-tradicionais, estrangeiros ou de nacionalidade duvidosa. Embora em declínio e sem opções, o café mantém ainda uma importância estratégica, assim como a banana e outros produtos históricos.

De fato, o que se vê é que nem todos

## AMÉRICA CENTRAL



A violência, antes endêmica, parece ter se tornado residual, com exceção da Guatemala (acima). Em Honduras, continua a busca pelos desaparecidos políticos (na foto, cemitério clandestino)

gerar novos itens de exportação, se vêm produzindo alterações na sociedade rural, com componentes como o enfraquecimento dos pequenos agricultores. Produz-se um brutal empobrecimento da população rural sem terra e uma ruralização dos centros urbanos, incluindo as capitais.

Este reordenamento não é motivado por nenhuma onda modernizadora, mas pelos efeitos perversos da violência.

**Os novos pobres** - Dentro das classes populares, se acentuam os processos já perfilados de diferenciação social. Os setores populares formam agora, mais do que antes, uma estrutura heterogênea, com escassa mobilidade ocupacional e ainda menos mobilidade para ascender socialmente.

A pobreza persiste e adquire uma dinâmica de crescimento até agora impossível de parar; deixa de ser marginal e conjuntural, como ocorreu no pós-guerra. Amplia-se e passa a ser um elemento constitutivo da estrutura - central, permanente, inevitável.

O mercado de trabalho deixa espaços cada vez maiores para o crescimento da economia informal, que se transforma na forma "moderna" de ajuste no mercado de trabalho (moderna porque se produz em um contexto de modernização capitalista).

No final, os ajustes na sociedade são imprevisíveis entre os variados e numerosos grupos médios. A construção



do modelo econômico enfraquece muitas das fontes a partir das quais a classe média construiu sua posição.

A teoria não falha quando há muito tempo estabeleceu o caráter precário dos grupos intermediários na estrutura social. Existem alguns poucos, os proprietários de algum meio produtivo, que lutam para acumular a qualquer preço e, eventualmente, ascender. A maioria - os assalariados - se mantém à beira do abismo, valendo-se dos mais diversos recursos para não deixar cair o seu padrão econômico ou social.

O movimento rumo a um mercado totalmente aberto corrói a camada média, porque o emprego privado, o consumo de produtos de luxo, a segmentação educativa, o enfraquecimento dos serviços públicos, etc., tudo conspira contra os símbolos que qualificam esta posição.

O pólo estatal, fazendo justamente o contrário (emprego público, consumo de massas, educação gratuita, imposto sobre a renda, seguridade social, etc.) contribuiu diretamente para a formação de setores médios. Com a sua ajuda, as

classes médias ocuparam a partir da II Guerra um bom lugar ao sol. Agora, desprotegidos, direta ou indiretamente, muitos caem na categoria de novos pobres. É, por exemplo, a tragédia daquele que tem sua casinha e chegou a estudar algo, mas ficou sem emprego.

**A idade adulta** - A revolução conservadora tem também uma dimensão político-constitucional. Chegamos, pela via da guerra e da crise, contraditoriamente, à idade adulta do sufrágio livre e universal. A democracia eleitoral resulta funcional para o estabelecimento da ordem política porque, por várias razões, a população em geral se cansou da desordem e das seqüelas que acompanham as guerras e as crises. A estagnação econômica, que teve outras causas, se viu estimulada pela insegurança radical que o conflito alimenta; os exércitos renunciaram ao exercício administrativo do governo, não se sabe se devido à sua inabilidade para administrar a crise ou à sua incompetência para ganhar a guerra.

Porém, a razão mais importante é que, nas atuais condições sociais e políticas da Guatemala, El Salvador e Nicarágua, nenhuma força popular podia ganhar, incluindo o sandinismo. Convocados a ser competentes eleitoralmente, quem teve melhor chance, desde o início, foram as forças da direita. Os resultados eleitorais ratificaram essa incerteza.

Não há força popular, radical, de esquerda, hoje em dia, na América Central, capaz de ganhar uma eleição. As ameaças da participação política são mínimas porque não há programas de ruptura. Então, bem-vinda a democracia eleitoral; e que continue assim por algum tempo mais.

\*Edelberto Torres Rivas é um sociólogo guatemalteco, autor da obra clássica *Interpretação do desenvolvimento social centro-americano*

1 - A direita política é quase a mesma que a direita econômica. Muitos empresários salvadorenhos contribuíram para financiar os esquadrões da morte, denunciados por organizações de direitos humanos e até pelo jornal *New York Times*, que reproduziu relatórios secretos da CIA. Vários empresários guatemaltecos financiaram o assassinato dos dirigentes sindicais que atuavam em suas empresas.

2 - Foram realizados avanços significativos na produção de frutas, flores, sementes ornamentais, frutos do mar, etc. Segundo dados deste ano, El Salvador tinha 18% de exportações não-tradicionais; Guatemala, Honduras e Nicarágua, 21%, e Costa Rica, 44%

# Liberalismo ou solidariedade?

*Como em vários países em desenvolvimento, atualmente no Uruguai também estão em jogo duas propostas diferentes de sociedade*

**Guillermo Chifflet\***

**A** orientação do governo de Julio María Sanguinetti não é diferente, na essência, da linha neoliberal do seu antecessor, que é a aplicada – com orientações similares – na América Latina. Segundo técnicos dos próprios organismos internacionais, os anos 80 foram, para a América Latina, uma década perdida. O que veio depois, no entanto, não foi diferente. Como consequência, o ônus recaiu sobre os ombros dos mesmos setores sociais.

Aos bancos multinacionais coube a responsabilidade de impor aos “países em desenvolvimento” o modelo econômico liberal. Desde o governo de Ronald Reagan se reforçou também, por parte dos Estados Unidos, o compromisso de aplicar no Terceiro Mundo os princípios da economia de mercado. O que passou a ser considerado moderno foi o retorno a Adam Smith. A grande campanha pela privatização das empresas públicas, os programas de ajustes e o neoliberalismo se espalharam pelo mundo e as transnacionais cantaram vitória quando viram o urso russo passar à condição de cordeiro capitalista.

Qual foi o resultado dos planos de ajuste aplicados na América Latina? Já em dezembro de 1990, o próprio Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) admitiu que “o ônus recaiu, desproporcionalmente, sobre os pobres, os jovens e as mulheres. (...) Os governos impulsionaram grandes mudanças econômicas, mas uma vez mais as estruturas sociais permaneceram inalteradas e os programas de ajuste tenderam a agravar as desigualdades.”

**Fechamento de indústrias** – Em seus primeiros meses de gestão<sup>1</sup>, o governo *colorado* e *blanco*<sup>2</sup> do Uruguai começou um novo programa de ajuste. O



**Governo Sanguinetti: maior sacrifício sobre os setores sociais mais pobres**

país adota medidas de emergência. Em primeiro lugar, para enfrentar a dura realidade de um grande número de indústrias fechadas ou transformadas em simples importadoras. O desemprego urbano é agravado com a falência de milhares de produtores agropecuários.

Um terceiro fator interno importante foi o crescimento abrupto do gasto público em 1994, ano das últimas eleições. Depois de estimular em épocas anteriores a aposentadoria de funcionários, a burocracia voltou a crescer, gastando-se mais do que se pretendia poupar.

Segundo seus autores, o novo plano de ajuste foi determinado pela problemática regional e o chamado “efeito tequila”, provocado pela crise mexicana. Diante disso, a Argentina adotou duras medidas que contraíram a demanda. Esse fato tem e terá ainda óbvias repercussões sobre o Uruguai. O Brasil to-

## AMÉRICA LATINA

URUGUAI



A Comissão em Defesa da Seguridade Social está integrada pelo Encontro Progressista (na foto, Liber Seregni), aposentados, a PIT-CNT e o Novo Espaço

mou um caminho diferente, flexibilizando a política cambial, aumentando a alíquota de importações fora da região e ainda renegociando tarifas alfandegárias já acordadas no Mercosul.

**Comprimir a demanda?** – As medidas adotadas pelo governo uruguaio foram mais parecidas com as implementadas na Argentina. A demanda interna foi comprimida (com ônus sobre os salários e aposentadorias), o que incide no mercado interno e, em consequência, sobre a produção.

Não se produziram, até o momento, modificações na estrutura dos impostos – a maioria dos quais recaem sobre o consumo – nem sobre a contenção dos créditos, mediante os quais deveria estimular-se a produção nacional.

A oposição destacou que, se o que se pretende é conter a demanda interna, ao aumentar os impostos que recaem sobre o consumo e pôr novos ônus sobre os salários, o resultado será menos demanda e menos arrecadação. E os mais afetados serão os setores frágeis da sociedade.

Esta é também a avaliação da Central Operária (PIT-CNT): “Este ajuste fiscal não difere substancialmente do de 1990, que para nós significou uma diminuição do poder aquisitivo dos salários e não solucionou os problemas que se pensava.”

**O alvo é a seguridade social** – Parece claro que as medidas aprovadas

até agora não dinamizaram a economia e o reajuste recairá sobre o consumo.

A coalizão de governo aponta, agora, para uma mudança da seguridade social. O tema está ligado, é claro, ao modelo do país. No Uruguai, a seguridade social chegou a ser um fator importante para eliminar contrastes sociais. Não obstante, através de uma longa e deficiente administração histórica (e com critérios de clientelismo eleitoral aplicados por partidos tradicionais), o sistema foi se desvirtuando. A isso se somou uma sonegação acentuada, desorganização administrativa, déficit e, ainda, além de tudo isso, as exigências dos organismos internacionais.

Em 1989, por exemplo, um empréstimo do Banco Mundial estabeleceu que deveria se aumentar o número de anos de trabalho para se obter a aposentadoria, embora – em aberta aceitação da demagogia – tenha assinalado que “o assunto poderia ser contraproducente dado o potencial de mudanças indesejáveis em um ano eleitoral”.

A Carta de Intenção ao Fundo Monetário de 1990 e o relatório feito pela equipe desse organismo em junho de 1992 recomendaram uma reforma com as mesmas orientações. Em geral, os projetos apresentados pelo governo do então presidente Luis Alberto Lacalle, que o Parlamento rejeitou, coincidiam – na essência – com uma diminuição dos benefícios de aposentadorias futuras, tal como determina o projeto do governo de Sanguinetti.

Embora, até pouco depois da eleição, os setores políticos defendessem a necessidade de buscar soluções com a participação de todos – em particular das organizações de trabalhadores, aposentados e empresários – o projeto do governo foi elaborado apenas por integrantes da coalizão. Nos pontos fundamentais dos seus 187 artigos, estabelece:

- aumento do tempo de serviço para o cálculo da aposentadoria;
- redução dos percentuais de aposentadoria em relação ao salário do trabalhador na ativa;
- aumento da idade mínima para ter direito à aposentadoria;
- eliminação do critério de comprovação de tempo de serviço, substituindo-o pela contribuição efetivamente registrada. Embora todos os setores concordem em combater a sonegação, os trabalhadores protestam diante da solução do governo denunciando que se pretende transformar o assalariado em polícia ou fiscal de seu próprio patrão, o que motivará represálias.
- um regime de poupança individual em cima de determinado valor. Desaparece a contribuição patronal e do Estado à previdência social. A poupança do trabalhador passa a ser administrada por fundos públicos ou privados.

Isso é só o começo do debate. E tudo leva a crer que, em um tema tão importante, a opinião pública não se dividirá (como na eleição passada) em três posições. E há uma comissão Nacional de Defesa da Seguridade Social, integrada pelo Encontro Progressista (que inclui a Frente Ampla), as organizações de aposentados, a Central Operária e o partido denominado Novo Espaço.

Diante da proposta do governo surgirão outras alternativas. Mas, o que realmente está em jogo são dois enfoques do país e de futuro. Um, próprio das orientações liberais, que confia na competitividade e no individualismo. Outro, que tenta conciliar uma ética social com as regras do mercado. ■

\*Jornalista uruguaio e deputado em seu segundo mandato pela Frente Ampla

<sup>1</sup>Sanguinetti, do Partido Colorado, ocupou a presidência de 1984 a 1988, no período de transição democrática posterior à ditadura, e foi eleito novamente para o cargo no pleito de novembro passado

<sup>2</sup>Tradicionalmente, dois partidos revezavam o poder no Uruguai: o Nacional (ou Blanco) e o Colorado, impondo um bipartidarismo que só foi rompido com o surgimento da coalizão Frente Ampla

# O 'paraíso' quer a independência

*Protestos de rua, manifestações pacíficas e artigos na imprensa local reacendem a discussão em torno do status do Havai, arquipélago anexado pelos Estados Unidos há quase cem anos*

**Johan Galtung\***

**Q**uase 100 anos depois de o Havai ter sido anexado aos Estados Unidos, um movimento pela sua independência está ganhando força nas ilhas. Os Estados Unidos e boa parte do mundo julgaram conveniente esquecer que o reino do Havai existia como uma entidade independente no século XIX. O reino tinha amplas relações diplomáticas e era membro da União Postal Internacional quando um "Comitê de Segurança Pública", composto por 13 importantes empresários norte-americanos, invadiu o arquipélago em 1895 com a ajuda da Infantaria da Marinha dos Estados Unidos.

A rainha do Havai, Lili'uokalani, não convocou à resistência armada devido à sua convicção de que Washington, como havia feito Londres 50 anos antes, se retiraria depois de dominar a situação. Mas a retirada não aconteceu e a rainha foi obrigada a abdicar, colocada sob prisão domiciliar, julgada por traição e encarcerada em seu próprio palácio, de janeiro a setembro de 1895.

O presidente norte-americano Stephen Grover Cleveland (1893-1897) rejeitou um tratado de anexação, mas depois dele vieram William McKinley e a política imperialista norte-americana de 1898.

**Genocídio cultural** – Os Estados Unidos se converteram em uma potência mundial depois da vitória na guerra contra a Espanha<sup>1</sup>.

Depois de 1945, o Havai foi colocado na lista de Territórios Não-Autônomos, das Nações Unidas. E em 1959, depois de um plebiscito, se converteu em um

estado norte-americano. Mas será esta decisão irreversível?

Se a população fosse constituída por 80% ou 90% de havaianos, esse território teria sido descolonizado e se tornando um país independente. Quando os brancos chegaram, em 1778, havia 800 mil havaianos, mas atualmente devido a um "genocídio estrutural" os "puro sangue" talvez sejam apenas cerca de quatro mil.

Houve poucas mortes diretas provocadas pela queda da rainha e a anexação: a maior parte da extinção da população autóctone do arquipélago se deveu às doenças levadas pelos homens brancos.

**Os verdadeiros donos da terra** – Ao mesmo tempo, se produziu a aculturação, comandada pelos missionários, que substituíram a religião indígena, as línguas e os divertimentos nativos impondo o cristianismo, o inglês e o beisebol. Isto, em síntese, se chama colonialismo.

Por essa razão é que, atualmente, não mais de 20% por cento da população do arquipélago têm "sangue" havaiano. Cerca de 30% da população são compostos por brancos, enquanto que a maioria é originária de outros países do leste asiático que vieram – eles ou seus antepassados – como mão-de-obra barata. Nenhum grupo racial ou cultural é majoritário. A atitude geral é de respeito mútuo pelas pessoas de diferentes culturas, o que torna o Havai um paraíso, construído graças aos havaianos nativos, os verdadeiros donos destas terras.

Historicamente, o arquipélago, cujo nome original é *Na Moku O Keawe*, pertence aos descendentes dos havaianos. Havai é o nome da maior ilha, cujos reis, entre 1810 e 1819, con-

seguiram unificar os habitantes de todo o arquipélago.

A pergunta é se para reparar os danos causados a este povo bastam desculpas, a restituição de algumas terras ou indenizações econômicas aos nativos havaianos. Na minha opinião, não.

Também são da mesma opinião os cada vez mais fortes movimentos pró-soberania, que provavelmente contam com a simpatia da maior parte da população. Para estes movimentos, a obtenção do reconhecimento da soberania implicaria o controle por parte dos havaianos sobre todo o arquipélago. Mas, neste caso, o que aconteceria com a atual população não-originária das ilhas, que é a maioria?

Uma possível solução para um Havai independente poderia ser a instauração de um legislativo bicameral, com uma câmara para todos os cidadãos havaianos, sem levar em consideração sua origem étnico-cultural e outra só para havaianos nativos, que teria poder de veto em questões básicas, como a das relações exteriores ou da redistribuição de terras.

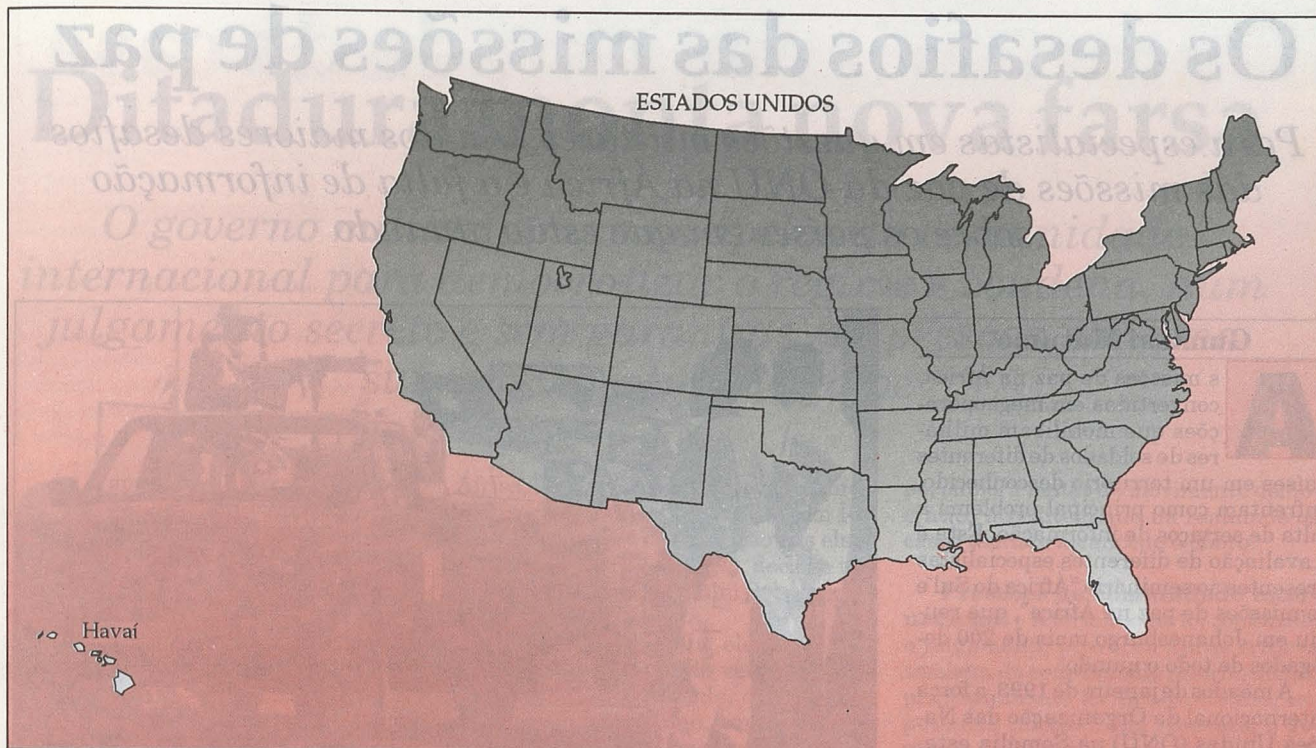
**Longo processo educativo** – Por outra parte, haveria dois idiomas oficiais (inglês e havaiano), assim como uma força policial e um sistema judiciário para os havaianos nativos, administrados por eles mesmos. Todas estas conquistas se dariam sem violência e mediante um longo e complexo processo educativo, conduzido pela própria população das ilhas.



Rainha Lili'uokalani: deposta pelos EUA

## AMÉRICA DO NORTE

ESTADOS UNIDOS



O Havaí está situado na Oceania. Anexado após a guerra dos Estados Unidos com a Espanha, no final do século passado, foi convertido em mais um estado norte-americano após um plebiscito realizado em 1959

A atitude do presidente Bill Clinton em novembro de 1993 poderia representar o começo de um interessante processo. Nessa oportunidade, seguindo os passos do ex-presidente Clive-land, Clinton pediu desculpas aos "havaianos nativos pela deposição do reino do Havaí pelos Estados Unidos".

O perigo de uma solução como a que mencionou-se antes é que se poderia cair de novo nos Estados Unidos no sis-

tema de "uma nação dentro de outra nação", como já aconteceu com as reservas de norte-americanos nativos. Este sistema cheira a *apartheid* e seria um insulto para o povo havaiano, opinam alguns independentistas.

O fato é que o movimento pró-independência se amplia e que mediante protestos de rua, demonstrações pacíficas de diversos tipos, artigos jornalísticos e intervenções praticamente diá-

rias em programas de rádio está conquistando cada vez mais adeptos.

O Havaí deveria ser incorporado à lista da ONU de Territórios Não-Autônomos, do mesmo modo que se fez em dezembro de 1986 por decisão da Assembleia Geral com o caso de Kanakia (chamado Nova Caledônia pelos franceses).

O processo independentista não pode parar, porque a consciência sobre si mesmos dos havaianos nativos desenvolveu muito. Esperamos que Clinton não seja sucedido por um presidente tipo McKinley e que os Estados Unidos permitam que o Havaí recupere a independência perdida há quase um século. ■



Os partidários da independência querem reincorporar o Havaí à lista das Nações Unidas de Territórios Não-Autônomos

\*Johan Galtung é catedrático do programa de Estudos sobre a Paz da Universidade do Havaí. É também professor da European Peace University.

Apesar de curta, a guerra entre os Estados Unidos e a Espanha em 1898 teve profundas consequências no Caribe. Derrotada, a Espanha reconheceu a independência de Cuba e "cedeu" Porto Rico e Guam, no Pacífico, a Washington. No caso das Filipinas, outra colônia espanhola, o presidente McKinley forçou Madri a "vender" o arquipélago aos EUA por 20 milhões de dólares.

As consequências político-econômicas da guerra não acabaram af: em 1903, Cuba foi forçada a assinar um tratado que tornou o país um virtual protetorado dos Estados Unidos. Quanto ao Havaí, o arquipélago foi anexado pelo Congresso norte-americano em 7 de julho de 1898 e transformado em território dos EUA em 1900, ano em que Porto Rico ganhou um autogoverno com poderes limitados.

# Os desafios das missões de paz

*Para especialistas em questões militares, um dos maiores desafios das missões de paz da ONU na África é a falta de informação sobre os países em que estão atuando*

## Gumisai Mutume

**A**s missões de paz na África, convertidas em megaoperações que mobilizam milhares de soldados de diferentes países em um território desconhecido, enfrentam como principal problema a falta de serviços de informação. Esta é a avaliação de diferentes especialistas presentes ao seminário "África do Sul e as missões de paz na África", que reuniu em Johannesburgo mais de 200 delegados de todo o mundo.

A meados de janeiro de 1993, a força internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) na Somália estava integrada por mais de 38 mil soldados, embora tenha sido reduzida a 24 mil em fevereiro deste ano, enquanto que mais de 20 mil *boinas azuis* supervisionaram as eleições no Camboja em 1993.

"Desde o início, as operações de paz foram difíceis de administrar, por serem *ad hoc*, ou seja, criadas apenas com este objetivo específico, e formadas pelas tropas disponíveis e voluntárias", destacou James Corum, da Escola de Estudos Avançados da Força Aérea dos Estados Unidos. Mas o maior problema que têm enfrentado, segundo ele, é a falta de serviços de informação adequados para municiar os altos comandos das Nações Unidas.

Não existem mecanismos segundo os quais a ONU possa solicitar informação aos países onde está atuando. Só para dar um exemplo, os Estados Unidos negaram informações à força de paz do organismo internacional destacada na Namíbia em 1989. Além disso, assinalou o especialista militar, as missões de paz carecem de supervisão técnica.

Segundo Corum, vários países em desenvolvimento têm enviado tropas para as missões de paz da ONU como forma de melhorar o salário de seus soldados, porque ali eles ganham 1.000 dólares mensais pela tarefa.



**Tropas da ONU na Somália: participação levantou muitas críticas**

**Falta de autoridade** - Outro problema levantado pelos especialistas militares presentes à reunião é que, no caso da Somália, por exemplo, as forças enviadas pelo organismo internacional não dispuseram de mapas corretos sobre a região até muito depois de iniciada a operação. Além disso, criticam, a ONU continua utilizando métodos ultrapassados de reconhecimento do terreno, como os binóculos.

O tenente Guy Tousignant, integrante da operação do organismo internacional em Ruanda em 1995, afirmou que "a forma como a informação é encarada em nossa missão é um bom exemplo da mentalidade escapista que permeia toda a estrutura da ONU. O comandante local carece de autoridade efetiva".

A operação na Somália, realizada entre 1992 e 1994, deixou transparecer outra grande dificuldade: a falta de cooperação e coordenação entre as forças militares e as organizações não-governamentais (ONG). "Essas entidades preferem não trabalhar com os militares, porque estes últimos são rigorosos com a questão da segurança e terminam limitando e restringindo as ativi-

dades das organizações, que querem mais independência", disse Corum.

Para os participantes da conferência, o mais importante é que a ONU adote uma posição clara sobre se vai intervir nos conflitos ou aguardar, como até agora, um acordo provisório entre as partes em conflito. O especialista em relações internacionais da Universidade de Lancaster, na Grã-Bretanha, Christopher Clapham, disse que, "se as missões de paz tentarem impor a paz, correm o risco de se envolver em um conflito sem fim".

As intervenções internacionais parecem ter dado bom resultado em pelo menos dois países africanos, Moçambique e Namíbia. Mas as mediações da Organização da Unidade Africana (OUA) no Chade em 1981-1982, da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental na Libéria desde 1990 e da ONU na Somália enfrentaram sérios problemas. "Em nenhum destes casos a operação esteve próxima de atingir seu objetivo de ajudar a estabelecer um Estado viável e um sistema político mediante a reconciliação das partes em conflito", concluiu Clapham.



# Ditadura monta nova farsa

*O governo militar ignora os apelos da comunidade internacional para democratizar o regime e condena, num julgamento secreto e sem garantias, 41 pessoas por uma suposta tentativa de golpe*

O governo militar dirigido pelo general Sani Abacha acaba de dar mais uma demonstração de desprezo aos direitos mais elementares, ao condenar 41 pessoas – num julgamento secreto e sem nenhum tipo de garantia de defesa – por participação em uma suposta conspiração golpista.

O julgamento provocou protestos generalizados. A Organização das Liberdades Cívicas e outros grupos democráticos nigerianos exortaram o general Abacha a anular as sentenças e “pôr fim imediatamente ao derramamento de sangue”.

O governo não divulgou os nomes dos que foram condenados como autores da tentativa de golpe, a qual, segundo as mesmas autoridades, teria sido descoberta em 1º de março. Tampouco informou a natureza das sentenças dadas – ou seja, a que pena cada um foi condenado – ao finalizar mês passado os processos. Em geral, porém, sabe-se que a tentativa de golpe é punida na Nigéria com a morte.

Entre os 23 civis e 18 militares condenados figuram os generais reformados Olusegun Obasanjo e Musa Yar'Adua, respectivamente presidente e vice-presidente do único regime militar na história do país que entregou, em 1979, o governo a autoridades civis eleitas em um processo democrático.

Obasanjo, designado recentemente embaixador da boa-vontade do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), dirige o Foro da

África, um grupo que promove a democratização do continente. Também foi um crítico severo da anulação das eleições presidenciais de 1993, decisão tomada pelo general Ibrahim Babangida, antecessor de Abacha.

Quanto a Yar'Adua, ele jogou seu peso político a favor do vencedor nas eleições, Moshood Abiola, que permanece preso há um ano, em condições precárias de saúde, segundo diversas denúncias. O ex-vice-presidente também teria provocado a ira do general Abacha ao tentar apressar, em uma convenção constituinte, a volta ao poder de autoridades civis. Como Yar'Adua foi detido na rede de supostos golpistas, a convenção constituinte deixou nas mãos de Abacha a determinação da data para que o exército volte aos quartéis.

Só dois dos 18 militares processados estavam no comando de tropas no momento de sua prisão, enquanto que o restante desempenhava funções administrativas. Segundo dados oficiais, 117 pessoas foram executadas desde 1976 sob a acusação de tentativa de golpe,

embora fontes do movimento democrático acreditem que na realidade os casos tenham alcançado o dobro.

**Pressões da comunidade internacional** – A forma como foi conduzido o julgamento provocou duras críticas também da comunidade internacional, principalmente da Grã-Bretanha, ex-potência colonial. Em resposta, o governo da Nigéria ameaçou expulsar duas transnacionais petrolíferas daquele país. O ministro do Petróleo nigeriano, Dan Etete, advertiu que “a hostilidade” da Grã-Bretanha põe em risco os interesses das companhias Royal Dutch Shell (britânico-holandesa) e British Petroleum.

As declarações de Etete foram uma reação à sugestão da ministra britânica do Desenvolvimento de Ultramar, Linda Chalker, de excluir a Nigéria da próxima reunião de cúpula da Commonwealth (Comunidade Britânica de Nações), em protesto contra o julgamento dos supostos golpistas.

Londres também tem cobrado do regime de Abacha o estabelecimento de um calendário para a democratização do país antes da reunião da Commonwealth, que acontecerá em novembro.

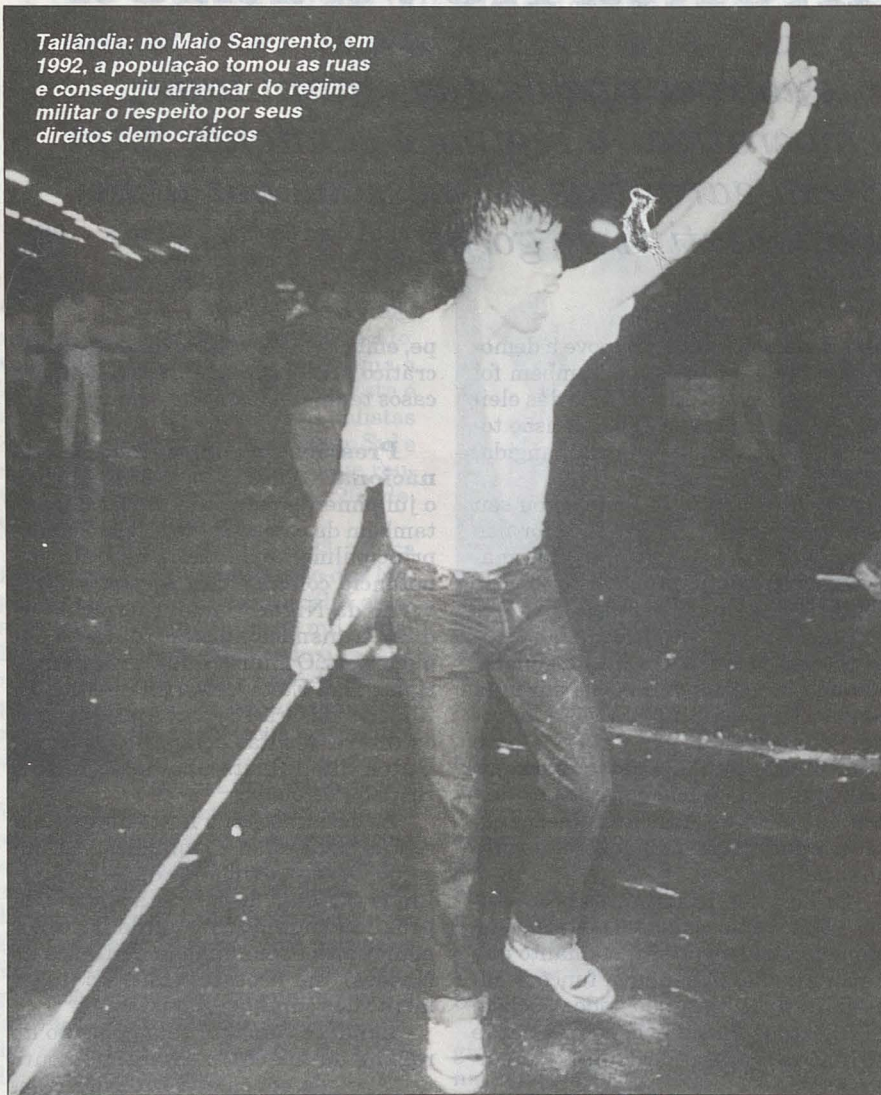
As exportações de petróleo da Nigéria somam anualmente entre 9 e 10 bilhões de dólares e são responsáveis por 90% da receita total em divisas. A companhia britânico-holandesa extrai a metade dos 1,8 milhão de barris de óleo cru produzidos por dia e sua atividade determina um terço do Produto Interno Bruto do país.



As manifestações foram proibidas após a anulação das eleições

# Autoritarismo à moda da casa

Tailândia: no Maio Sangrento, em 1992, a população tomou as ruas e conseguiu arrancar do regime militar o respeito por seus direitos democráticos



*As forças políticas conservadoras do continente asiático lançam uma ofensiva na tentativa de minar a credibilidade dos governos eleitos pelo voto e criticam as instituições democráticas ocidentais, rotulando-as de "inadequadas para os povos orientais"*

Walden Bello\*

**H**á pouco mais de três anos, no que mais tarde viria a ser conhecido como "Maio Sangrento", a população da Tailândia conquistou o respeito por seus direitos democráticos, violados pelo regime militar. O custo dessa luta em vidas humanas foi alto: 44 mortos e pelo menos 39 pessoas desaparecidas.

Mas a frustração criada pelo ineficiente governo democrático do primeiro-ministro Chuan Leek-Pam fez com que, nas recentes eleições do início de julho, os tailandeses votassem em massa no partido da oposição, liderado por Banharn Silpa-archa, que é o novo *premier*.

Ao ser confirmada sua vitória, Banharn afirmou que governará em coalizão com os seis partidos que o apoiaram e fará do combate à miséria a principal meta da sua administração. Para isso, redistribuirá de forma mais equitativa a riqueza entre as províncias e descentralizará o governo, ao mesmo tempo em que incentivará a transformação da Tailândia em um grande centro comercial para a Indochina.

Tampouco é positivo o primeiro balanço da jovem experiência democrática nas Filipinas. Em maio passado, se realizou pela terceira vez eleições para o Senado desde a expulsão, há nove anos, do ditador Ferdinando Marcos. Mas o pleito esteve marcado pela violência e por uma maciça compra de votos, o que confirmou a opinião de muitos cidadãos de que simplesmente haviam sido testemunhas de outra luta entre as facções da elite filipina.

De qualquer forma, se fosse perguntado a filipinos e tailandeses se estão dispostos a trocar sua situação pela de outros asiáticos que vivem ainda sob variadas formas de autoritarismo – por exemplo em Cingapura, Malásia, Indonésia e Brunei – provavelmente muito poucos responderiam afirmativamente.

A rebelião dos filipinos em fevereiro de 1986 e o Maio Sangrento dos tailandeses em 1992 foram pontos destacados da onda de democratização que se estendeu no leste da Ásia, em fins da década de 80. Também nessa época

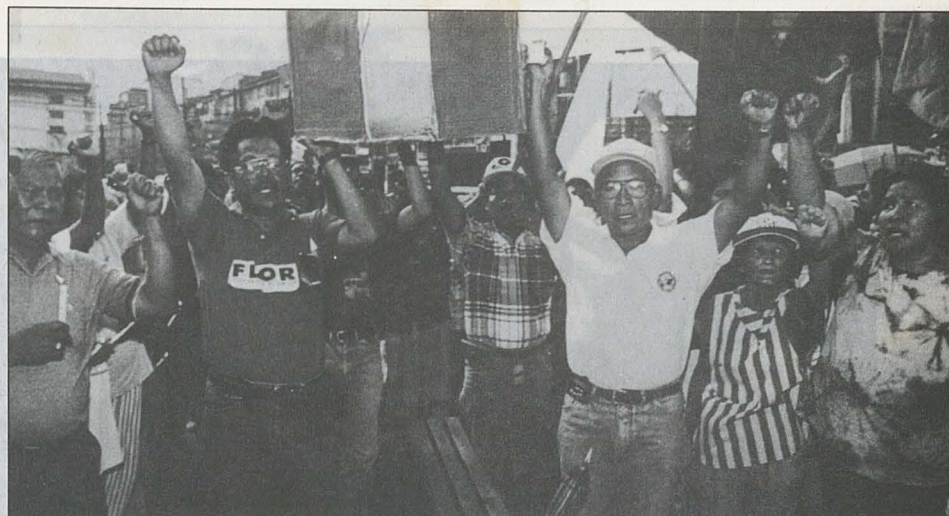
ocorreram a Ofensiva Democrática da Primavera, na Coreia em 1987, que derrubou o regime militar de Chun Doo-Hwan, e o começo de um irreversível processo de democratização em Formosa que acabou com o monopólio político do Kuomintang.

**O modelo de Cingapura** – Em todos esses fatos ficou claro que a população, e em particular a crescente classe média, se cansou de viver oprimida por políticos, autoridades desacreditadas e corruptas ditaduras militares ou civis.

Com o fim da Guerra Fria, se verificou também a retirada do apoio dos Estados Unidos a regimes de direita. Embora por um lado o Maio Sangrento tenha servido para libertar o povo tailandês, por outro desencadeou uma contra-ofensiva de direita na Ásia oriental. Os grupos autoritários se sentiram ameaçados pelo que consideravam um “vírus” democrático.

Lee Kwan-Yew, de Cingapura, surgiu como uma figura importante neste contragolpe antidemocrático. No entanto, embora tenha criado uma sofisticada justificativa ideológica para seu governo autoritário, seu cenário não se estendia além da ilha-Estado de Cingapura.

Mas em 1992 Lee renunciou como primeiro-ministro de Cingapura e começou uma segunda carreira como porta-voz da chamada “democracia asiática” ou do “modo asiático de governar”. A mensagem de Lee era simples: em primeiro lugar, as instituições democráticas ocidentais que levam ao extremo a liberdade do indivíduo frente ao Estado seriam inadequadas para os



Filipinas: a execução em Cingapura da doméstica Flor Contemplación gerou protestos

“povos orientais”, que buscam a felicidade e a liberdade através do “grupo social” e não indo contra ele.

Em segundo lugar, ainda segundo sua filosofia, a competição nos moldes democráticos poderia fazer descarrilar o processo de crescimento a alta velocidade que caracterizou as economias do leste da Ásia durante as últimas décadas. Lee propôs, além do mais, a universalização do sistema político que havia construído em Cingapura, na qual os direitos individuais são concedidos condicionalmente pelo partido-Estado, que se reserva o direito de limitá-los em nome do “bem comum”.

**Direitos individuais em baixa** –

Os argumentos de Lee foram adotados por outros membros da Associação dos Estados do Sudeste da Ásia (Asean) e também, de certa forma, pelas elites governantes da China e do Vietnã.

Mas, atualmente, a contra-ofensiva ideológica dos regimes autoritários

perdeu força devido a uma sucessão de fatos recentes. O principal foi a execução em Cingapura da empregada doméstica filipina Flor Contemplación, cuja culpa era duvidosa e por quem o presidente filipino Fidel Ramos pediu clemência em duas ocasiões. Sua morte fez com que a atenção se concentrasse, como nunca havia acontecido antes, na justiça e no sistema político de Cingapura.

Para a maior parte da opinião pública mundial, a imagem do regime de Cingapura apareceu como a de uma ditadura empenhada em permanecer no poder através de uma eficiente manipulação da polícia, da justiça, dos meios de comunicação e do tecido social.

A Indonésia é outro caso em que se viram frustradas as expectativas de que o crescimento econômico conduziria a uma liberalização política. O governo do general Suharto – que tomou o poder mediante um sangrento golpe em 1965 – reprimiu duramente o movimento operário, fechou três dos principais jornais do país e pôs em marcha no território ocupado de Timor Leste uma campanha de terror a cargo de grupos patrocinados pelos militares indonésios. Tudo isso ocorreu no final do ano passado.

Enquanto os regimes autoritários caíram num crescente descrédito, as democracias na Tailândia, Filipinas, Coreia do Sul e Formosa retomaram seu prestígio. Apesar de suas imperfeições, elas são vistas como sistemas políticos avançados em relação a seus vizinhos que ainda vivem sob normas restritas dos direitos individuais.



Indonésia: regime marcado pela repressão e ocupação de Timor Leste

\* Walden Bello é co-diretor da organização Focus on the Global South, com sede em Bangcoc e catedrático em Sociologia na Universidade das Filipinas



## A igualdade ainda distante

*Na Suécia, onde a metade do atual ministério é composta pelo sexo feminino, também falta muito para as mulheres conquistarem a igualdade*

**Mona Sahlin\***

**8** de março. No Dia Internacional da Mulher, as suecas mandaram um recado: "Chega de nos discriminar".

Têm razão: chegou a hora de ganharem salários iguais aos dos homens e conquistar a metade do poder, que lhes corresponde por direito. É preciso acabar também com uma maneira de pensar, segundo a qual os homens têm sempre prioridade neste mundo e as mulheres uma importância secundária. E eliminar a idéia de que toda lei em defesa dos direitos femininos é uma concessão que os homens lhes fazem.

Pessoalmente, não paro de me espantar diante do tratamento injusto que ainda recebem as mulheres, que, na Suécia, representam 51% da população.

A média salarial masculina é muito mais alta que a feminina. Mais ainda: cerca de três mil mulheres ocupam pos-

tos de gerente na indústria privada, enquanto existem 31 mil homens em cargos similares.

A metade dos membros da Confederação de Sindicatos da Suécia é do sexo feminino, mas apenas 13% dos dirigentes sindicais são mulheres. A Igreja protestante da Suécia tem 13 bispos e todos eles são homens. Em nossas universidades há 2.000 professores do sexo masculino e apenas 150 mulheres.

Estes são alguns poucos, mas bons exemplos de uma democracia "defeituosa". A mensagem pela igualdade real já lançada pelas mulheres suecas será levada à Quarta Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher, a realizar-se em setembro em Beijing, capital da China.

Já às vésperas do século XXI é tempo de analisar o ocorrido em 1985, quando se realizou em Nairóbi a Conferência Mundial da ONU sobre a Mulher. Em Nairóbi as nações do mundo

aprovaram um plano de ação de longo alcance cujo objetivo era conseguir a igualdade entre mulheres e homens a nível internacional, regional e nacional. Mas ficou muito por fazer, segundo se constata claramente nos relatórios divulgados pela Reunião de Cúpula Mundial da ONU sobre Desenvolvimento Social, realizada de 6 a 12 de março passado, em Copenhague.

**A pobreza tem cara de mulher** - Entre outras coisas, esses informes mostram que, dos 1,3 bilhão de pobres existentes no mundo, cerca de 70% são do sexo feminino. Por outro lado, as mulheres continuam escassamente representadas nos organismos que tomam decisões em todo o mundo, possuem só uma pequena parte dos recursos econômicos do planeta e têm comparativamente menos instrução e menos acesso aos serviços sanitários de saneamento básico que os homens.

Como assinalou em Copenhague Pierre Shori, ministro sueco de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional, há muito tempo as mulheres têm responsabilidades sem poder e os homens poder sem responsabilidades. Já é hora de mudar este ultrapassado panorama mundial e fazer com que todos, incluindo os homens, percebam que a desigualdade afeta não só as mulheres mas a sociedade como um todo.

As mulheres não podem se preocupar em defender seus direitos apenas quando são agredidas fisicamente pelos homens. Também devem protestar por serem discriminadas no mercado de trabalho — onde não podem competir com os homens pelos cargos de maior influência e por salários mais altos — e pelo fato de que em muitas partes do mundo não gozam dos mais elementares direitos humanos.

**Igualdade não custa caro** — As condições de vida das mulheres variam segundo as partes do mundo em que elas habitam, mas todas têm um problema comum: em todos os lados estão subordinadas aos homens e são eles



EUA: Congresso conservador ameaça direitos já conquistados pelas mulheres

que mandam. E nos lugares em que os homens são oprimidos, a opressão que sofrem as mulheres é ainda pior. As nações do mundo promoveram reuniões em Nova Iorque para negociar um plano de ação a ser adotado na Conferência Mundial de Beijing.

Este plano cobrirá um número de áreas vitalmente importantes

para mulheres e homens em todo o mundo. Entre outras coisas, deve indicar como pôr em prática a aplicação dos direitos humanos também para mulheres e como fazer para que elas compartilhem o poder político e participem ativamente dos organismos que tomam decisões. Também é preciso estabelecer os meios para combater a violência contra as mulheres e para que estas possam ter acesso aos recursos econômicos e ao poder de um modo totalmente diferente do atual.

A posição da Suécia é que cabe aos governos assegurar que o conceito de igualdade permeie toda a vida política. Também defende que a igualdade entre homens e mulheres necessariamente não custará mais dinheiro.

Houve algum caso de custo extra quando em fins do ano passado, com a vitória social-democrata, se formou um governo no qual a metade dos membros são mulheres? Não. A igualdade não é precisamente uma questão de mais recursos, mas de poder político e democracia.

Continuaremos trabalhando na preparação da Cúpula de Beijing e, como um dos países pioneiros no mundo em matéria de igualdade entre homens e mulheres, seguiremos acelerando a marcha, porque há muito por fazer, inclusive na Suécia, em quase todos os campos, para que se ponha um fim à injusta situação atual.

\* Mona Sahlin é vice-primeiro-ministro da Suécia e titular do Ministério encarregado da questão da igualdade entre mulheres e homens

## Rumo a Beijing

Amenos de um mês da realização da Quarta Conferência da ONU sobre a Mulher, ativistas de vários países apresentaram uma nova lista de prioridades com o objetivo de renovar a desgastada retórica do fortalecimento do gênero. O documento de 60 páginas, elaborado pelo foro de Women's Linkage Caucus, critica o plano de ação esboçado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e questiona o neoliberalismo que orienta em muitos países as decisões no campo social, político e econômico.

Coordenado pela Organização Mulher, Meio Ambiente e Desenvolvimento (Wedo), o texto reflete a visão de mais de 200 mulheres de todas as regiões do mundo e complementa as reivindicações de organizações não-governamentais para a conferência sobre a mulher que se realizará em Beijing, capital da China, em setembro.

O relatório propõe que a reunião internacional estabeleça como temas prioritários as políticas macroeconômicas, a redução da dívida, o comércio e as corporações transnacionais, a ajuda ao desenvolvimento e a desmilitarização.

Além disso, pedem uma discussão mais ampla sobre a discriminação de gênero, raça e de classe implícita nos programas neoliberais adotados em todo o mundo.

A ênfase do documento na discriminação étnica contrasta com o projeto de plano de ação da ONU, no qual só constam algumas leves referências ao tema. O documento das mulheres cita o racismo como obstáculo central para a conquista dos direitos civis, econômicos, sociais e sexuais da mulher. "Não vejo como se pode falar de discriminação e opressão de gênero sem levar em conta como interage com a raça", disse Andayie, ativista da Guiana.

# Outro mergulho na história

**A**gosto. Um mês que entrou para a história com a estréia da mais devastadora invenção já criada pelo ser humano: a bomba atômica. Lançada pelos Estados Unidos nas cidades de Hiroxima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto de 1945, respectivamente, com o pretexto de abreviar o fim da guerra, o cogumelo mergulhou o mundo na era nuclear, com conseqüências que se estendem até hoje.

A data estimula uma reflexão e leva, mais uma vez, **cadernos** a abordar um tema que, pela sua complexidade, não podemos esgotar em apenas um número: a II Guerra Mundial.

Apesar do tempo decorrido, o conflito, que redesenhou o mapa político e econômico mundial, não está mumificado em antigas peças de museu. Ao contrário: a cada ano, devido a novos contextos políticos ou à liberação de informações até então secretas, a II Guerra ganha diferentes leituras.

Nesse sentido, o exemplo mais significativo talvez tenha sido o recente reconhecimento por parte das potências



Stalingrado: na frente soviética, começou a derrocada dos alemães

ocidentais do papel que desempenhou a União Soviética na vitória aliada contra os nazistas, epopéia praticamente ignorada até hoje e que **cadernos** traz à tona nesse especial. Por último, e também com o sentido de reavivar a memória principalmente das novas gerações, publicamos um bloco com uma síntese biográfica dos principais personagens que detiveram nas mãos o destino de milhões de vidas nos cruciais anos de 1939-45.

# O cogumelo da morte

*Há 50 anos, a explosão das bombas atômicas em Hiroxima e Nagasaki lançava o mundo na era nuclear*

## Marco André Balloussier

**E**m 1905, um jovem cientista alemão, chamado Albert Einstein, publicava um artigo intitulado "Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento". Era o ponto de partida da famosa Teoria da Relatividade, expressa na equação  $E=mc^2$  ("todo o corpo possui uma energia equivalente à sua massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz").

Essa relação entre energia e massa foi a base de todo o desenvolvimento posterior da física nuclear. A afirmação teórica de Einstein seria dramaticamente confirmada muitos anos depois. As explosões atômicas que abalaram as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki em agosto de 1945 eram o resultado da liberação de uma formidável quantidade de energia, a partir da desintegração de uma partícula mínima de matéria.

**O Projeto Manhattan** – Quando a Segunda Guerra Mundial começou, em setembro de 1939, físicos nucleares de diversas nações desenvolviam pesquisas que poderiam levar, mais cedo ou mais tarde, à produção da bomba atômica. Mas os desdobramentos do conflito proporcionaram aos Estados Unidos a primazia na invenção e utilização do terrível artefato.

A Alemanha nazista era, obviamente, um dos países mais interessados na fabricação da bomba. Mas suas pesquisas foram prejudicadas pela evasão de muitos cientistas para o exterior, principalmente para os EUA. Além disso, um ataque espetacular de comandos anglo-noruegueses, em abril de 1942, destruiu uma usina de água-pesada que os nazistas mantinham na Noruega, praticamente paralisando o programa nuclear alemão.

Assim, só Estados Unidos reuniam as condições propícias para o desenvolvimento de um programa nuclear.

Além de acolher um grande número de cientistas refugiados, o país localizava-se fora das zonas de combate, e era o único em condições de financiar o caríssimo projeto.

Embora o então já consagrado Einstein tivesse alertado o presidente Franklin Roosevelt, em carta datada de 1939, sobre o perigo da Alemanha construir uma bomba atômica, foi somente a partir de 1942 que Washington acelerou sua corrida nuclear, com o desenvolvimento do "Projeto Manhattan".

Colocado sob controle do Exército, o projeto era chefiado pelo general Leslie Groves, e tinha como base principal o Laboratório de Los Alamos, construído num deserto do Novo México. Entre os inúmeros cientistas envolvidos, destacaram-se o dinamarquês Niels Bohr, o italiano Enrico Fermi e o norte-americano Julius Robert Oppenheimer, considerado o pai da bomba atômica.

Unidos, e outra se perdeu no cruzador *Indianapolis*, torpedeado por um submarino japonês. As duas restantes tiveram o destino já bastante conhecido: as cidades de Hiroxima e Nagasaki.

Hiroxima foi a primeira a ser atingida, no dia 6 de agosto de 1945. Um dos sobreviventes relatou: "Inicialmente parecia um relâmpago, num céu sem nuvens. Mas a onda de calor que surgiu segundos depois começou a derreter tudo o que era sólido, telhados, paredes, casas inteiras. Todos os seres humanos que se encontravam nas proximidades da área em que a bomba detonou foram incinerados e deles só restou a silhueta nos calçamentos das ruas, como se fosse o negativo de uma fotografia."

Embora não haja números precisos, as estimativas giram em torno de 150 mil vítimas em Hiroxima e 60 mil em Nagasaki, onde a segunda bomba foi lançada no dia 9 de agosto. Muitos ainda viriam a morrer nos anos seguintes, em consequência de doenças causadas pela radiação.

Com a morte de Franklin Roosevelt em abril de 1945, quem tomou a decisão de autorizar o bombardeio foi o seu vice, Harry Truman. Seu objetivo era intimidar não apenas o inimigo Japão, mas também a União Soviética, pois já se previa um esfriamento nas relações entre os EUA e a URSS no pós-guerra.

Grande parte da opinião pública mundial considerou o ato um verdadeiro crime de guerra. Até hoje se discute sobre a necessidade do ataque, que provocou a morte de milhares de civis. Muitos o consideram inclusive uma atitude racista, questionando se a bomba teria sido usada contra a Alemanha, caso tivesse ficado pronta antes da sua rendição.

A polêmica estabelecida este ano nos Estados Unidos, em torno da exposição do *Enola Gay*, o avião que lançou a bomba atômica sobre Hiroxima, demonstra claramente que este ataque ainda é uma das feridas não cicatrizadas da Segunda Guerra Mundial. ■

*O objetivo de Truman era não apenas intimidar o inimigo Japão, mas também a União Soviética, pois já se previa um futuro esfriamento entre as duas potências no pós-guerra*

**O "Enola Gay" lança sua carga** – Em meados de 1945, depois de consumir cerca de US\$ 2 bilhões, o Projeto Manhattan apresentava seus frutos: quatro bombas atômicas foram construídas. Uma foi testada no deserto de Alamogordo, em território dos Estados

# A Grande Guerra Patriótica

*Meio século depois de terminado o conflito de 1939-45, o mundo reconhece o papel decisivo desempenhado pela União Soviética na derrota do nazismo*



Depois de destruir um tanque inimigo, soldados soviéticos perseguem os alemães

## Roberto Bardini

**E**ra uma velha dívida pendente. No dia 9 de maio, em um jantar no Palácio do Kremlin, em Moscou, em comemoração ao 50º aniversário do fim da II Guerra Mundial, os principais líderes do mundo – entre os quais estavam Bill Clinton, John Major, François Mitterrand e Helmut Kohl – reconheceram, com cinco décadas de atraso, o papel decisivo da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na derrota final do nazismo.

A guerra custou à Grã-Bretanha 410 mil vidas e aos Estados Unidos, 250 mil. Ao contrário de seus momentâneos aliados, a URSS sofria a guerra em seu próprio solo. Ao final do conflito, haviam morrido 20 milhões de soviéticos: alguns em confronto direto; outros, em consequência da fome, doenças e do frio.

Clinton rendeu uma homenagem “ao heroísmo e à honra do povo soviéti-

co em todo o seu sofrimento” e admitiu que a Guerra Fria “obscureceu a capacidade dos Estados Unidos de valorizar o sacrifício”. Major, por sua vez, manifestou que esse “sacrifício teve tal magnitude que até hoje é muito difícil para nós avaliá-lo completamente”.

O reconhecimento do presidente norte-americano e do primeiro-ministro britânico foi uma “confissão para o Ocidente”, assinalou o jornal argentino *Clarín*. Principalmente para “os que durante décadas assistiram aos filmes de Errol Flynn e acreditavam que na Segunda Guerra Mundial os maiores protagonistas haviam sido os norte-americanos”. E acrescentou: “A história que Hollywood ocultou é a da resistência e do heroísmo do povo soviético, o primeiro a infligir uma derrota ao poderoso exército de Hitler.”

**A operação Barba Roxa** – Segundo uma antiga lenda alemã, o imperador Frederico I, que participou na III

cruzada cristã contra o Islã, ressuscitaria um dia para aniquilar “os pagãos do Ocidente”. O monarca era conhecido pelo apelido de *Barba Roxa*. Sob este nome de código, às 3h30min do dia 22 de junho de 1941, a Alemanha iniciou uma violenta invasão à União Soviética. Adolf Hitler tinha declarado que “queria incendiar a Rússia e fazer o mundo perder a respiração”.

Em 22 de agosto de 1939, a Alemanha e a URSS tinham assinado um pacto de não-agressão<sup>1</sup>. No ano seguinte – segundo relata o general Franz Halder, em *Hitler as a war lord* – o *führer* reuniu seu estado-maior e comentou seus planos futuros: “Nosso próximo objetivo deve ser a destruição da Rússia e, quanto mais rápido ela seja esmagada, melhor. O ataque só alcançará seu objetivo se arrasarmos o país de um só golpe.”

Joseph Stalin, o homem forte da URSS, não esperava a invasão. Em 1936, havia realizado um expurgo em massa entre os oficiais do Exército Vermelho, principalmente nos altos escalões. Sem saber, naquele momento se privava de quadros qualificados que teriam sido chaves no esboço de uma estratégia de defesa.

O ataque das tropas alemãs foi demolidor. Existem relatos que descrevem como os guardas de fronteira, despertados pelo barulho dos tanques, foram fuzilados ao sair de seus postos, correndo semivestidos em meio à fumaça. Não havia nenhuma resistência organizada. Durante dias, os alemães penetraram quase sem oposição. A força defensiva era grande, mas não tinha orientações. Passado um mês, os exércitos de Hitler percorreram 480 quilômetros de uma frente de 1.600 de extensão, desde a Finlândia até o Mar Negro.

Em 3 de outubro de 1941, eufórico, Hitler transmitiu a seguinte mensagem: “Hoje declaro – e o faço sem reser-



vas – que o inimigo no Leste foi derrotado e nunca mais se levantará.” Equivocava-se e esse erro o levaria ao desastre total, em maio de 1945. Obcecado com a ocupação de Leningrado e Stalingrado, as duas cidades “sagradas” do comunismo, o *führer* não podia prever que, menos de quatro anos depois, os soviéticos não apenas se colocariam de pé, mas começariam a andar e chegariam às portas da própria sede do governo em Berlim.

**A passividade dos aliados** – Até o momento da invasão alemã à URSS, a participação das potências capitalistas de primeira linha não era tão ativa. Os Estados Unidos, por exemplo, ainda não haviam declarado a guerra ao Japão (isso só ocorreu em dezembro de 1941).

Anatoli Davidenko, candidato a doutor em Ciências Militares, na Rússia, defende a tese de que o “componente anti-soviético e anticomunista da ideologia nazista tinha partidários nos círculos políticos e militares dos EUA e Grã-Bretanha, o que explica certa dualidade na política desenvolvida pelas cúpulas governantes desses países”. Acrescenta que “os aliados preferiam ficar na espera, travar ações de combate em teatros secundários e evitar confrontos com grandes concentrações de forças inimigas”.

A correspondência de Stalin ao primeiro-ministro inglês, Winston Churchill, está cheia de cobranças: “Os alemães transferiram uma divisão após outra para o Leste, onde nosso povo derrama muito sangue defendendo a pátria contra o crescente poderio dos nazistas (...). Só quando a Grã-Bretanha abrir uma segunda frente é que teremos certeza de sua amizade (...). Quando virá a ajuda da Grã-Bretanha?”

**A URSS contra-ataca** – No dia 17 de agosto de 1941, o general alemão Halder escrevia em seu diário: “Subestimamos a Rússia. Pensávamos que tinham 200 divisões e já identificamos 360.” Além disso, entrou em jogo um fator que, mais de cem anos antes, tinha causado a derrota do poderoso exército francês de Napoleão: o implacável “general” inverno, com temperaturas que ultrapassavam os 20 graus abaixo de zero.

A batalha pela conquista de Stalingrado durou seis meses e terminou com



Das ruínas de um edifício recapturado, um jovem russo sai com prisioneiros alemães

o aniquilamento das forças invasoras. Simultaneamente, o cerco a Leningrado – que durou mais de 900 dias e durante o qual morreram milhões de habitantes de fome, cansaço e frio – mostrava outra faceta do caráter russo que Hitler subestimava: a capacidade de resistir.

Em fevereiro de 1942, o Exército Vermelho convocou todos os homens de 16 a 55 anos e as mulheres de 16 a 45. No verão de 1943, os soviéticos passaram à ofensiva e, depois de ter enfrentado as tropas alemãs a apenas 30 quilômetros da Praça Vermelha, em Moscou, se converteram em uma força imbatível rumo à Alemanha.

Durante anos, a história ocidental relatou que o general Dwight Eisenhower, comandante das Forças Armadas dos EUA e futuro presidente, “cedeu” ao Exército Vermelho o privilégio de entrar em Berlim em maio de 1945. A verdade é que as tropas norte-americanas, inglesas e francesas que disputavam esse privilégio não conseguiram se adiantar à “torrente” soviética. Um exemplo: em janeiro desse ano, antes de entrar em Varsóvia, o Exército Vermelho liberou em apenas um só dia 2.000 aldeias polonesas.

**A frente principal** – “A guerra entre a URSS e a Alemanha resultou num confronto implacável: dois sistemas sociais opostos se enfrentaram até à morte, o que determinou o caráter encarniçado e violento dos combates na frente soviético-alemã”, afirma Davidenko.

De junho de 1941 até maio de 1945, a frente soviético-alemã foi a principal

da II Guerra. Às vezes, sua extensão alcançava mais de seis mil quilômetros, quadruplicando a extensão de todos os demais teatros de operações terrestres durante o conflito. A intensidade dos combates, a qualidade e quantidade de armas utilizadas tampouco resistiu a menor comparação com outras frentes.

Quando o exército alemão invadiu a URSS, mobilizou 95% de suas forças terrestres. Posteriormente, quando a guerra abriu uma segunda frente na Europa ocidental e o alto comando alemão deslocou para lá suas tropas, manteve entre 65 e 70% de seus efetivos contra o Exército Vermelho, enquanto destacava entre 30 e 35% para combater os aliados.

Dos 1.400 dias que durou a Grande Guerra Patriótica, 1.300 (93% do tempo) foram de duros combates. A campanha da África do Norte durou 973 jornadas, mas só 309 (30% do tempo) foram de hostilidades. Assim, se explica que o Terceiro Reich perdesse 75% de seus efetivos na frente soviético-alemã.

A guerra deixou enormes perdas econômicas para a União Soviética, incomparáveis às do resto dos países europeus aliados. Porém, para a maioria do povo russo, a Grande Guerra Patriótica é um capítulo quase lendário de sua história. Os relatos de luta e heroísmo estão vivos na memória popular, inclusive nos adolescentes, cujos pais nasceram depois do conflito de 1939-45.

<sup>1</sup> O tratado de não-agressão germano-soviético foi uma surpresa para a maioria dos partidos comunistas do mundo e provocou numerosas divisões. Durante anos, depois de concluída a guerra, os ideólogos explicaram que foi uma manobra de Stalin para ganhar tempo

# Um adversário especial

*Marcada pela audácia e correção, a atuação de Otto Skorzeny, chefe das SS, considerado "o homem mais perigoso da Europa", recebeu o reconhecimento inclusive dos seus adversários, que o inocentaram no tribunal de Nüremberg*

**A**queles ataques nos mostravam o perfeito treinamento dos soldados russos. Lutavam como leões. O povo russo tinha muita astúcia, talvez mais do que o nosso", escreveu em suas memórias o legendário coronel Otto Skorzeny, das tropas de Assalto das SS, que participou da invasão da URSS em 1941.

Esse tributo tem grande valor porque Skorzeny, um combatente "não-convenicional", que ganhou fama com o espetacular resgate do Duce Benito Mussolini em setembro de 1943, era considerado pelos aliados como "o homem mais perigoso da Europa". Foi ferido em ação em diferentes ocasiões e várias vezes condecorado com a Cruz de Ferro pelo seu valor. Sua autobiografia, intitulada *Viver perigosamente*, foi traduzida em várias línguas e se transformou em livro de estudo nas academias militares dos Estados Unidos, URSS, Grécia, Turquia, Suíça e, inclusive, Israel.

"Durante o inverno, os soviéticos enviaram para um setor de bosques várias patrulhas bem treinadas", relata em suas memórias. "Infiltravam-se através de nossas posições amparando-se na escuridão da noite. Em certas ocasiões, se jogavam de aviões que voavam a baixa altura, o que lhes permitia saltar sem pára-quadras. Aquelas tropas, altamente eficientes, nos deram muito trabalho."

**Audácia** - Austríaco e engenheiro de profissão, Skorzeny ingressou no exército como voluntário aos 31 anos de idade. Antes, havia se dedicado à esgrima, iatismo, aviação e automobilismo. Também tinha viajado pela Europa inteira. Media 1,90 m e tinha o rosto repleto de cicatrizes por causa dos duelos a sabre travados em sua época universitária.

Acerca de sua campanha na União Soviética, escreveu: "Apro-

veitei para conhecer mais a fundo o país e as pessoas que o habitavam. Resistia à idéia de viver aquela época como um simples soldado de um exército de ocupação. Desejava conhecer os seres que me rodeavam, pensando que, dessa forma, talvez pudesse compreendê-los." Ele sabia, melhor do que ninguém, que o heroísmo não tem nacionalidade nem é patrimônio de nenhuma ideologia.

Em dezembro de 1944, Skorzeny provocou um verdadeiro caos atrás das linhas norte-americanas na Bélgica. Alguns de seus comandos, que falavam inglês, usaram uniformes e jipes capturados ao exército dos EUA, e cortaram comunicações, inverteram cartazes de sinalização, tiraram placas que advertiam sobre campos minados e disseminaram rumores contraditórios. O general Dwight Eisenhower se transformou em um virtual prisioneiro de seu próprio quartel-general por medo de ser assassinado.

**A última missão** - No início de 1945, Skorzeny recebeu sua última ordem: deter o avanço soviético rumo a Berlim. Para isso, contava com apenas 15 mil homens, dos quais apenas mil poderiam ser qualificados de comba-

tentes: os sobreviventes de seus comandos, entre os quais havia noruegueses, dinamarqueses, holandeses, belgas, franceses e, inclusive, russos. O restante eram adolescentes de 15 anos e velhos de 60. Apesar disso, enfrentou uma força de 270 mil invasores e conseguiu resistir durante um mês.

Nessa época, além dos adversários externos, Skorzeny enfrentava novos inimigos internos, no estado-maior do exército e no Partido Nacional Socialista. Todos se opuseram à sua promoção a general.

O tribunal de Nüremberg, que julgou os crimes de guerra nazistas, não conseguiu responsabilizar Skorzeny por nenhum excesso. Seu advogado de defesa, o tenente-coronel norte-americano Robert Durst, lhe garantiu: "Estou convencido de sua inocência. Sei que você não tem nada a ocultar e lutarei com todas as minhas forças para inocentá-lo como se fosse meu irmão."

O comandante Forrest Yeo-Thomas, da Real Força Aérea inglesa, prestou um testemunho chave acerca do correto desempenho de Skorzeny e, inclusive, chegou a oferecer-lhe um apartamento em Paris para que pudesse viver depois de "vencidas as dificuldades" do julgamento.

Skorzeny abriu uma empresa de exportação-importação na Espanha e se dedicou a fazer negócios com êxito, como quase tudo o que empreendia. Em 1975, pouco antes de sua morte, concordou em ser entrevistado pelo escritor russo Julien Semionov, autor de romances de guerra e espionagem.

Durante 50 anos, Hollywood produziu centenas de filmes sobre a espetacular ação de comandos norte-americanos na II Guerra Mundial, a maioria fictícias. As audaciosas - e reais - ações de Skorzeny nunca foram levadas à tela. (R.B.)



Skorzeny: o "homem mais perigoso da Europa"

## Hitler, o cabo que se converteu em 'Führer'

**A**dolf Hitler nasceu em Braunau (Áustria), em 20 de abril de 1889. Filho de um funcionário público, não terminou os seus estudos secundários. Em 1907, se mudou para Viena, onde tentou ingressar na Academia de Belas Artes. Sem profissão definida, conheceu a pobreza e, em 1913, se transferiu para Munique (Alemanha). Um ano depois, explodiu a I Guerra Mundial e se alistou como voluntário: foi promovido a cabo e condecorado com a Cruz de Ferro.

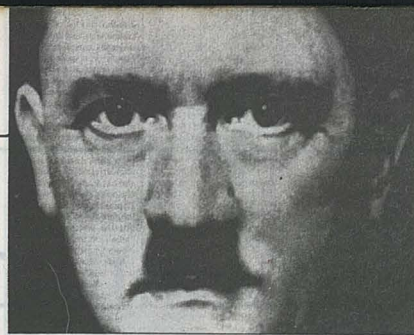
Depois da derrota alemã, Hitler ingressou na política. Em 1919, se filiou ao Partido dos Trabalhadores Alemães. Sua oratória exaltada o converteu em líder da organização, a qual transformou em Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Em 1923, foi condenado a cinco anos de prisão, depois de uma frustrada tentativa – conhecida como “O *putsch* da cervejaria” – de derrubar o governo da Re-

pública de Weimar. Só cumpriu nove meses da pena, mas aproveitou para escrever *Mein Kampf* (“Minha Luta”), que se transformaria na base ideológica do nazismo.

Hitler saiu da prisão, em dezembro de 1924, com a idéia de transformar seu partido em um instrumento para levá-lo ao poder pela via constitucional. Seu plano foi favorecido pela crise de 1929, que desestabilizou a Alemanha, política e economicamente.

O medo ao comunismo e o bom desempenho dos nazistas favoreceram a que ele fosse designado chanceler, em 30 de janeiro de 1933. Quando o presidente Hindenburg morreu, em agosto de 1935, Hitler uniu a chancelaria com a presidência, assumindo o título de *führer* (líder). A partir daí, utilizou todos os métodos possíveis para eliminar a oposição.

Consolidado no poder, pôs em prática diretrizes militaristas e expansionistas que acabariam por mergulhar o mundo



na II Guerra Mundial. A princípio, teve êxito: quase toda a Europa foi anexada à Alemanha. Em nome da superioridade da raça ariana, uma das doutrinas expostas em *Mein Kampf*, milhões de seres considerados inferiores (judeus, ciganos, eslavos) morreram nos campos de concentração. Mas sua decisão de invadir a União Soviética, em junho de 1941, foi catastrófica. Nas estepes geladas da Rússia, ficou enterrado o mito da invencibilidade do exército alemão.

Em julho de 1944, quando se aproximava o colapso do nazismo, Hitler se salvou de um atentado organizado por altos oficiais do exército, descontentes com o destino que a condução da guerra reservava à Alemanha. Na madrugada de 29 de abril de 1945, com os soviéticos já entrando em Berlim, Hitler se casou com sua amante, Eva Brown. No dia seguinte, ambos se suicidaram. (Marco André Baloussier)



## Mussolini, do socialismo ao fascismo

**B**enito Almicare Andrea Mussolini nasceu em 29 de julho de 1883, em Dovia (Itália). De família humilde – seu pai era ferreiro e sua mãe professora primária – cresceu em um ambiente impregnado de idéias anarquistas e socialistas. Depois de uma curta carreira no magistério, participou de movimentos de esquerda e, em 1912, foi nomeado editor de *Avanti!*, o periódico do Partido Socialista.

Em novembro de 1914, Mussolini foi expulso do partido por defender a participação italiana na I Guerra Mundial, posição contrária à orientação oficial. Fundou seu próprio periódico, *Il Popolo d'Italia*, e continuou defendendo suas posições belicistas.

Em 1919, depois do fim da I Guerra Mundial, criou o primeiro de vários *Fascio di Combattimento*, grupo forma-

do por ex-combatentes, esquerdistas desiludidos e marginais. A esta altura, já era anti-socialista e partidário de uma ditadura militar.

Em 1921, Mussolini foi eleito para o Parlamento e os *Fascio di Combattimento* se unificaram no Partido Fascista. Apesar de seu fraco desempenho eleitoral, os fascistas foram vistos com simpatia por muitos setores, pois seus métodos violentos eram considerados como a única forma de conter os esquerdistas.

Em 1922, milhares de militantes fascistas fizeram uma demonstração de força, na chamada Marcha sobre Roma. O rei Vítor Manuel III, disposto a aceitar um governo fascista, convidou Mussolini para assumir o cargo de *premier*. Com os fascistas no poder, as eleições de 1924 se realizaram sob um clima de terror. A partir de 1925, se instaurou a ditadura fascista. Mussolini

era o chefe de Estado e de Governo: o ‘Duce’, líder de todos os italianos.

Durante a II Guerra, sua aliança com Hitler levou a Itália a participar de um conflito para o qual não estava preparada. Suas derrotas na África do Norte e nos Balcãs o transformaram em um sócio incômodo para a Alemanha.

Quando os aliados invadiram a Itália, em julho de 1943, Mussolini foi destituído e preso, e o novo governo começou a negociar a rendição. Por ordens de Hitler, e em uma operação de grande audácia, foi resgatado por um comando alemão, em setembro de 1943, e instalado como chefe da chamada República de Saló, no norte do país, ocupado pelos alemães.

Em 28 de abril de 1945 foi preso quando tentava fugir para a Suíça e fuzilado por guerrilheiros da resistência. Seu cadáver e o de sua amante, Clara Petacci, foram expostos em uma praça de Milão. (M.A.B.)

## Churchill, líder de iniciativas arrojadas

**W**inston Leonard Spencer Churchill nasceu em 30 de novembro de 1874, em Oxfordshire (Inglaterra). Filho de um político e neto do duque de Marlborough, concluiu brilhantemente o curso do Colégio Militar. Abandonou a carreira das armas em 1899 para dedicar-se à política e ao jornalismo. Ao perder sua primeira eleição, foi para a África do Sul e fez reportagens sobre a Guerra dos Boers, onde ganhou fama depois de uma espetacular fuga de um campo de prisioneiros.

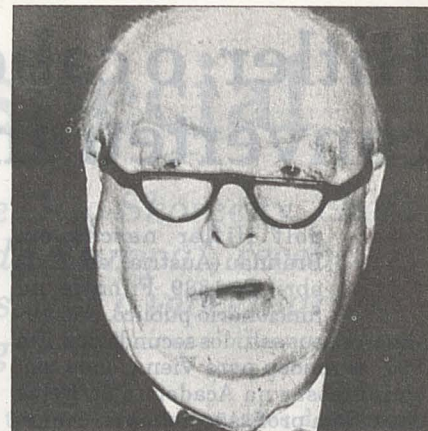
Em 1900, Churchill foi eleito para o Parlamento pela primeira vez. Ocupou diversos cargos no governo e, em 1909, foi designado ministro das Finanças. Em 1914, quando começou a I Guerra Mundial, ocupava o cargo de Primeiro Lorde do Almirantado. Sob sua iniciativa, os aliados empreenderam uma operação militar nos Dardanelos (Turquia), que terminou em um completo fiasco. Ficou momentaneamente afastado do poder, mas em 1917 retornou, como ministro das Comunicações, no governo de Lloyd

George. Anticomunista ferrenho, apoiou a contra-revolução na Rússia e se confessou admirador de Mussolini.

Durante a década de 30, Churchill não ocupou nenhum posto no governo, convertido em um político isolado e desprestigiado, acusado de “fomentador de guerras”. Em 1931, quando muitos consideravam acabada sua carreira, o deputado trabalhista Harold Nicholson disse: “Ele é um homem feito para iniciativas arrojadas. Quando a Inglaterra estiver em situação de desespero, Churchill será convocado mais uma vez para assumir a liderança do país.”

Este momento chegou em maio de 1940, quando a França foi derrotada e todo o peso da formidável máquina de guerra alemã apontava para a Grã-Bretanha. Com a renúncia de Chamberlain, Churchill se transformou no primeiro-ministro que iria liderar a Inglaterra até o final da Segunda Guerra Mundial. Sua determinação inspirou o povo britânico a resistir.

Apesar de seu notório anticomunismo, não hesitou em aliar-se à União So-



viética contra o inimigo comum. Churchill foi um dos grandes artífices da vitória dos aliados em maio de 1945. Mas em julho daquele ano sofreu a maior desilusão política de toda sua longa carreira: o Partido Trabalhista obteve uma vitória estrondosa nas urnas e Churchill foi obrigado a renunciar.

Durante os seis anos em que permaneceu afastado do poder, se destacou por sua retórica anticomunista. Em 1946, em um famoso discurso em Fulton (EUA), lançou a expressão “cortina de ferro” para referir-se à esfera de influência da União Soviética na Europa Oriental.

Churchill voltou a ocupar o cargo de primeiro-ministro de 1951 a 1955. Morreu em 24 de janeiro de 1965, em Londres. (M.A.B.)

## Hirohito, um semideus derrotado

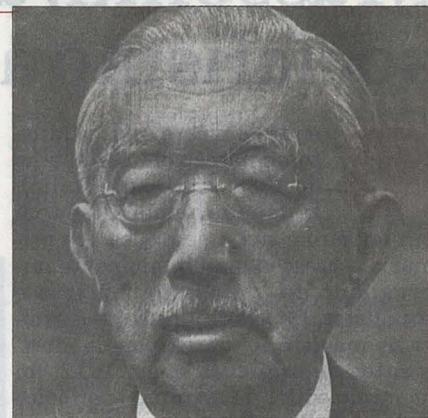
**M**ichinomiya Hirohito nasceu em 29 de abril de 1901, em Tóquio. Em 1925, se converteu no 124º imperador do país. No início de seu longo e tumultuado reinado, o Japão foi dominado por uma corrente de militares ultranacionalistas, que invadiram a China, dominaram as colônias europeias na Ásia e provocaram uma guerra com os Estados Unidos, pela disputa de hegemonia no Pacífico.

Durante o conflito mundial, ficou evidente o caráter semidivino que a figura do imperador possuía no imaginário japonês. Raramente, os soldados japoneses se deixavam cair prisioneiros,

resistindo até o fim, pois consideravam uma honra dar a vida pelo imperador. O mesmo fizeram, nos anos finais da guerra, os célebres pilotos suicidas, conhecidos como *kamikazes*.

Quando a derrota já era inevitável, Hirohito estava a favor de uma paz negociada, mas encontrava resistência entre os militares. O Japão só se rendeu depois dos bombardeios atômicos sobre Hiroxima e Nagasaki, quando o monarca declarou: “O prosseguimento da guerra não nos dá a menor esperança de êxito. Decidi, portanto, eu mesmo, sem nenhuma influência alheia, ordenar o fim das hostilidades.”

Hirohito não foi deposto depois da



rendição porque os Estados Unidos consideravam conveniente mantê-lo no trono. Como imperador – embora destituído do poder – chegou a ver o Japão renascer das cinzas e transformar-se na segunda potência econômica do planeta. Morreu em janeiro de 1989, deixando como sucessor seu filho Akihito. (M.A.B.)

## Stalin, o homem de aço

**I**osif Vissarionovich Djugashevili nasceu em 21 de dezembro de 1879, em Gori (Geórgia). De família muito humilde – pai sapateiro e mãe lavadeira – foi destinado à carreira religiosa. Em 1894, entrou para o seminário de Tiflis, de onde foi expulso cinco anos depois. Em 1900, se iniciou na luta política revolucionária.

Até 1917, sua vida esteve marcada pela clandestinidade e por uma série de prisões. Em uma delas, em 1913, adotou o pseudônimo pelo qual seria conhecido: Stalin (“homem de aço”).

Stalin participou dos preparativos da Revolução de Outubro e, depois do triunfo, integrou o primeiro governo soviético, como presidente do Comissariado das Nacionalidades.

Durante a guerra civil que se seguiu à revolução, foi designado comandante das forças revolucionárias em Tsaritsin. Ali, por questões de estratégia militar, teve sua primeira divergência com León Trotsky. Em 1925, Tsaritsin foi rebatizada de Stalingrado (cidade de Stalin), denominação que foi mantida até 1961, quando passou a chamar-se de Volgogrado.

Em 1924, quando morreu Lenin, líder indiscutível da revolução, começou a disputa pelo poder entre Stalin e Trotsky, da qual saiu vitorioso “o homem de aço”. Tinha sido eleito secretário-geral do Partido Comunista em 1922 e aproveitou muito bem o cargo para dominar o aparelho partidário.

Contrariando toda a tradição internacionalista do bolchevismo, defendida por Trotsky, Stalin queria – inicialmente – construir o socialismo apenas na União Soviética. Sua maior preocupação foi o desenvolvimento e, através de planos quinquenais, conseguiu um grande avanço da indústria pesada.

Em 1929, começou no campo um processo de coletivização forçada das terras, onde os *kulaks* (“camponeses ricos”) foram executados ou deportados em massa. Entre 1936 e 1938, Stalin e seus colaboradores eliminaram do partido e das fileiras militares todos os antigos dirigentes revolucionários de 1917. Muitos foram mortos ou deportados.

A assinatura do polêmico Pacto de Não-Agressão com a Alemanha, em 1939, não garantiu a Stalin salvar a URSS do expansionismo de Hitler, que atacou o país em junho de 1941. Passou

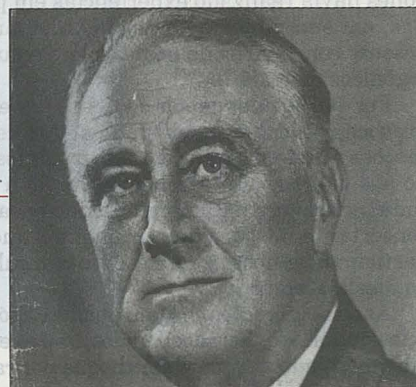


bastante tempo antes que o dirigente soviético reagisse e enfrentasse a invasão. Em junho de 1941, Stalin pronunciou o famoso discurso da “terra arrasada”, clamando o povo a destruir tudo o que pudesse ser aproveitado pelo inimigo.

A chamada Grande Guerra Pátria libertou o país, a um custo de mais de 20 milhões de vidas, e terminou por levar os soviéticos até as portas de Berlim.

Esta extraordinária vitória militar redefiniu a política mundial do pós-guerra. Na Conferência de Yalta (fevereiro de 1945) Roosevelt e Churchill estiveram de acordo em que a URSS estendesse sua área de influência sobre toda a Europa Oriental.

Stalin morreu em 5 de março de 1953, em Moscou. Seu sucessor, Nikita Krushev, iniciou um processo de “desestalinização” da URSS. (M.A.B.)



## Roosevelt, o criador da superpotência

**F**ranklin Delano Roosevelt nasceu em 30 de janeiro de 1882, em Nova Iorque. Membro de uma tradicional família nova-iorquina, foi senador e governador de seu estado até que, em outubro de 1932, foi eleito presidente dos Estados Unidos, no momento em que o país vivia a pior crise econômica e social de sua história. Sua vitória representou a volta do Partido Democrata ao poder, já que durante a década de 20 o governo federal esteve em mãos dos republicanos.

Para tirar o país da crise, Roosevelt implementou um programa de reformas conhecido como *New Deal*,

derrubando o mito de que o Estado não deveria interferir na atividade econômica. Seu êxito lhe garantiu uma fácil reeleição em 1936. Em 1940, conseguiu uma proeza inédita na história dos EUA: reeleger-se para um terceiro mandato.

Apesar de sua simpatia pela Grã-Bretanha e França, os Estados Unidos se mantiveram formalmente neutros durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. Com o ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, e a declaração de guerra alemã, Roosevelt mobilizou as Forças Armadas em duas frentes: o Pacífico e a Europa Oriental. Durante o conflito, a produ-

ção bélica norte-americana alcançou níveis extraordinários.

Para debater as questões cruciais da guerra – e também o ordenamento do mundo após o seu término – Roosevelt se reuniu com seus aliados, Churchill e Stalin, nas Conferências de Teerã (1943) e Yalta (1945).

Em 1944, foi reeleito para um quarto mandato, mas seu estado de saúde já era bastante precário. Morreu em 12 de abril de 1945, pouco antes da vitória final dos aliados. Depois de 12 anos ininterruptos de governo de Roosevelt, os Estados Unidos saíram da guerra como a maior superpotência do planeta. (M.A.B.)

# Crime e perdão

*O 50º aniversário do fim da II Guerra não deveria ser um momento para recriminações, mas uma ocasião para aprender a não cometer os mesmos erros*

**Mark Sommer\***

**O** 50º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial deveria ser uma ocasião para analisar as causas de tão trágico conflito e reconsiderar as atrocidades cometidas por todas as partes envolvidas no conflito.

Na Europa, em meio às festividades pela vitória lograda pelos aliados no dia 8 de maio de 1945, grupos neonazistas afirmaram, entre outras coisas, que o holocausto nunca existiu. Nos Estados Unidos, uma exposição do Smithsonian Institute, exibindo o avião que lançou a bomba atômica sobre Hiroxima, foi alterada depois de provocar protestos de grupos veteranos de guerra. Segundo eles, a exposição questionava a utilização dessa arma tão letal contra populações civis indefesas.

No Japão foram recebidas com indignação as recentes revelações de que uma unidade do Exército Imperial japonês havia realizado experiências em populações urbanas, em sua maioria chinesas, infectando milhares de pessoas com o vírus da peste, cólera e outros agentes patogênicos mortais.

Por que 50 anos depois destes horrores sua recordação provoca respostas ambivalentes? Até certo ponto, essas reações refletem sentimentos reprimidos entre os aliados do pós-guerra, mas também revelam a luta interna em cada sociedade e em cada indivíduo para assimilar a desconcertante mistura de sentimentos que faz com que os participantes nesta guerra se sintam culpados e vítimas, ao mesmo tempo.

As comemorações chegam quando, após décadas de bom relacionamento, Estados Unidos, Japão e Alemanha estão entrando cada vez mais em choque por razões econômicas e se vêem abalados internamente pelo surgimento de uma forte xenofobia. Ambos os fenômenos, naquela época, foram os principais responsáveis por aquele conflito.

**Japão: o renascimento do militarismo** – Em meio a um clima de insegurança econômica e de instabilidade política, o antes adormecido movimento militarista japonês tocou um ponto sensível desse povo, que está cansado de manter uma atitude cuidadosamente cultivada de vergonha por seu papel na guerra e gratidão para com os ocupantes norte-americanos. O título do *bestseller* escrito por um ex-presidente da empresa Sony – *O Japão que pode dizer não* – expressa o atual estado de ânimo de muitos japoneses. Ao recordar mais Hiroxima e Nagasaki do que Pearl Harbor ou Nanking muitos japoneses se vêem, antes de tudo, como vítimas.

Por outro lado, para os norte-americanos as recordações da Segunda Guerra são menos ambivalentes. Ela é lembrada como “a última guerra boa” e como um conflito

onde os Estados Unidos, que estavam ao lado dos “anjos”, obteve uma vitória contra o “diabo”. Para muitos norte-americanos, aquela foi uma guerra justa, enquanto que a do Vietnã resultou num lamaçal moral.

As recentes afirmações de alguns historiadores norte-americanos de que não havia necessidade militar de lançar as bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasaki provocaram indignação entre os conservadores e veteranos de guerra. Poucos norte-americanos se fazem a pergunta, ainda sem resposta, de por que se decidiu jogar essas bombas sobre populações civis e não, como forma de intimidação, em um lugar deserto ou no meio do mar. Se a bomba não tivesse sido lançada, teríamos podido retardar a era nuclear durante décadas.

**Alemanha: a volta dos neonazistas** – Já para os alemães de hoje, o 50º aniversário da guerra que eles começaram é uma data que, em geral, gostariam de esquecer. Toda a sensação de culpa que poderiam sentir pelo papel de seus compatriotas nessa guerra se vê agora eclipsada pelas delícias e dissabores de uma opulenta sociedade consumista. No entanto, apesar de sua rápida ascensão à estratosfera econômica, muitos alemães do leste e do oeste ainda são obcecados por resquícios de culpa não-resolvidos ou por ressentimentos acumulados durante estas décadas.

Desde a queda do Muro de Berlim, surgiram na Alemanha movimentos neonazistas, que alimentam com sua ideologia grupos de *skinheads* em todo o mundo. O êxito desses grupos se deve não só ao desespero de uma crescente classe marginal, como também à complacência de alguns alemães conservadores que, silenciosamente, compartilham alguns sentimentos expressados pelos *skinheads*.

A maior parte dos alemães, japoneses e norte-americanos nascidos depois da guerra não têm muito conhecimento nem muito interesse por essa época, nem aceitam que os culpem pelos pecados cometidos por seus pais ou avós, o que é compreensível.

O 50º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial não deveria ser uma ocasião para recriminações, mas uma oportunidade para aprender a não cometer os mesmos erros. Como não temos cumprido nossas responsabilidades coletivas e individuais em relação a essa guerra, se registra um ressurgimento do que de pior havia naquela época.

Pode haver perdão para atos tão monstruosos como os cometidos na Segunda Guerra? Talvez não. Mas, é possível viver, coletiva e individualmente, sem esse perdão? ■

\*Mark Sommer é pesquisador associado do Programa de Estudos sobre a Paz e os Conflitos da Universidade da Califórnia, Berkeley, e autor de livros sobre o tema

# O ÚNICO JEITO DE QUATRO CORPOS OCUPAREM O MESMO ESPAÇO



Para você entender como 4 corpos ocupam o mesmo espaço, não é necessário consultar nenhum livro de Física. Basta ler a REVISTA DO MERCOSUL. A única publicação 100% bilíngüe (português/espanhol), que trata dos mais importantes acontecimentos e de toda a movimentação

de negócios e acordos que envolvem esta integração.

Lendo a REVISTA DO MERCOSUL, você literalmente tem tudo nas mãos para realizar ótimos negócios. E quanto a isso não precisa se preocupar, pois o que não falta neste mercado é espaço para você ocupar.

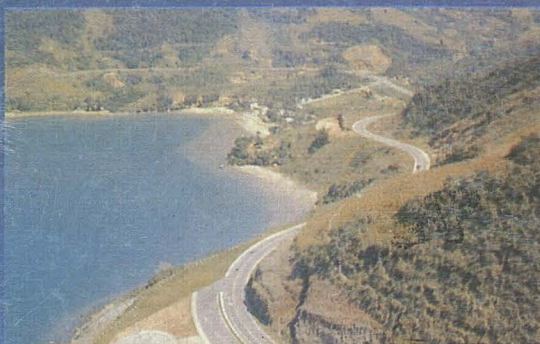
**REVISTA DO MERCOSUL.  
O MUNDO DOS NEGÓCIOS  
ESTÁ NAS SUAS MÃOS**

REVISTA DO  
**Mercosul**

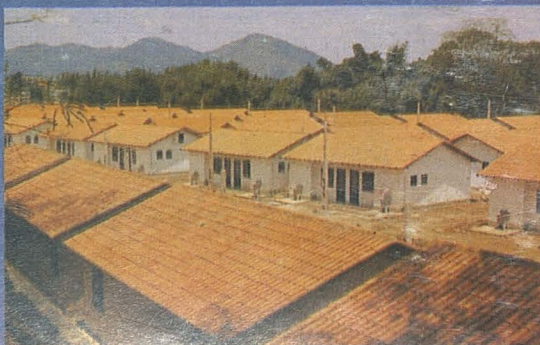
# QUEM TEM TECNOLOGIA E EXPERIÊNCIA NÃO ESCOLHE A OBRA



1987 Granja Comari (Teresópolis) - CBF



1966/68 Rio-Santos (Angra dos Reis) - DNER



1992 Conj. Hab. São Maria (Carapó Grande) - Pref. do Rio

Uma empresa com experiência no exterior; que conhece como ninguém a variedade de solos da topografia brasileira; que constrói aeroportos, escolas, sambódromos, estradas, barragens, estádios de futebol, está pronta para qualquer desafio.

Por trás desta empresa, um nome e uma data: Affonseca, 41 anos de experiência.



Presente onde está o futuro.

CONSTRUTORA AFFONSECA S.A.

Rua México, 21 - 8º andar - CEP 20031-144 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: (021)210-1343 Fax.: (021)262-6698 Telex: 21-22686